ISSN 2358-3320



Edit 14

Redação





Carta do editor

O pensamento traz a verdade ao homem, aquele que pensa consegue ouvir a voz do coração.

O olhar atento pode revelar pequenos segredos, como a chama de uma única vela pode iluminar uma sala.

Fixe os olhos e os pensamentos para que o seu coração o leve para uma viagem de mistérios e segredos.

Editor Erick Wolff8



Capa fotografada por Erick Wolff.

Nota - todas as fotos que contem artigos religiosos, os mesmos não passaram pela sacralização.

REFLEXÃO SOBRE ALGUNS MITOS, DO LIVRO "MITOLOGIA DOS ORIXÁS"

Um estudo das fontes
24/05/2013

Erick Wolff

RESUMO

O objetivo deste texto é estudar alguns mitos polêmicos, publicados no livro *Mitologia dos Orixás*, apresentados sem informante ou fonte exata, os quais geram conceitos discutíveis no campo religioso.

INTRODUÇÃO

Alguns mitos geraram conceitos equivocados e em alguns casos até desconfiguram o *àse* das divindades envolvidas nestes mitos, comprometendo o culto e a própria divindade, por isso se fez importante a apresentação das fontes para que possam perceber o risco com a verdade nos mitos apresentados.

O mito que segue possui as devidas referencias que está de acordo com o conceito e *àse* da divindade, confira;

Xangô vence Ogum na pedreira (p. 286 à 287)

Xangô e ogum sempre lutaram entre si,
ora disputando o amor da mãe, Iemanjá,
ora disputando o amor da amada, Oxum,
ora disputando o amor companheira, Iansã.
Lutaram no começo do mundo e ainda lutam agora.
Ogum usa da sua forca física e das armas que fabrica,
Xangô usa da estratégia e da magia.

Ambos são fortes e valentes,
ambos são guerreiros temidos.
Mas só uma vez Xangô venceu Ogum na luta.
Numa disputa que travavam por Iansã,
ora a batalha pendia para um lado,
ora pendia para o outro.
Ninguém conseguia prever o final,
ninguém podia apostar que seria o vencedor.
Foi então que Xangô apelou para a astúcia,
como é de seu feitio numa hora dessa.
Conduziu a batalha como quem se retirava
e, sem que Ogum percebesse, Xangô o atraiu para a pedreira.
Foi então que Xangô apelou para a magia,
como é de seu feitio numa hora dessa.
Quando Ogum estava bem no pé a montanha de pedra,
Xangô lançou seu machado oxé de fazer raio
e um estrondo se ouviu.
Com o trovão veio abaixo uma avalanche de pedras
e as pedras soterraram o desprevenido Ogum.
Xangô vencera Ogum na pedreira,

Que desde então foi considerada o elemento de Xangô.
Xangô venceu Ogum naquele dia,
Única vez que alguém venceu Ogum.
Mas esse dois filhos de Iemanjá seguem lutando ainda,
ora disputando o amor da mãe, Iemanjá
ora disputando o amor da amada, Oxum,
ora disputando o amor da companheira, Iansã.

[161] Xangô vence Ogum na pedreira
Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, São Paulo, 1989.

Narrado por Pai Doda Aguéssi Braga, babalorixá do Ilê Ossaim Darê, São Paulo.

Como podemos ver, a referencia informa ser uma pesquisa de campo em São Paulo, traz o nome da casa pesquisada e o informante, o que mostra ser este mito uma tradição desta casa, e cujo informante poderá ser consultado a qualquer tempo, para esclarecimentos.

Os mitos a seguir devem ser desconsiderados e perigosos, gerando conceitos equivocados para a nossa cultura, recebendo como credito de "pesquisa de campo".

Bará aprende a trabalhar com Ogum (p. 54 à 55)

Bará era um menino muito esperto.
Todo mundo tinha receio de suas artimanhas.
Ele enganava todo mundo,
queria sempre tirar sua vantagem.
Sua mãe sempre o repreendia
e o amarrava no portão da casa
para ele não ir para a rua fazer traquinagem.
Bará ficava ali na porta
Esperando alguém se aproximar
e então pedia seus favores,
fazia suas artes se divertia,
Só deixava passar quem lhe desse alguma coisa.

Sua mãe então chamou Ogum e disse a ele
para ficar junto com Bará e dele tomar conta.
Ogum era responsável e trabalhador.
Ogum Avanagã sempre ficou morando com Bará
Junto eles moram na porta da casa e se dão bem.
Bará continuou um menino danado,

mas com Ogum aprendeu a trabalhar.
Agora ele ainda se diverte com todos,
mas para todos faz o seu trabalho.
Todos procuram Bará para alguma coisa.
Todo mundo precisa dos favores de Bará.

[12] Bará aprende a trabalhar com Ogum.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, Porto Alegre, 1994.

Bará, corruptela de Elegbra, é o nome pelo qual Exu é referido no batuque, a religião dos orixás do Rio Grande do Sul, onde o nome de Exu é exclusivo da Umbanda e designa entidades cultuadas na linha da quimbanda, que se acredita trabalharem para mal.

Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã (p. 91 à 92)

Oxaguiã, rei de Ejigbô, o Elejigbô,
chamado "Orixá-Comedor-de-Inhame-Pilado",
inventou o pilão para saborear mais facilmente
seus prediletos inhames.
Todo o povo de seu reino adotou sua preferencia.
Todo o povo Ejigbô comia inhame pilado.
E tanto se comia inhame em Ejigbô
que já não se dava conta de plantá-lo.
E assim, grande fome se abateu sobre o povo de Oxalá

Oxaguiã foi consultar Exu,

que mandou fazer sacríficos
e procurar o ferreiro Ogum,
que naquele tempo vivia nas terras de ijaxá.
O que podia fazer ogum
para que o povo de Ejigbô tivesse mais inhame?,
consultou Oxaguiã.
Ogum pediu sacríficos e logo deu a solução.
Em sua forja, Ogum fez ferramentas de ferro.
Fez enxada e o enxadão, a foice e a pá,
fez o ancinho, o rastelo, o arado.
"Leve isso ao seu povo, Elejigbô
e o trabalho na plantação vai ser mais fácil.
Vão colher muitos inhames,
mais do que agora quando planta, com as mãos", disse Ogum.
E assim foi feito e nunca se plantou tanto inhame
e nunca se colheu tanto inhame.
E a fome acabou.

O povo de Ejigbô, agradecido, cultuou Ogum
e ofereceu a ele banquetes de inhames e cachorros,
Caracóis, feijão-preto regado com azeite-de-dendê e cebolas.
Ogum disse a Oxaguiã:
"Na casa de seu pai todos se vestem de branco,
por isso também assim me visto para receber oferendas".
E o povo o louvava
E Ogum ficou feliz.
E o povo cantava:
"A Kaja lónì fun Ògúnja mojuba".
"Hoje fazemos sacrifícios de cachorros a Ogum,
Ògúnja Ogum que come cachorro, nós te saudamos".

Oxaguiã disse a Ogum:
"Meu povo nunca há de se esquecer de sua dádiva.
Dê-me um laço de seu abadá azul, Ogum,
para eu usar com o meu axó funfun, minha roupa branca.
Vamos sempre nos lembrar de Ògúnja".
E, do reino de Ejigbô
até as terras de ijexá,
Todos cantaram e dançaram.

[34] Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, salvador, 1994.

O mito dá razões para o uso de roupa branca por Ogunjá, qualidade de Ogum, e para o uso de algum pedaço de azul na roupa branca de Oxaguiã. Para Mestre Didi, Deoscóredes Maximiliano dos Santo, Oxaguiã é um Oxalá com um pouquinho de azul e Ogunjá é um Oxalá com bastante azeite-de-dendê.

Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça (p. 112 à 113)

Oxóssi é irmão de Ogum
Ogum tem pelo irmão um afeto especial.
Num dia em que voltava da batalha,
Ogum encontrou o irmão temeroso e sem reação,
cercado de inimigos que já tinham destruído quase toda a aldeia
e que esravam prestes a atingir sua família e tomar suas terras.
Ogum vinha cansado de outra guerra,
mas ficou irado e sedento de vingança.

procurou dentro de si mais forcas para continuar lutando
E partiu na direção dos inimigos.
Com sua espada de ferro pelejou até o amanhecer.

Quando por fim venceu os invasores,
Sentou-se com o irmão e o tranquilizou com sua proteção.
Sempre que houvesse necessidade
ele iria até seu encontro para auxiliá-lo.
Ogum então ensinou Oxóssi a caçar,
a abrir caminhos pela floresta e matas carradas.
Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça,
sem a qual a vida é muito mais difícil.
Ogum ensinou Oxóssi a a defender-se por si próprio
e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente.
agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra.
Ogum fez de Oxóssi o provedor.
Oxóssi é irmão de Ogum.
Ogum é o grande guerreiro.
Oxóssi é o grande caçador.

[52] Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Oxóssi ganha de Orunmila a cidade de Queto (p. 116)

Um certo dia, Orunmilá precisava de um pássaro raro
para fazer um feitiço para Oxum.
Ogum e Oxóssi saíram em busca da ave pela mata adentro,
nada encontrando por dias seguidos.
Uma manhã, porém, restando-lhe apenas um dia para o feitiço,
Oxóssi deparou com a ave e
percebeu que só lhe restavam uma única flecha.
Mirou com precisão e a atingiu.
Quando voltou para a aldeia,
Orunmilá estava encantando e agradecido com o feito do filho,
sua determinação e coragem.
Ofereceu-lhe a cidade de Queto para governar até sua morte,
fazendo dele o orixá da caça e das florestas.

[53] Oxóssi ganha de Orunmila a cidade de Queto.

Fonte informada: Rita de cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo.

Oxóssi é feito rei de Queto por Oxum (p. 125)

Oxóssi ia para a caçada
buscar comida para sua gente
quando avistou Oxum nas águas doces.
Encantou-se imediatamente com sua beleza,
com seu deslumbramento nas águas cintilantes.

Oxóssi entrou no rio para alcançar o orixá
e lá ficou de amores com Oxum,
esquecendo-se da fome da sua tribo.

Seus companheiros sentiram-se traídos
e começaram a atirar flechas em Oxóssi,
começou a cantar uma cantiga de encantamento
para defendê-lo das mortíferas flechadas:
"A ti re okê.
Ati ire nu balé ba re iô".
Dos perseguidores tiveram que fugir.
Oxum guiou Oxóssi na fuga.
Encontraram guarida na cidade de Queto,
onde Oxum deu a Oxóssi o posto do rei, o Alagueto.
Assim, Oxóssi, o caçador, também foi o rei do Queto.

[59] Oxóssi é feito rei de Queto por Oxum.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Logum Edé é possuído por Oxóssi (p. 141)

Logum Edé era filho de Oxum e Oxóssi,
mas, abandonado pela mãe, fora criado por Oiá.
Logum Edé não se dava muito bem com o pai,
que era demasiadamente rude com o menino,
mas gostava muito da companhia da mãe de sangue.

Como Oxum vivia no palácio das aiabás, as rainhas de Xangô,
onde homem era proibido de entrar, sob ameaça de morte,
Logum Edé, para visitar a mãe, vestia-se com os trajes dela
e lá passava dias e dias disfarçado na companhia da mãe
e das demais mulheres, que o cobriam de gentilezas.

Um dia houve uma grande festa no Orum
e todos os orixás comparecem com suas melhores roupas.
Logum Edé, contudo, não tinha roupas apropriadas,
pois habitava o mato na beira do rio,
como um pescador e caçador que de fato era,
e como tal rudemente se vestia.
Desejando demais comparecer à festa,
Logum lembrou-se das roupas da mãe com que se disfarçava.
Assim, foi ao palácio e roubou um belo traje de oxum,
vestiu-se e foi à festa como os demais.
Todos ficaram muito admirados com sua beleza e elegância.
"Quem é aquela formosura parecida com Oxum?", perguntaram.
Ifá, que era muito curioso, chegou bem perto de Logum Edé
e levantou o fila de contas que escondia o rosto do rapaz.
Logum Edé ficou desesperado,
pois logo todos saberiam de sua farsa.
Saiu então correndo do salão para esconder-se na floresta.
Foi quando Oxóssi o avistou e o seguiu, sem o reconhecer.
Oxóssi encantou-se com sua beleza e o perseguiu mata adentro.
E, junto do rio, quando o cansaço venceu Logum Edé
e ele caiu, Oxóssi atirou-se sobre ele e possuiu.

[68] Logum Edé é possuído por Oxóssi.

Fonte informada: Luís Felipe Rios do Nascimento, pesquisa de campo, Recife, 1997.

Obaluaê tem as feridas transformadas em pipocas por Iansã (p. 206 à 207)

Chegando de viagem à aldeia onde nascera,
Obaluaê viu que estava acontecendo
uma festa com a presença de todos os orixás.
Obaluaê não podia entrar na festa,
devido à sua medonha aparência.
Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro.
Ogum, ao perceber a angústia do orixá,
cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça
e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos.
Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou,
mas ninguém se aproximava dele.
Iansã tudo acompanhava com o rabo de olho.
Ela compreendia a triste situação de Omulu
e dele se compadecia.

Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão.
O xirê estava animado.
Os orixás dançavam alegremente com suas *equedes*.
Iansã chegou então bem perto dele
e soprou suas roupas de *mariô*,
levantando as palhas que cobriam sua pestilência.
Nesse momento de encanto e ventania,

as feridas de Obaluaê pularam para o alto,
transformadas numa chuva de pipocas,
que se espalharam brancas pelo barracão.
Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem,
Num jovem belo e encantador.
Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos
e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos,
partilhando o poder único de abrir e interromper
as demandas dos mortos sobre os homens.

[99] Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, 1986, 1987.

A pipoca, chamada no candomblé de "flor de Obaluaê", é uma das comidas prediletas de Obaluaê, sendo também muito usada para fazer um tipo de festão com que se enfeita o barracão nas festas deste orixá.

Euá transforma-se na névoa (p. 223 à 234)

Euá era filha de Nanã.
Também filhos de Nanã eram Obaluaê, Oxumarê e Ossaim.
Esses irmãos regiam o chão da Terra.
A terra, o solo, o subsolo, era tudo propriedade de Nanã e sua família.
Nanã queria o melhor para seus filhos,
queria que Euá casasse com alguém que a amparasse.
Nanã pediu a Orunmilá bom casamento para Euá.
Euá era linda e carinhosa.
Mas ninguém se lembrou de oferecer sacrifício algum
para garantir a empreitada.

Vários príncipes ofereceram-se prontamente a desposar Euá.
E eram tantos os pretendentes
que logo uma contenda entre eles se armou.
A concorrência pela mão da princesa transformou-se
em pugna incessante e mortal.
Jovens se digladiavam até a morte.
Vinham de muito longe,
lutavam como valentes para conquistar sua beleza.
Mas cada vencedor, Euá não se decidia.
Euá não aceitava o pretendente.
Vinham novos candidatos e outros combates.
Euá não conseguia decidir-se,
ainda que tão ansiosa estivesse para casar-se
e acabar de vez com o sangrento campeonato.

Tudo estava feio e triste no reino de Nanã;
a terra seca, o sol quase se apagara.
Só a morte dos noivos imperava.
Euá foi então à casa de Orunmilá
para que ele a ajudasse a resolver aquela situação desesperadora
e pôr um fim àquela mortandade.
Euá fez os *ebós* encomendados por Ifá.
Os ventos mudaram, os céus se abriram, o sol escaldava a terra
e, para o espanto de todos,
a princesa começou a desintegrar-se.
Foi desaparecendo, perdendo a forma,
até evaporar-se completamente e transformar-se
em densa e branca bruma.
E a névoa radiante de Euá espalhou-se pela Terra.
E na nevou da manhã Euá cantarolava feliz e radiante.

Com força e expressões inigualáveis cantava a bruma.
O Supremo Deus determinou então que Euá
zelasse pelos indecisos amantes,
olhasse seus problemas, guiasse suas relações.

[115] Euá transforma-se na névoa.

Fonte informada: Rita de cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Em muitos candomblés, Euá é a patrona da virgindade e da pureza. Dizem mesmo que somente uma virgem pode ser iniciada no se culto.

Euá casa-se com Oxumarê (p. 117)

Euá andava pelo mundo,
procurando um lugar para viver.
Euá viajou até a cabeceira dos rios
e aí junto às fontes e nascentes escolheu sua morada.
Entre as águas Euá foi surpreendida
pelo encanto e maravilha do Arco-Íris.
E dele Euá loucamente se enamorou.
Era Oxumarê que a encantava.
Euá casou-se com Oxumarê
e a partir daí vive com o Arco-Íris,
compartilhando com ele os segredos do universo.

[117] Euá casa-se com Oxumarê.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Euá é escondida por seu irmão Oxumarê (p. 238 à 239)

Filha de Nanã também é Euá.
Euá é o horizonte, o encontro do céu com a terra.
É o encontro do céu com o mar.
Euá era bela e iluminada,
mas era solitária e tão calada.
Nanã, preocupada com a sua filha,
pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um amor,
que arranjasse um casamento para Euá.
Mas Euá desejava viver só,
dedicada à sua tarefa de fazer cair a noite no horizonte,
matando o sol com a magia que guarda na cabaça *adô*.
Nanã, porém, insistia em casar a filha.

Euá pediu então ajuda a seu irmão Oxumarê.
O Arco-Íris escondeu Euá
no lugar onde termina o arco de seu corpo.
Escondeu Euá por trás do horizonte
e Nanã nunca mais pôde alcançá-la.
Assim os dois irmãos passaram a viver juntos,
para sempre inatingíveis no horizonte,
lá onde o céu encontra a terra.
Onde ela faz nascer a noite com seu *adô*.

[119] Euá é escondida por seu irmão Oxumarê.

Fonte informada: Rita de cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Xangô é reconhecido como o orixá da justiça (p. 245)

Xangô e seus homens lutavam com um inimigo implacável.
Os guerreiros de Xangô, capturados pelos inimigo,
eram mutilados e torturados até a morte, sem piedade ou compaixão.
As atrocidades já não tinham mais limites.
O inimigo mandava entregar a Xangô seus homens aos pedaços.
Xangô estava desesperado e enfurecido.
Xangô subiu no alto de uma pedreira perto do acampamento
e dali consultou Orunmilá sobre o que fazer.
Xangô pediu ajuda a Orunmilá.
Xangô estava irado e começou a bater nas pedras com o *oxé*,
bater com seu machado duplo.
O machado arrancava das pedras faíscas,
que acendiam no ar famintas línguas de fogo,
que devoravam os soldados inimigos.
A guerra perdida foi se transformando em vitória.

Xangô ganhou a guerra.
Os chefes inimigos que haviam ordenado
o massacre dos soldados de Xangô
foram dizimados por um raio que Xangô disparou no auge da fúria.
Mas os soldados inimigos que sobreviveram foram poupados por Xangô.

A partir daí, o senso de justiça de Xangô
foi admirado e cantado por todos.
Através dos séculos,
os orixás e homens têm recorrido a Xangô
para resolver todo tipo de pendência,
julgar as discordâncias e administrar justiça.

[124] Xangô é reconhecido como o orixá da justiça.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Iansã ganha seus atributos de seus amantes (p. 296 a 297)

Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder.
Por isso entregou-se a vários homens,
deles recebendo sempre algum presente.
Com Ogum, casou-se e teve nove filhos,
adquirindo o direito de usar a espada
em sua defesa e dos demais.
Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo,
para proteger-se dos inimigos.
Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia,
para realizar os seus desejos e os de seus protegidos.
Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça,
Para suprir-se de carne e a seus filhos.
Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu
e usou de sua magia para transforma-se em búfalo,

quando ia em defesa de seus filhos.
Com Logum Edé, adquiriu o direito de pescar
e tirar dos rios e cachoeiras os frutos d`água
para sobrevivência sua e de seus filhos.
Com Obaluaê, Iansã tentou insinuar-se, porém, em vão.
Dele nada conseguiu.
Ao final de suas conquistas e aquisições,
Iansã partiu para o reino de Xangô,
Envolvendo-o, apaixonando-se e vivendo com ele para a vida toda.
Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento,
o posto da justiça e o domínio dos raios.

[165] Iansã ganha seus atributos de seus amantes.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Oiá sopra a forja de Ogum, e cria o vento e a tempestade (p. 303 à 304)

Oiá estava em guerra,
mas a guerra não acabava nunca,
tão poucas eram as armas para guerrear.
Ogum fazia as armas, mas fazia lentamente.
Oxaguiã pediu a seu amigo Ogum urgência,
mas o ferreiro já fazia o possível.
O ferro era muito demorado para se forjar
e cada ferramenta nova tardava como o tempo.
Tanto reclamou Oxaguiã que Oiá, esposa do ferreiro,
resolveu ajudar Ogum a apressar o fabrico.

Oiá se pôs a soprar o fogo da forja de ogum
e seu sopro avivava intensamente as chamas
e o fogo mais forte derretia mais rapidamente o ferro.
Logo Ogum pôde fazer mais armas
e com mais armas Oxaguiã venceu logo a guerra.

Oxaguiã veio então agradecer a Ogum.
E na casa de Ogum enamorou-se de Oiá.
Um dia fugiram Oxaguiã e Oiá,
deixando Ogum enfurecido e sua forja fria.

Quando mais tarde Oxaguiã voltou à guerra
e quando precisou de armas muito urgentemente,
Oiá teve que reavivar a forja,
mas não quis voltar para a casa de ogum.
e lá da casa de Oxaguiã, onde vivia,
Oiá soprava em direção à forja de Ogum.
e seu sopro atravessava toda a terra
que separava a cidade de Oxaguiã da de Ogum.
E seu sopro cruzava os ares
e arrastava consigo pó, folhas e tudo o mais pelo caminho,
até chegar às chamas que com o furor atiçava.
E o povo se acostumou com o sopro de Oiá cruzando os ares
e logo o chamou de vento.
E quanto mais a guerra era terrível
e mais urgia a fabricação das armas,
mais forte soprava Oiá a forja de Ogum.
Tão forte que às vezes destruía tudo no caminho,
levando as casas, arrastando árvores,
arrastando cidades e aldeias.

O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá
e o povo chamava a isso tempestade.

[173] Oiá sopra a forja de ogum e cria o vento e a tempestade.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, Recife, 1994.

Oxum Apará tem inveja de Oyá (p. 324 à 325)

Viva Oxum no palácio em Ijimu.
Passava os dias no seu quarto olhando seus espelhos.
Eram conchas polidas
onde apreciava sua imagem bela.
Um dia saiu Oxum do quarto e deixou a porta aberta.
Sua irmã Oiá entrou no aposento,
extasiou-se com aquele mundo de espelhos,
viu-se neles.
As conchas fizeram espantosa revelação a Oiá.
Ela era linda! A mais bela!
A mais bonita de todas as mulheres!
Oiá descobriu sua beleza nos espelhos de Oxum.
Oiá se encantou, mas também se assustou:
era ela mais bonita que Oxum, a Bela.
Tão feliz ficou que contou do seu achado a todo mundo.

E Oxum Apará remoeu amarga inveja,
já não era a mais bonita das mulheres.
Vingou-se.

Um dia foi à casa de *Egungum* e lhe roubou o espelho,
o espelho que só mostra a morte,
a imagem horrível de tudo o que é feio.
Pôs o espelho do Espectro no quarto de Oiá e esperou.
Oiá entrou no quarto, deu-se conta do objeto.
Oxum trancou Oiá pelo lado de fora.
Oiá olhou no espelho e se desesperou.
Tentou fugir, impossível.
Estava presa com sua terrível imagem.
Correu pelo quarto em desespero.
Atirou-se no chão,
Bateu com a cabeça nas paredes.
Não logrou escapar nem do quarto
nem da visão tenebrosa da feiura.
Oiá enlouqueceu.
Oiá deixou este mundo.

Obatalá, que a tudo assistia, repreendeu Apará e transformou Oiá em orixá.
Decidiu que a imagem de Oiá nunca seria esquecida por Oxum.
Obatalá condenou Apará a se vestir para sempre
com as cores usadas por Oiá,
levando nas joias e nas armas de guerreira o mesmo metal empregado pela irmã.

[188] Oxum Apará tem inveja de Oiá.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, São Paulo, 1997.

Nos candomblés, Oxum Apará usa roupas cor-de-rosa, com ferramentas feitas de latão, são atributos de Oiá.

Oxum mata o caçador e transforma-se em peixe (p. 327 à 329)

Oxum mora perto de lagoa, perto da *ossá*.
Todos os dias Oxum ia à lagoa se banhar;
todos os dias ia polir suas pulseiras, seus indés;
todos os dias lavava na lagoa seu *ida*.
Oxum caminhava junto às margens,
sobre as pedras cobertas pelas águas rasas da beira da lagoa.
E as pedras brutas alisavam os seus pés
e seus pés nas pedras ficavam mais formosos, tão macios.
Oxum ia à lagoa sempre esperando um amor,
que viria um dia, espreitando, apreciar sua beleza.
Oxum caminhava nua nas pedras.
Caminhava nua, esperando pelo homem
que viria um dia espiar sua exuberância.
Oxum ia à lagoa brunir os seus *indés*
e na lagoa lavava seu punhal, seu *ida*.
ia banhar seu corpo arredondado, lavar os seus cabelos,
lixar seus pés nas rochas ásperas da ossá.
Oxum ia desnuda, pensando num amor a conquistar.

Tanto foi Oxum à *ossá*
que as pedras se gastaram com seu caminhar.
Viraram seixos rolados pelo tempo,
modelados e alisados sob os pés do orixá.
Aí um dia aproximou-se da lagoa um belo caçador
e Oxum logo por ele se enamorou.
Dentro da lagoa Oxum dançou suas danças,
dançou para o jovem caçador danças de amor, de sedução.
E o caçador deixou-se atrair por tanto encanto.

O caçador perdidamente enamorou-se de Oxum.
Não via o rosto dela, encoberto pela cascata de contas
que escondia sua face do olhar dos curiosos,
mas podia antecipar sua formosura.
E chamou Oxum à terra, ao prazer do amor.
Quando Oxum saía da água para entregar-se ao caçador,
as contas que lhe cobriam o rosto voaram com o vento
e a face de Oxum se descobriu para ele.
Terrível surpresa!
Oxum, a que gastara com os pés as pedras
de tanto caminhar para o zelo da beleza,
transformando pedras brutas em lisíssimos *otás*,
a que não sentira passar o tempo que foi necessário
para pedras brutas transformarem-se em seixos rolados,
Oxum, sim, Oxum estava velha.
Muito velha. Muito feia.
Olhos desbotados e sem viço
na face gasta e enrugada pelo tempo.
Era uma mulher muito velha e muito feia.
A mais feia e velha de todas as mulheres;
o caçador nem podia acreditar.
Não era a mulher bela que o extasiara.
Não era a mais doce das belezas que quisera arrebatar.
Assustado e ofendido pelo espetáculo,
ferido pela decepção, temeroso da feia visão,
gritou o caçador:
"É a mulher-pássaro, a velha feiticeira!
É a terrível mulher-pássaro, Iá Mi Oxorongá!".
O caçador havia confundido Oxum envelhecida
com uma das temidas feiticeiras, as Iá Mi Oxorongá.

E mais clamava o ainda assustado caçador:
"Preciso ir à aldeia avisar a todos.
Que é aqui que mora então a terrível velha-mãe.
Aquela cujo nome já é ruim pronunciar!".

Oxum estava pasma. Surpresa. Enfurecida.
O ardil do tempo fora mais do que funesto.
O tempo se esgotara e Oxum não percebera,
todo o tempo apurando sua beleza.
Todo o tempo banhando seus cabelos,
polindo seu punhal, lavando seus indés.
Oxum não podia deixar a aldeia saber desse segredo.
Que Oxum envelhecera. Oxum Ijimi. Velha e feia.
Oxum não podia deixar-se ir o caçador.
Oxum matou o caçador com seu *idá*
e depois lançou-se atormentada ao lago.
E nas águas da *ossá* Oxum se transformou num peixe.
Mas a memória de sua beleza ficou inscrita
em cada um dos seixos polidos por seus pés.
A beleza de oxum
ficou para sempre nos *otás*.

Quando as águas estão altas na lagoa,
Oxum, o peixe, nada para as bordas da *ossá*
e ali junto aos seus *otás*
rememora vaidosa sua beleza.

[191] Oxum mata o caçador e transforma-se num peixe.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, São Paulo, 1997.

Seixos colhidos nas margens dos rios são usados nos assentamentos de Oxum.

Os Ibejis são transformados numa estatueta (p. 369)

São filhos de Iemanjá
os dois meninos gêmeos, os Ibejis.
Os Ibejis passavam o dia a brincar.
Eram crianças e brincavam com Logum Edé
e brincavam com Euá.
Um dia, brincavam numa cachoeira
e um deles se afogou.
O Ibeji que ficou começou a definhar,
tão grandes eram sua tristeza e solidão,
melancólico e sem interesse pela vida.

Foi então a Orunmilá e suplicou
que Orunmilá trouxesse o irmão de volta.
Que Orunmilá os reunisse de novo,
para que brincassem juntos como antes .

Orunmilá não podia ou não queria fazer tal coisa,
mas transformou a ambos em imagens de madeira
e ordenou que ficassem juntos para sempre.
Nunca mais cresceriam,
não se separariam.
São dois gêmeos-irmãos
brincando eternamente, são crianças.
[214] Os Ibejis são transformados numa estatueta.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986, 1987.

Os Ibejis brigam por causa do terceiro irmão (p, 370 à 371)

Oxum queria um filho e pediu para Orunmilá.
Ele ordenou-lhe que fizesse sacrifício
de dois carneiros, dois cabritos e doi galos,
de dois pombos, duas roupas e dois sacos de búzios.
Quando Oxum deu à luz, não era um nem eram dois.
Oxum teve três filhos.
Mas ela não podia criar as três crianças
e mandou embora o mais novo dos irmãos
para poder criar os outros dois, Taió e Caiandê.
Idoú, o irmão rejeitado, não gostou de sua sorte
e veio viver na cabeça dos irmãos.

Vivia ora no ori de Taió, ora no ori de Caiandê.
Idoú atormentava os gêmeos sem sossego.
Os Ibejis vivam brigando.

Oxum estava enlouquecida com as brigas dos meninos.
Foi consultar Orunmilá e ele viu a presença de Idoú.
Ele deu à mãe nove espelhos para que mirasse os filhos
e visse em qual dos dois vivia o egum de Idoú.
Oxum mirou um deles e viu quatrocentos filhos.
Mirou no segundo e não viu nada.
Um deles teve que morrer para proteger o outro.

Mas o gêmeo que sobreviveu não suportava a ausência do irmão.
Ele abriu a sepultura e retirou o corpo do irmão.
Porém o menino morto não se movia,
por mais que o irmão vivo o chamasse ele não respondia,
não o acompanhava, não o queria.
O irmão vivo não desistiu do companheiro
e amarrou o irmão morto no seu próprio corpo.
Desde então eles passeiam juntos, atados um no outro.
Quando eles passam alegres, discutindo, o povo diz:
"Olha os Ibejis, olha os meninos gêmeos da Oxum".

[215] Os Ibejis brigam por causa do terceiro irmão.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, 1997.

Iemanja cura Oxala e ganha o poder sobre as cabeças (p. 397 à 399)

Quando Olodumare fez o mundo,
deu a cada orixá um reino, um posto, um trabalho.
A Exu deu o poder da comunicação e a posse das encruzilhadas,
A Ogum deu o poder da forja, o comando da guerra,
e o domínio dos caminhos.
A Oxóssi ele entregou o patronato da caça e da fartura.
A Obaluaê deu o controle das epidemias
Olodumare deu a Oxumarê o arco-íris
e o poder de comandar a chuva,
que permite as boas colheitas e afasta a fome.
Xangô recebeu o poder do trovão e o império da lei.
Oiá-Iansã ficou com o raio e o reino dos mortos,
enquanto Euá foi governar os cemitérios.
Olodumare deu a Oxum o zelo pela feminilidade,
Riqueza material e fertilidade das mulheres.
Deu a oxum o amor.
Obá ganhou o patronato da família
e Nanã, a sabedoria dos mais velhos,
que ao mesmo tempo é o principio de tudo,
a lama primordial com que Obatalá modela os homens.
A Oxalá deu Olodumare o privilégio de criar o homem,
depois que Odudua fez o mundo.
E a criação se completou com a obra de Oxaguiã,
que inventou a arte de fazer os utensílios,
a cultura material.
Para Iemanjá Olodumare destinou os cuidados de Oxalá.
Para a casa de Oxalá foi cuidar de tudo:
da casa, dos filhos, da comida, do marido, enfim.

Iemanjá nada mais fazia que trabalhar e reclamar.
Se todos tinham algum poder no mundo,
um posto pelo qual recebiam sacrifício e homenagens,
por que ela deveria ficar ali em casa feito escrava?
Iemanjá não se conformou.
Ela falou, falou e falou nos ouvidos de Oxalá.
Falou tanto que Oxalá enlouqueceu.
Seu *ori*, sua cabeça, não aguentou o falatório de Iemanjá.
Iemanjá deu-se então conta do mal que provocara
e tratou de Oxalá até restabelecê-lo.
Cuidou de seu *ori* enlouquecido,
oferecendo-lhe água fresca,
obis deliciosos, apetitosos pombos brancos, frutas dulcíssimas.
E Oxalá ficou curado.
Então, com o consentimento de Olodumare,
Oxalá encarregou Iemanjá de cuidar do *ori* de todos os mortais.
Iemanjá ganhara enfim a missão tão desejada.
Agora ela era a senhora das cabeças.

[237] Iemanjá cura Oxalá e ganha o poder sobre as cabeças.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, São Paulo, 1997.

Orunmila traz a festa como dádiva de Olodumare (p. 446 à 447)

Dizem que certa vez Orunmilá veio à Terra
acompanhado dos orixás em visita a seus filhos humanos,
que já povoavam este mundo, já trabalhavam e se reproduziam.
Foi quando ele humildemente pediu a Olorum-Olodumare

que lhe permitisse trazer aos homens
algo novo, belo e ainda não imaginado,
que mostrasse aos homens a grandeza e o poder do Ser Supremo.
E que também mostrasse o quanto Olorum
se apraz com a humanidade.
Olodumare achou justo o pedido
e mandou trazer a festa aos humanos.
Olodumare mandou trazer aos homens a música, o ritmo, a dança.
Olodumare mandou Orunmilá trazer para o Aiê os instrumentos,
os tambores que os homens chamaram de ilu e batá,
os atabaques que eles denominaram rum, rumpi e lê,
o xequerê, o gã e o agogô e outras pequenas maravilhas musicais.
Para tocar os instrumentos, Olodumare ensinou os alabês,
que sabem soar os instrumentos que são a voz de Olodumare.
E os enviou, instrumentos e músicos, pelas mãos de Orunmilá.
Quando ele chegou à Terra, acompanhando os orixás
e trazendo os presentes de Olodumare,
a alegria dos humanos foi imensa.
E, agradecidos, realizaram então
a primeira e grande festa nesse mundo,
com toda a música que chegara do Orum como uma dádiva,
homens e orixás confraternizando-se com a música e dança recebidas.
Desde então a música e a dança estão presentes na vida dos humanos
e são uma exigência dos orixás quando eles visitam nosso mundo.

[255] Orunmilá traz a festa como dádiva de Olodumare.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, 1996.

Os atabaques são sagrados na religião dos orixás e igualmente recebem sacrifício.

Orunmila aprende o segredo da fabricação dos homens (p. 447)

Obatalá reuniu os matérias necessárias para à criação do homem
e mandou convocar os seus irmãos orixás.
Apenas Orunmilá compareçeu.
Por isso Obatalá o recompensou.
Permitiu que apenas ele conhecesse
os segredos da construção do homem.
Revelou a Orunmilá todos os mistérios
e os materiais usados na sua confecção.
Orunmilá tornou-se assim o pai do segredo,
da magia e do conheçimento do futuro,
Ele conheçe as vontades
de Obatalá e de todos os orixás envolvidas na vida dos humanos.
Somente Orunmilá sabe de que modo foi feito cada homem,
que venturas e infortúnios foram usados
na construção do seu destino.

[256] Orunmilá aprende o segredo da fabricação dos homens.

Fonte informada: Rita de Cássia Amaral, pesquisa de campo, São Paulo, 1986.

Ajagunã ganha uma cabeça nova (p. 489 à 490)

Ajagunã nasceu de Obatalá.
Só de Obatalá.
Nasceu num *igbim*, num caramujo.
Logo que nasceu, Ajagunã se revoltou.
Ajagunã não tinha ori, não tinha cabeça
e andava pela vida sem destino certo.

Um dia, quase louco, encontrou *Ori* na estrada
e Ori fez para Ajagunã uma cabeça branca.
Era de inhame pilado sua cabeça.
Mas a cabeça de inhame esquentava muito
e Ajagunã sofria torturantes dores de cabeça.
De outra feita, lá ia pela estrada
Ajagunã padecendo de seus males,
quando se encontrou com Icu, a Morte.
Icu se pôs a dançar para Ajagunã e se ofereceu
para dar a ele outro *ori*.
Oxaguiã, com medo, recusou prontamente,
mas era tão insuportável o calor que ele sentia
que não pôde recusar por muito tempo a oferta.
Icu prometeu-lhe um *ori* negro.
Icu ofereceu-lhe um *ori* frio.
Ele aceitou.

A sorte de Ajagunã contudo não mudou.
Era fria e dolorida essa cabeça negra.
Mas o pior era o terror que não o abandonava
de sentir-se perseguido por mil sombras.

Eram as sombras da Morte em sua cabeça fria.
Então seguiu Ogum e deu sua espada a Ajagunã.
E com a espada ele afugentou a Morte e as suas sombras.
Ogum fez o que pôde para socorrer o amigo,
com a faca retirando o *Ori* frio grudado no *ori* quente.
Na operação de Ogum as duas cabeças se fundiram
e o *ori* de Oxaguiã fica azulado,
um novo *ori* nem muito quente, nem muito frio.
Uma cabeça quente não funciona bem.
Uma cabeça fria também não.
Foi o que se aprendeu
com a aventura de Ajagunã.

Finalmente a vida de Ajagunã se normalizou.
Com a ajuda de Ogum, mais uma vez,
o orixá aprendeu todas as artes bélicas
e assim venceu na vida muitas batalhas e guerras.
Hoje, o seu nome, como o nome de Ogum,
é relembrado entre os dos mais destemidos generais.
E foi assim que Oxaguiã foi chamado Ajagunã,
título do mais valente entre todos os guerreiros.

[279] Ajagunã ganha uma cabeça nova.

Fonte informada: Reginaldo Prandi, pesquisa de campo, São Paulo, 1997.

Resumo dos mitos

12, Bará aprende a trabalhar com Ogum (POA)
34, Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã (SA)
50, Oxossi aprende com Ogum a arte da caça (SP)
53, Oxossi ganha de Orunmila a cidade de Keto (SP)
59, Oxossi é feito rei de Keto por Oxum (SP)
68, Logun Ede é possuído por Oxossi (RE)
99, Obaluaê tem as feridas transformadas em pipocas por Iansã (?)
115, Euá transforma-se na névoa (SP)
117, Euá casa-se com Oxumarê (SP)
119, Euá é escondida por seu irmão Oxumarê (SP
124, Xangô é reconhecido como o orixá da justiça (SP)
165, Iansã ganha seus atributos de seus amantes (SP)
173, Oya sopra a forja de Ogum, e cria o vento e a tempestade (RE)
188, Oxum Apará tem inveja de Oyá (SP)
191, Oxum mata o caçador e transforma-se em peixe (SP)
214, Os Ibejis são transformados numa estatueta (SP)
215, Os Ibejis brigam por causa do terceiro irmão (SP)
237, Iemanja cura Oxala e ganha o poder sobre as cabeças (SP)
255, Orunmila traz a festa como dádiva de Olodumare (?)
256, Orunmila aprende o segredo da fabricação dos homens (SP)
279, Ajagunã ganha uma cabeça nova (SP)

Relação da contribuição das fontes no livro – Mitologia dos Orixás

Nesta tabela vemos que as seis fontes marcados em vermelho fornecem 50 % dos mitos registrados, incluindo o próprio autor do livro, Reginaldo Prandi.

Pierre Verger	41	13,6%
Lydia Cabrera	30	9,9 %
Reginaldo Prandi	24	7,9%
Agenor Miranda Rocha	24	7,9%
Rita de Cássia Amaral	18	5,9%
Rita Segato	17	5,6%
Natália Aróstega	15	4,9%
Harold Courlander	11	3,6%
Monique Augrae	10	3,3%
Willian Bascom	10	3,3%
Rene Ribeiro	8	2,6%
Roger Bastide	6	2,6%
Romulo Lachatanere	6	2,6%
Samuel Feijó	6	2,6%
Wande Abimbola	6	2,6%
Leo Probenius	6	2,6%
Noel Baudin	5	1,6%
Deoscóredes M. Santos	5	1,6%
R. S. Barbara	5	1,6%
Geofrey Parrinder	4	1,4%
Ulli Beier	4	1,4%
Juana E. Santos	2	0,6%
Bernard Maupoil	2	0,6%
Siriku Salami	2	0,6%
Souza Carneiro	2	0,6%
Sandra Epega	2	0,6%
Ogumefu	2	0,6%
Mara Vidal	2	0,6%
Outros	21	14,3%

NB; Os autores citados na Bibliografia que não aparecem nesta relação é por que não contribuíram, ou contribuíram com apenas um mito.

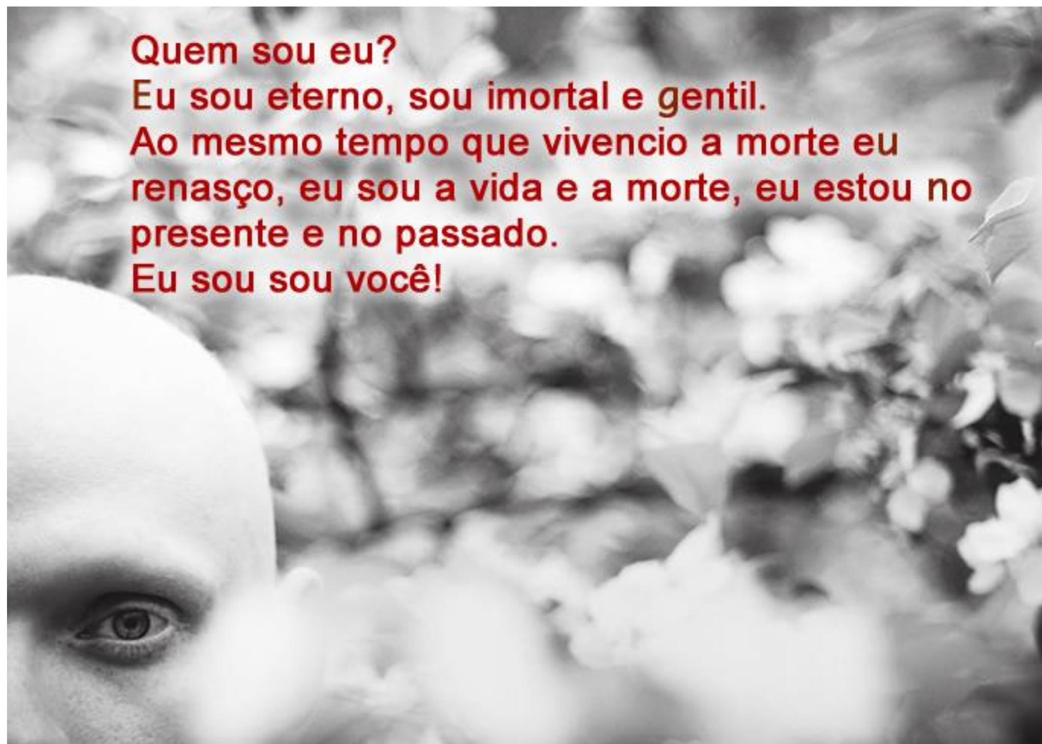
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns mitos do livro Mitologia dos orixás, citados neste artigo, que as fontes não foram definidas geraram grandes equívocos para a comunidade Afro-brasileira, a seriedade de implantar um conceito errado para gerações de afrodescendentes é agravado quando estes conceitos querem se tornar verdade, e começam a deturpar a cultura e os fundamentos de uma divindade, como exemplo do mito em que "Logun Ede é possuído por Oxossi", este mito gera um conceito tão equivocado que chega a criar um desconforto perante a sociedade, sabendo que a própria matriz possui grande preconceito e considera crime um ato como este.

Por isso que a analise das fontes de qualquer artigo e ou material publicado deve ser observada e analisada para que o leitor possa confiar. Não queremos gerar um descrédito ao livro, que por si carrega bons mitos e registra a cultura Afro-brasileira, no entanto devemos ficarmos atentos aos mitos que não possuem fonte ou informações que são citados como pesquisa de campo, pois estes não devem possuir credibilidade.

Bibliografia

PRANDI, Reginaldo, Mitologia dos Orixás, 2008, Editora Schwarcz LTDA.


Quem sou eu?
Eu sou eterno, sou imortal e gentil.
Ao mesmo tempo que vivencio a morte eu
renasço, eu sou a vida e a morte, eu estou no
presente e no passado.
Eu sou sou você!

ṢÀNGÓ KÁMUKÁ

Bàbàláwo Ifágbaíyin Agboolà

21/05/2012



Homenagem, ao grande *Bàbálòrìsà* Waldemar Antônio dos Santos de *Sàngó*.
(Batuque R.S.)

Waldemar foi iniciado, por um sacerdote africano, conhecido pelo nome de *Kun Lulu* (Aquele que incendeia, queima totalmente) nome esse que o caracterizava como filho de *Ṣàngó*, sobre *Kun Lulu* (Gululu), pouco se tem informações, sabendo se apenas que veio trazido como escravo do porto de Cabinda.

Erradamente tido como de origem Banto, *Kun Lulu* (Gululu), era Yorubano, fato esse que nos foi relatado por um dos mais antigos filhos do falecido Waldemar, Osvaldo de *Soponnan*,(essas informações podem ser comprovado por sua esposa, dona Eulália).

A confusão, com a origem de *Kun Lulu*, acontece porque, enquanto a carga de escravos, não estava completa, parte da carga já capturada em território *yorùbá*, permanecia no porto de Cabinda, aguardando ser completada, com escravos de outras regiões.

Na época era acrescentada ao nome do escravo, o porto de origem do embarque ao seu nome, então assim, com o passar do tempo, o conhecido sacerdote que nunca cultuou um Inkice passou a ser conhecido como o criador do culto de Inkices Cabinda, no Rio Grande do Sul (tido como Gululu de Cabinda).

Temos informações diretamente da filha (*Taia*), do conhecido *Bàbálòrìṣà*, Manoel Matias (Manezinho de *Soponnan*), que o mesmo também foi iniciado, em sua infância pelo então *Kun Lulu*, informação essa, que facilmente pode ser comprovado, por seus descendentes, sua filha Alice, e seu bisneto Antônio.

Qualquer pessoa com um mínimo de informação sabe que não existe culto a Inkice nessa família, pois se ela origina do culto de *Ṣàngó*, sendo assim, *Ṣàngó* é um *òrìṣà* e não um *Inkice*, a origem sem duvida é *Yorùbá* (Nagô).

Nos rituais praticados por essa família as divindades louvadas sem dúvida são *òrìsà*, isso fica bem claro já no inicio dos rituais onde é entoada (orins) cantigas para Elegbara, seguindo o ritual louvando: *Ògún*, *Oya*, *Sàngó*, *Odé*, *Otim*, Obà, *Òsányìn*, *Soponnan*, *Ibeji*, *Òsùn*, *Yemonjá*, *Obàtálá* e *Òrúnmìlà*, todos *Òrìsà* bem conhecidos nas terras *yorùbá* e sem culto na região de Cabinda.

Outro fato que nos causa espanto, é a interpretação feita por alguns historiadores vitimas do desconhecimento e da vivencia religiosa que no auge de suas ousadias, descrevem fatos, nomes e ate copiam fotos justificando a historia.

Passamos aqui a analisar um fato simples, *ARÚN*, traduzido para o *yorùbá*,(cinco), ou (quinto), *ALÁFIN*, traduzido para o *yorùbá*, titulo dado ao rei de *Òyó* (dono do palácio).

ARÚN ALÁFIN (obviamente *Sàngó*),o quinto rei de *Òyó*, que ao longo da historia sofreu prejuízos na interpretação do idioma tornando-se a *BARUALOFINA*, facilmente identificado em suas cantigas ate hoje reproduzidas em seus rituais.

A sua cantiga principal diz que, *Olórun* (Deus),foi quem corou *Sàngó Kámú Ká* (aquele que olha a sua volta, olha por alto, com altivez), olhar de um rei, de um soberano, nessa mesma cantiga segue dizendo, sua majestade (*Kabiyési*),saudação a um rei.

Esse brilhante sacerdote deu origem a maior família de culto a *òrìṣà* do Brasil, assim como a grande polemica que envolve seu nome, graças a *Olódùmarè* convivemos com pessoas que nos forneceram dados e depoimentos, tivemos oportunidade na casa do falecido *Bàbálòrìṣà* Osvaldo de *Soponnan*, ver inúmeras fotos e documentos que justifica muito do que aqui esta sendo relatado.

Tivemos o prazer de ver uma foto de um famoso sacerdote conhecido como *Alagbá*, contemporâneo de *Kún Lulu*, amigos íntimos do príncipe Custodio. Esse sacerdote *Alagbá*, mudou-se para o Rio de janeiro, nos anos trinta, tornando se muito famoso naquela cidade.

Nessa mesma oportunidade, tivemos acesso a inúmeras fotos do príncipe e de muitos outros conhecidos filhos de Waldemar (como seu Bandeira e o famoso Gavião do taxi, o homem que levou o falecido pai Romário para a religião dos *òrìṣà*).

Esses esclarecimentos, fazem parte da merecida homenagem prestada a um dos homens que mais contribuiu para o culto de *òrìṣà* na história do Sul do país.

ORÍKÌ EGÚN ORÍKÌ EGÚN

Egúngún kiki egúngún
Egún ikú ranran fe awo ku opipi
O da so bo fun le wo
Egún ikú bata bango egún de.
Bi aba f 'atori na le egún se de. Asé.

Louvado seja nome dos meus Antepassados,
que preservaram os mistérios do voo e das penas.
Você que cria as palavras de reverência e poder,
para os tambores que anunciam a sua chegada.
Você que espalha seu poder, os antepassados estão aqui.
Falokun Fatunmbi (oriki Book Orunmila)

Fonte: http://gilmarofunoyeku.blogspot.com.br/

Adaptação: Luiz L. Marins
CULTURA YORUBA
http://culturayoruba.wordpress.com

ÒGÚN E A SERPENTE.

(Revisto e aumentado)

Por Erick Wolff
Pesquisador Independente e
Autodidata
04/06/2013

Desafiando os conceitos e estruturas religiosas atuais, sobre o ferreiro, *Òrìṣà Ògún*[1] na cultura *Yorùbá*, eu me deparo com um fundamento antigo da raiz *òrìṣàista* afro-sul (Batuque) que costuma assentar um *Ògún* chamado *Ávágã*[2], este que fica na frente do templo, na casa do *Bara Lòde*[3]. Neste assentamento é comum usar o vulto de uma serpente em ferro pronta para dar o bote, tal assentamento é costume *òrìṣàista* afro-sul, que além de ser o assentamento do *Ògún Ávágã* no vulto da serpente, esta serpente pode ser encontrada entre os assentamentos do *Ògún* que fica no *Yara-bọ*[4]. Tal costume foi motivo de mistério e questionamento entre os sacerdotes que não pertencem à cultura *òrìṣàista* afro-sul ou até mesmo do próprio Batuque, pois o símbolo da serpente até então pertencia exclusivamente ao culto *Djedje* para o *Vodun Dã*[5] ou conhecido por alguns como *Obessem*.



A serpente é uma insígnia de poder e magia que segundo a cultura Afro-brasileira, esta não deveria estar associado ao *Òrìṣà-irin*[6], mas qual seria a possibilidade desta divindade carregar uma serpente, fora do seu culto? Foi pesquisando que chegamos até um documento que relata e associa a serpente ao culto de *Ògún*.

---

[1] *Ògún* – *Òrìṣà yorùbá*, senhor do ferro e da guerra.

[2] Ávágã; Guerra - *Wan (uãm)*, *Whan (urram)*, *Ahuan (arruam)*, *Aguan (agu-am)*, *Ava (ává)*. Tribos que compõe o jeje (uma das) - Gans (gães), Popos (pôpôs).

[3] Bara Lòde – *Òrìṣà Èṣù que faz ojúbọ* (assentamentos aos quais contém o fundamentos desta divindade).

[4] *Yara-bọ* - Pequeno quarto sagrado para rituais e sacrifícios à divindades do templo.

[5] *Vodun Dã* - *Dan*, *Dã* ou *Bessém* no Brasil, *Dan Ayìdo Hwedo* ("serpente arco-íris") no *Benin* ou *Damballah* no *Haiti* é o *vodum* da riqueza, bastante popular entre os *fon*.

[6] *Òrìṣà-irin* – Deus do ferro.

associa a serpente ao culto de *Ògún.*

Nada do que foi dito até agora – sobre as devoções individuais dos ferreiros e outros que trabalhavam com ferro, ou sobre a importância de *Ògún* na comunidade *Yorubaland* - desafia a noção, de devotos na literatura, que (como um dicionário de Abraão) é adorado apenas por homens, e não por mulheres. "Isto parece fazer sentido simbólico para uma" divindade do ferro e da guerra, mas não é verdade, vem Pierre Verger dar um relato detalhado da participação das mulheres como *Iyawòrìṣá*[7], "Gemmes Dediees a *l'orisa* et Qui Chantent Pour Lui" em um festival de *Ògún, Igbo Nàgó*[8], nas aldeias de *Hodo e Ìjèṣà*[9], e Margareth Drewal descreveu uma mulher possuída por *Ògún* não muito longe de *Igbogila* em *Egbado*. Para o mais prosaico exemplo de devoção feminina para *Ògún*, foi o açougueiro mulher observado por E.M. *Lijadu* em *Ondo*, em 1892. Quando ela entrou na sua barraca no mercado, ela recolheu suas ferramentas de ferro, para dividir os pedaços de *Obi*[10] e jogou várias vezes sobre eles, e ofereceu alguns encantamentos "A questão é *Lijadu*, ela disse que era consultora da *Ajé*" a deusa do dinheiro através de *Ògún*, deus do ferro [e que] *Ajé* promete enviar-lhe muitos clientes com muito dinheiro para levar para casa depois do mercado" este *Ògún* / ligado à *Ajé* é atestado de outra forma, e , como ritual de uma mulher dirigida para a riqueza pessoal, que talvez possa ser visto praticamente igual a riqueza pessoal, pode ser visto como possibilidades praticamente

[7] *Iyawòriṣá – Iniciada no ritual para òriṣá.*

[8] *Igbo Nàgó* – O povo de *Igbo* (formação da palavra *Ibo*; *Ṅdị Ìgbò* no idioma *Igbo*) são um grupo étnico do sudeste da Nigéria.

[9] Hodo e Ìjèsà - São um sub-étnico dos *Yorùbá*.

[10] *Obí* – Noz de cola, conhecida como Kola Acuminata, muito comum na religião *Yorùbá*.

semelhante para o Culto de *Orí*[11], que era popular entre as mulheres ricas em *Yorubá* central e sudoeste, mas de uma forma aparentemente ausente do leste. Conforme descrito aqui por *Lijadu*, tais elementos do ritual como a quebra do *Obi* sobre ferramentas de ferro parecem idênticos aos praticados por ferreiros do sexo masculino. Mas a principal forma de *Ògún* aparecer nos jornais da CMS como objeto de trabalho para as mulheres é bastante diferente: não como ferro, mas como uma serpente. Não era apenas um culto feminino, embora as mulheres eram mais ativas na mesma (como, aliás, na maioria dos cultos de *Òrìṣá)*. O relato mais dramático do Culto de *Ògún-Ejò*[12] respeito a Ijaye em 1855: Era o festival anual da *Ifá Are Kurunmi*, governante despótico da cidade, e grandes multidões se reuniram diante da porta da sua comunidade. A maioria deles estavam a ser dito "Veneradores do chamado de *Ògún Òrìṣà* ou *Ejò*", para a falecida mãe *Kurunmi* havia sido um de seus principais devotos, assim guardava na memória dela. Figuras de cobras em diversos tamanhos, nas diferentes partes do reboque foram trazidas para "Jogar" com *Kurunmi*, mas ele não iria permitir que dentro de sua própria casa [o catequista diz Charles Phillips], pois ele tinha medo delas. Então, eles foram exibidos em uma plataforma criada na frente dela. Os adoradores ao procurá-los os levaram em seus braços: menos irritada, alguns tinham até seis metros de comprimento e tão grossa quanto à coxa de um homem. O povo olhava-as com curiosidade e louvor.
"Fonte - Africa's - Ògún – Old Word and new 1997 - Indiana University Press - pág 272"

O *Ojubo* de *Ávágã* e *Lòde* deverá ser tratado preferencialmente por homens e algumas vezes as mulheres possuem acesso, porem neste caso somente será

[11] *Orí* – Cabeça, os *Yorùbá* consideram que há *orí* física e *orí* abstrato vinculado ao destino.
[12] *Ògún-Ejò* – *Òrìṣà Ògún* representado por uma cobra

liberado para aquelas que passaram pela menopausa, apesar que sabemos que há iniciadas para o *Bara Lòde* e o *Ògún Ávágã*. O ritual para esta divindade será feito junto com o *Bará Lòde* que divide os cortes de 4 pés, separando apenas os bichos de penas, aves vermelhas para o *Bará* e prateados (malhados de preto com branco, não é carijó) para o *Ògún*, esta divindade que tem o seu ritual e trato próprio muitas vezes é o segundo a comer na frente da casa antes dos *Òrìsà*, ele é então considerado uma divindade cultuada a parte do *Irúmolè*[13] do *Bàbá*[14] ou *Iyá*[15], que deverá ter outro *Ògún* no *Yara-bọ* compondo os fundamentos da casa.



"*Mónàmoná*" - Serpente - álbum do Antonio dos Stºs Penna

O primeiro *Òrìṣá de Kurunmi* foi p próprio *Ṣàngó*, muito semelhante (embora invertida) a ligação da família de *Ṣàngó e Ògún* que surgiu

[13] *Irúnmọlè* – Divindades cultuadas entre as nações de matriz Africana
[14] *Bàbá* – Pai
[15] *Iyá* – Mãe

durante uma visita da pastoral *Ota*: um devoto feminino de *Ṣàngó* com um filho dedicado a *Ògún*, com uma cobra que era mantida em uma cabaça onde era alimentada com ratos.
Mas o culto era mais comumente encontrado quando seus membros foram para a cidade com seus *Ògún-Ejò*, oferecendo bênçãos em nome do Deus, e recebendo presentes de búzios (na essência, sacrifícios) em troca. Um pastor Africano em *Abeokuta*[16], em 1852, encontrou duas mulheres ," um dos quais tinha uma grande serpente enrolada no pescoço, enquanto o outro como um arauto saiu antes de cantar e exaltar o Deus de *Ògún* o ferreiro [sic]. Muitos anos depois, outro, na estrada para o campo de Ibadan na *Ikirun*, reuniu-se a um "encantador de serpentes", que foi uma vez até à igreja em *Ibadan* com um amigo cristão, ele repreendeu alguns "iniciados que trabalhavam para *Ògún*, uma forma de ganhar seus meios de subsistência" Voltando para *Ibadan*, um catequista disse uma mulher sentada à beira da estrada e com ela havia uma cobra que recebendo algumas mensagens dos búzios para alguns poucos transeuntes, que *Ògún* não era o verdadeiro Deus para os trabalhadores Um viajante missionário metodista foi visitado por um encantador de serpentes "fêmea" no Oyo em 1890 Carly. Nosso último vislumbre do culto está novamente em *Ibada*, quando uma mulher encontros europeus missionários "sentado à beira da estrada uma mulher velha, uma adoradora de *Ògún* com uma serpente enorme enrolada em volta do corpo, e ela pedindo esmolas do povo. Algum missionário deve ter fotografado a *Ològún* idosa do sexo feminino, intitulada "uma encantadora de serpentes", que é mostrado na figura.

Esta consultava o culto de *Ògún* sem ter ido ver despercebido na literatura secundária, para salvar a referência de uma breve passagem em Pleoples Talbot Nigeria do Sul (1926) para encantadores de "serpente",

[16] *Abeokuta* - É a capital do estado de *Ògún* na Nigéria.

que adoram [Ogum] sob o disfarce de uma cobra Smallish chamado *Mónà-moná*. Isso não soa como deveria de algum conhecimento muito estreito com o culto, uma vez que os meios *Mónàmoná "Python"*, que melhor se encaixa na descrição das cobras grandes que às vezes ocorrem em reportagens testemunhas do século XIX. Evidentemente apagada da memória dos informantes do educador Abraão em Ibadan no início dos anos 1950 (juntamente com a memória das mulheres que também adoravam *Ògún*), parece que provavelmente morreu rapidamente no inicio do século XX. A velha senhora a quem a conheceu Fry cobra perto da igreja kudeti em 1911 deve ter sido um de uma banda em declínio. Parece provável que tenha morrido mais cedo entre os Egba do que entre os *Oyo* Yorubá: a referência *Abeokuta* único é a partir do 1850, enquanto que para as áreas de *Oyo* continuar no 1880 e posterior.
Esta parece ser apoiada pela referência confundida com o culto na história do Harding e revendo resumo da religião Egba, em 1888, ele enfatiza a importância de *Ògún* numa listagem de de *Òrìṣá* que vai falar sobre *Òrìṣá Oko* e *Yemoja*, e à direita no final notas que a adoração é também dado a uma serpente chamada "Manumanu" explica Harding ao link "*Mónà-moná*" claramente com *Ògún*, se não é devido a incompreensão ou ignorância, sugere que esta forma de culto de Ògún era até então não são UF extinto em Abeokuta.

Não é fácil, na ausência de provas de outros tipos de papéis fora da CMS, explicar o porquê do culto de *Ògún* deve tomar este conceito. Mas uma dica final negativa nos dá uma pequena ajuda. Existe apenas uma referência para *Ògún-Ejò* fora das zonas central e ocidental, mas é uma exceção que parece confirmar a regra de que esse culto foi exótico para o leste:

Na Ondo em 1878, "um homem e *Ògún* Deus, abençoando o povo em seu nome

... [e obtendo] grandes quantidades de búzios em troca". Mas no dia seguinte um dos chefes trimestre olhava contra eles exibindo-se nesta rua e ameaçou cortar as cobras em pedaços. Isso provocou uma revolta popular contra eles, e Lisa [chefe mais poderoso dos *Ondo* do dia] aconselhou-os a sair da cidade.

"Fonte - *Africa's - Ògún — Old Word and new* 1997 - *Indiana University Press* - pág 272"

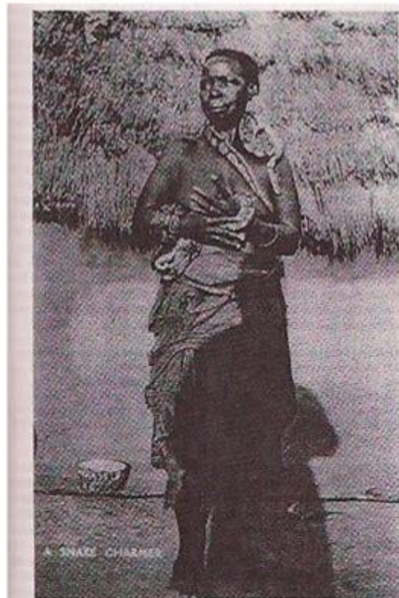


FIGURE 11.1 A female devotee of Ogun, with a snake coiled around her body, photographed before 1932.

Há muitos anos atrás chegamos a conhecer um *E̲lé̲gùn* desta divindade, sua manifestação não é das que permanece muito tempo no barracão, sua dança se apresenta como todos os *Ògún*, entre seus paramentos ele pode carregar uma cobra viva e ou um vulto feito em ferro, alguns casos podem ser confeccionadas espadas onde o guarda-mão e o cabo são adornados com uma serpente, usando cores verdes e vermelhas. Uma característica deste *Ògún* é o seu *Igbe'hun*[17] que é semelhante ao do *Bara Lòde*, porem não assume características do *Bara*, ele é um *Ògún* e mantém sua identidade como tal. Mas não deve ser despachado no *Yara-bọ* e sim na porta do barracão em pé com as costas

ı forma identificada de cada divindade se apresentar, que
eu Igbe'hun..

virada para a rua, é uma divindade da rua e será tratado com detalhes pertinentes ao seu fundamento.

> Desde que a terra de *Ilè-Ifé* era praticamente deserta, neste momento, parece bastante provavelmente que estes dois empresários religiosos não eram próprias IFES, mas *os mercados dos Oyos* de *Modakeke* e adjacentes, onde o culto deve ter sido tão prevalente como era em *Ibadan* ou *Ijaye*. No entanto, que pode ser que os *Ondos* assumiram claramente o grande mal que estranhos deveriam por um fim de apresentar suas divindades mais importantes, de tal forma um tanto estranho. Portanto, precisamos buscar uma explicação em termos que se aplicam especificamente à situação na região *Yorubá* central e ocidental. *Daomé* pode parecer uma fonte possível, uma vez que tinha duas divindades cobra notáveis. Havia a *Dangbe vodun*, representada por uma cobra grande em seu centro de culto principal em *Uidá*, e também adoraram ao longo da Lagoa, na medida *Badagry*, e houve também a serpente do arco-íris de *Dan*, também conhecido como *Aido-Hwedo* ou (pelo *Yorubá*) *Osumare*, cujas origens foram localizados ao norte do país *Mahi Abomey*. Mas nenhum dessas parece ter qualquer afinidade com *Ògún* (ou com o *Gu*, a sua forma *Dahomean*). Em qualquer caso, uma explicação de um culto em termos das origens externas é menos útil do que uma que lida com o seu significado intrínseco. Infelizmente, a falta de provas externas para complementar as contas fino nas revistas CMS impede mais do que a especulação mais hesitante. A serpente um simbolismo em geral, pode transportar um número de conotações diferentes, mas uma das mais difundida é a de terra, poder enraizar ou aglutinar, e isso na maioria das tecnologias de produção do ferro, mineração e fundição, muito praticada na região *Yorubá* central e ocidental. *Ògún*, como cobra, evidentemente, teve o seu coração nas cidades de *Oyo*, onde *Ògún*, apesar de não atingir o grau de reconhecimento cívico que entrou no ferro-come vindo do leste, foi, no

> entanto, um culto antigo, provavelmente mais do que *Ṣàngó*. Foi em *Oyo* na década de 1950 que Peter Morton-Williams deparou com a *Alajogun Òrìṣá*, uma refração de *Ògún* conhecido como a divindade de luta. *Alajogun*, ao contrário de *Ògún*, foi representado na forma humana, e em uma instância foi acompanhado por sua esposa *Oke Ijemori*, ela de pé com uma cobra em volta do pescoço (por ela foi dito queria jogar para eles)! Suas crianças estavam Hills *(oke)*, e uma pergunta se o ferro-circular foram particularmente destinados como mais adequado para um símbolo deste grande poder, tirando da terra o que *Mónàmoná*, a Python?
> "Fonte - Africa's - Ògún – Old Word and new 1997-Indiana University Press - pág 273"

Este *Ògún* tem permissão de permanecer dentro da casa quando inicia o *Sirrum*[18], acompanhado do *Legba, Zina, Lòde, Oyá, Ṣàngó e Xapanã* que dão o start no aos rituais dos fúnebres. Para que este ritual possa ser executado fechamos o *Yara-bọ*, apagamos as velas cobrimos o *Igbá-Òrìṣá*[19], *Igbá-Orí*[20] e abrimos nosso *balè*[21], local sagrado e escondido aos olhos dos visitantes, pois ali repousa o passado e o presente. Somente os que possuem *Oyè*[22] podem participar e ajudar nos rituais do *Sirrum*.

Um dos pontos mais curiosos talvez seja que quando preparamos o corpo do *Lailẹ̀mí*[23] louvamos para as divindades acima citadas, para logo a seguir começar com os cânticos do *Arissum*.

---

[18] *Sirrum* – Ritual fúnebre

[19] *Igbá-Òriṣà* – Vasilha e paramentos que compõe o assentamento do *Òriṣà*.

[20] *Igbá-Orí* – Vasilha e paramentos que compõe o assentamento do *borí*

[21] *Balè* – Local para o culto aos ancestrais

[22] *Oyè* – Cargo, título que determina a hierarquia dentro do templo.

[23] *Lailẹ̀mí* – *Morto, inanimado.*

O *àṣẹ* personificado por *Ògún* dirige a energia — que impele a novos reinos preparando o novo chão, e realiza ordinariamente a renovação. *Ògún* representa realização, exploração, e inovação (celeiros 1980). Penetra as fronteiras do desconhecido — a floresta, o chão de batalha, e as orlas da sociedade. Ele reina e a humanidade se beneficia e em algumas ocasiões destrói partes dela, e nesta missão ele é insaciável, tenaz, e inflexível. Seu caminho está frequentemente cheio de perigos inesperados. É a natureza do *Ògún* pode ser rápido, direto, e forte. Sendo criativo ou destrutivo, sua dinâmica pode ser caracterizada como explosivo. Muitos dos símbolos do *Ògún*, tal como a cobra do *Àgbaadù*[24], representa seu *àse* pequena e preta, com uma listra vermelha no seu pescoço, o *Àgbaadù* ou Cobra inevitavelmente é muito rápida, maliciosa, e letal e, por causa de seu tamanho pequeno, pode atacar as pessoas completamente por surpresa. O ferro também personifica o *àṣẹ* do *Ògún* (cf. H. Drewal, capítulo) coerente com a natureza do seu poder, nas ferramentas de ferro quando usado pelas pessoas nas ações do trabalho e desempenho prontamente, vigor, e uma liberação explosiva. Como os atos do *Ògún*, nestas ações podem ser criativos, mas ele se cala também se destrói intencionalmente ou acidentalmente. Trabalhar com ferro, homem assim partilha da força dinâmica do *Ògun*. Por isso, ação humana pode ser vista derivadamente e relativa desta força metafísica, ou definitivamente *àse*, este relacionamento entre ação humana e força metafísica em grande parte explica a necessidade das pessoas que usam ferramentas de ferro nos sacrifícios de *Ògún*. Os indivíduos revitalizam *Ògún* por sacrifício de modo que possam partilhar desta vitalidade e comungar com ele em segurança. A fala de *àse* do *Ògún*, portanto, é ouvido e é observado. É expressando fisicamente e audiovisualmente na dinâmica

[24] *Àgbaadù* — Assentamento deste *Ògún*

de dança e desempenho oral. Tanto dança como expressões vocais são esforços físicos com tempo expressando e tomando atitudes, espaço, peso, e fluxo (bartenieff 1980). Talvez uma combinação de prontidão, vigor, e sinceridade expressada numa liberação explosiva de energia que repete-se frequentemente nas imagens de representativa do *Ògún*; estas mesmas qualidades também são aludidas no físico e comportamental dos muitos objetos e seres, como o ferro e a cobra do *Àgbaadù*, com compor seu complexo simbólico. A seguinte análise das qualidades dinâmicas de textos orais e dança específico a Ògún demonstra como exibe o *àṣẹ* de *Ògún*. Um das imagens dominantes do *Ògún* é isso de destruição. Os celeiros, aliás, *Ògún* de pareceres "uma metáfora para os poderes perigosos e destrutivos da humanidade" (1980). Seu Itan oral de elogio que reforça a imagem destrutiva:

1 *O p(a) ọkọ s(i) oju ina*
2 *O p(a) aya s(i) marido*
3 *O p(a) wọn wẹrẹw ẹrẹ as l(i) (o)de*
4 *Ògún ni ẹjẹrengun ilê alaigbọran*
5 Gbe *orí olorí sawísa*
6 *O wo (o)ko Oloko rojo rojo*
7 *O pọn (o)mi si (i)lé ti ẹjẹ wẹ*
8 *Ògún l(i) ọn jẹ agbe (i)rin Omo pa Omo*
9 *Sare m(u) omi wa o pa meje*
10 *Ọkurin giri bi ẹni ṣi lẹkun*
11 *O pa s(i) otun o ba otun jẹ*
12 *O pa s(i) osí o ba osí jẹ*

1 Ele que mata o marido antes do fogo,
2 Ele que mata a esposa no antes,
3 Ele que mata pequenos para libertar o exterior.

4 *Ògún* é a folha na casa do homem feroz e orgulhoso.
5 Ele que calcula a cabeça de outro livremente.
6 Ele que aponta no pênis de homens.
7 Com água na casa que ele lava com sangue
8 *Ògún* que faz o abate de criança brincando com o ferro
9 Ao carregar água ele que mata sete (as pessoas)
10 Tremores de homem como alguém que abre a porta
11 Ele que abate no direito de *Ògún* e destrói no correto
12 Ele que mata na esquerda e destrói na esquerda. (borda 1967)
"Fonte - Africa's - Ògún – Old Word and new 1997-Indiana University Press - pág 204"

Para a nossa cultura, ou acredito que seja para as muitas culturas afro-brasileiras o *Òbe*[25] pertence ao *Ògún*, o ferreiro que forjou as armas para os Deuses, nos deu a faca para que pudéssemos cortar e oferecer sacrifícios para todas as divindades, não começamos nem um ritual sem antes louvar o ferreiro e pedir permissão para que possamos iniciar os rituais. Acredito que a ligação do Ávágã surge no assentamento do *Àgbaadù neste mesmo onde come a Òbe e* que usaremos para todos rituais pertinentes à rua, e seus caminhos.

Uma reza cantada para ele, que representada um guerreiro lutando, cortando e se defendendo, que costumamos tirar logo após despachar o *Èkomi*[26] onde aqueles que foram para a rua levando o carrego voltam para o salão, ou no início do toque logo após louvar os *Bara*. Facilmente notarão a mistura de uma ou outra palavra *yorùbá* ao djedje, talvez tenha isto tenha acontecido

[25] *Òbe - Faca*

[26] *Èkomi* – Preparado que leva água e alguns elementos ritualísticos que possuem diversas finalidades, usadas na proteção dos templos, seguranças durante os rituais dos *Òrìṣà* ou *Egungun*.

no inicio onde os nossos respeitos antepassados misturaram, talvez pela falta de informações que temos hoje, isso deve ter ocorrido, mas nada fatal proporcionou à nossa cultura.

> *Chouchou Cho nyi pa dô*
> *Gan gan gan Cho nyi pa dô*
> (baseado no vocabulário *djedje e Yorubá*)[27]

Porem eu aconselho ao não tentarem tradução pelo fator natural da amputação fonética que as cantigas sofreram, sendo impossível termo uma tradução exata, porem podemos ter uma base o que não significa que seja a devida tradução das mesmas.

> O verbo *pa* é uma ação, matar, ser comum em poesia de elogio e invocações para *Ògún*, e sua dinâmica e desempenho oral é análoga à dinâmica visível de movimento. Por isso a expressão oral pode ser submetida ao mesmo tratamento analítico que é dado a esforço físico. "O verbo pa pronunciado em textos orais transmite um golpe que é espacialmente direto, e poderoso, executado com uma liberação explosiva. Neste volume (capítulo 2), Armstrong usa o ortografia *Kpa* para sublinhar a força vocal do "p" de Yoruba soar sua repetição, " *Ó pa ọkọ…. Ó pa aya… Ó pa wọn wẹrẹw ẹrẹ* " (linha 1-3) e assim por diante, evoca imagem do *Ògún* com um cutelo na mão escondendo ao redor. Realmente, na sua maioria amplamente sabe que elogios é, "matou-os com um golpe

[27] *Chouchou* (tchoutchou) - Muitas vezes, muito tempo; *Cho* (tchô), *Gbona* (gbôna), *Ghona* (grôna) - quente; *Do* (dô) - dizer, estar; Nyi (ni-î) - alimentar, nutrir, prover.

(instantaneamente)" (*Ó p'awọn bere kojo*). Esta imagem verbal é promulgada fisicamente em Ilaro, onde, em certas ocasiões, um caçador possuído rapidamente por *Ògún* pelo povoado, cutelo em mãos, e decapitando qualquer cão no seu caminho com um golpe da sua lâmina de ferro. Outra invocação para Ògún declara:

1 *Ó pa oko síbi iná*
2 *Ó PA aya si bálùw ẹ̀*
3 *Ó PA Omo pa ìya*
4 *Adamolore kège kège*
5 *Kùtùkùtù l'Ògún ba*
6 *Àiyí Gọlọtọ s'oko oloko*
7 *Ekun oko eke wo*

1 Ele que mata o marido bota a orelha no fogo
2 Ele que mata a esposa na casa de banho
3 Ele que mata a criança, e mata a mãe
4 Espada-cortes-fora-cabeça *kège* de *kège* 5 De manhã cedo, *Ògún* encontrou-os
6 Eles que foram achados na pedra-morta na fazenda de outro fazendeiro
7 *Ògún* punirá esses que não temem-no (1975)

As frases acima que jogam sobre "p" duro e sons de k"" pronunciaram com energia explosiva. Possuem uma dinâmica que é desencadeada no ato de pronunciá-los, e transmitem força pelos padrões eficazes de tensão colocada em consoantes, redige, ou introduz, chapéu é a combinação de tom, velocidade de sílabas, força vocal, e fluxo-todo que combina simular esforço físico. Outra vez, o "pa" de palavra (abate) é direto, rápido, e explosivo. Em outra frase contendo uma palavra-quadro, *kège de kège* "a espada-cortes-fora-encabeça," a imagem de cabeças rolando é

transmitida. O kège do som tem uma qualidade lenta pesada e, quando repetido, sugere movimento contínuo. O de sílaba interrompeu pelo som de *"Ge"* seguiu por uma pausa curta e jogos de repetição para cima um ritmo que evoca uma imagem imediatamente horrível e humorístico, que de um pesado, cabeça de esfera de forma irregular formada —rolando depois de o impulso poderoso rápido do cutelo do *Ògún*. É frente evidente estes exemplos que *Yoruba* tem uma grande sensibilidade a qualidades dinâmicas e que os usam bem deliberadamente em desempenho-e verbal, como veremos, em dançar e evocar, e assim finalmente invocar, a força vital de *Ògún*. Por todo Yorubaland há muitos estilos diferentes de dança do *Ògún*. Para os propósitos deste papel, no entanto, um estilo distinto e seu concurso serão discutidos: A dança de transe de posse de *Ògún* associou-se com um festival ritual para os deuses em *Yorubaland* ocidental. Uma comparação então será feita com dança de transe de posse de *Ògún* nas casas de candomblé de *Yoruba*-Derivou de Bahia, Brasil. Estes exemplos fornecem-nos com discernimento no papel de dança e a importância de suas qualidades dinâmicas em ritual. Usar o corpo como um instrumento expressivo, o dançarino de *Ògún* evoca, e assim ao invoca, as qualidades dinâmicas reais que constituem a essência do deus e realiza isto por manipulações e tempo controlador, espaço, energia, e fluxo de acordo com precedente tradicional.
"Fonte - Africa's - Ògún — Old Word and new 1997-Indiana University Press - pág 206"

Uma vez eu li que *Ketu é Nàgó*, sim é verdade, pois *Ketu* pertence realmente à cultura *Nàgó*, porem o *Nàgó* não é *Ketu* como a maioria costuma pensar. Da mesma forma que a cultura Yorubá também segue o mesmo conceito onde podemos ver religiões baseadas no *Yorubá*, mas nem tudo é *ketu*, por exemplo, os *Nàgó* cultuam os Deuses *Yorubá*, da mesma forma que *Ketu e Ifá*. Não seria diferente para os *Nàgó* possuírem subdivisões religiosas importantíssimas

para sua estruturação e individualização de cada uma delas.

Entre os cultos mais difundidos no Brasil eu acredito que os *Nàgó* sejam os mais fechados, mais sigilosos e esquivos. Enquanto todas as culturas se apresentaram e foram em busca do status e fama, os *Nàgó* se fecharam nos seus segredos e culto. E observo que muitos fundamentos das famílias *Nàgó* são desconhecidos e chegam a causar certo espanto para a comunidade afro-brasileira. A cultura que nos cerca é riquíssima e celebra anos de uma tradição que começa agora a ser descoberta pelos brasileiros.

Buscar a origem dos fundamentos e conceitos que nos cercam é a necessidade que temos em mostrar os preceitos e costumes do nosso povo, que não são invenções e muito menos será um embuste religioso.

Uma referencia da veracidade e diversidade é esta matéria editada no livro "*Ògún – Old Word* and new de 1997" que ilustra um culto e fundamento que deve ter sido apagado na África, pois os atuais sacerdotes e sacerdotisas não se recordam ou jamais ouviram falar nestes *Ògún* que carregam uma *Python*. Por isso eu acredito que o resgate da cultura é importantíssimo para comunidades religiosas serias que almejam um culto forte e limpo. Os tratos e rituais acima citados são apenas uma apresentação superficial do *Ògún* que cultuamos dentro da nossa nação e que está presente também no culto Batuque do RS.

Créditos
Texto e pesquisa - Erick Wolff∞
Agradecimento
Material de pesquisa - Luiz L. Marins
Imagem da Serpente - "*Mónàmoná*" - álbum do Orkut - Antonio dos Stºs Penna

Bibliografia

_________ *Africa's Ògún* – Old Word and new 1997 - Indiana University Press
Tradução digital.

OBÁ, LÍDER DA SOCIEDADE *ELEKÔ* COMANDA TODAS AS MULHERES GUERREIRAS.

Vilson Caetano Jr

Obá é um dos "orixás femininos" sobre a qual recaiu uma espécie de esquecimento. Todavia, não obstante este fato, ela goza de enorme significado no universo das religiões de matriz africana. Muito pouco se tem escrito sobre a mesma, talvez por ela nos remeter a um mito original que se repete em várias culturas que fala "de um tempo em que o mundo era governado pelas mulheres."

Em alguns terreiros de candomblé que ainda preservam a figura desse principio ancestral, *Obá* aparece como uma caçadora. Este fato faz alusão aos primórdios dos grupos humanos que tinham a atividade coletora como principal meio de sustento. Pena que ainda hoje quando retomamos esta imagem, logo nos vem à mente figuras masculinas, contrariando alguns mitos afro-brasileiros que trazem enfaticamente a presença de mulheres a frente de grupos que mais tarde darão origem às grandes civilizações.

Em todos os mitos preservados no Brasil, *Obá* apresenta-se como caçadora ao lado de outras como *Oya* e *Iewá*, daí a sua ligação direta com *Odé*, o caçador. Outra imagem que reforça a antiguidade do seu culto é a de que tal orixá também é um rio do mesmo nome que ainda hoje corta uma parte do território iorubá.

Conta-se que, após vários dias de batalha, estando os orixás liderados por *Ògún* e *Òòsàálá*, fragilizados pela guerra, *Obá* não se contentando em reunir apenas as mulheres de seu tempo, convocou todas as fêmeas do mundo animal. Ao ver Obá chegar rodeada de animais, aquela guerra foi vencida porque os inimigos fugiram de seus postos. Afirma-se nos terreiros que *Obá* mantém relações profundas com os animais, outra imagem antiga preservada do tempo em que os primeiros grupos humanos acreditavam encantá-los através de seus desenhos. O tempo em que os caçadores e caçadoras confundiam-se com a própria caça.

O culto a *Obá* é ainda hoje cercado de mistério. Mistério velado pelas cores escuras, representadas pelo vermelho encarnado que compõem seus elementos rituais nas poucas vezes em que aparece. Em alguns terreiros de tradição jeje nagô, a cantiga que diz *"Obá*, líder da sociedade *Elekô* comanda todas as mulheres guerreiras", inicia a sequência de músicas que dentre outras coisas, lembra a sua importância como representante das mulheres como caçadora, chamando para si funções sociais, políticas, culturais e religiosas.

Em outras palavras, *Obá*, além de desempenhar um papel como desbravadora, cabia a ela defender o grupo, o protegendo em todos os sentidos, fomentar seu sustento e garantir a sua integridade política.

Os caçadores eram ainda médicos, mágicos, verdadeiros entes divinos que sabiam que da relação de sua comunidade com os ancestrais dependia a sua permanência no mundo. Daí a expressão: *"Obá Elekô"*. *Elekô*, a exemplo de muitas outras sociedades secretas, era uma espécie de "maçonaria de mulheres", que dentre outras funções, zelava pela preservação da relação entre estas e a terra, para alguns grupos humanos, a grande mãe ancestral.

Pena que apenas persistiu dentre nós, fragmentos de uma história que diz ter sido *Obá* enganada por uma das mulheres de *Sàngó* que a teria induzido cortar uma de suas orelhas. Acho mesmo que a imagem da orelha cortada por Obá neste mito é menos importante do que aquilo que considero tema principal: o amor.

Obá é símbolo do amor, esse principio universal que por mais esforço já se tenha feito para traduzi-lo através das poesias, das filosofias, das religiões e recentemente da ciência, ainda é um mistério, talvez por ser ele um dos mais divinos.

Gosto muito da história que diz que certa ocasião muito triste por ter perdido um de seus filhos, uma mulher adentrou-se na mata e pediu a *Obá* que o trouxesse de volta. Adormecida na floresta, a jovem sonhou com sementes que lhes eram trazidas por um enorme pássaro. Acordada do sono, a mulher foi procurá-las. Chegando a beira de um rio, mal pode conter a sua alegria ao deparar-se com as sementes que a noite havia sonhado, ao mesmo tempo em que se deu conta de que, era ela mesma o pássaro que a noite havia visto em sonho. Das sementes plantadas pela mulher arrebentou uma planta que se transformou numa árvore de tronco escuro a partir da qual a humanidade melhor podia se representar, trazendo presente na forma de esculturas seus antepassados: o ébano.

Obá, dessa maneira é a "verdadeira deusa do ébano", não somente da madeira escura, de brilho natural que tanto nos representa através das mãos dos artistas africanos, mas a verdadeira "deusa negra" presente em todas as mulheres, nossas irmãs e mães que hoje mais do que nunca vão ao enfrentamento para defender a sua dignidade através da garantia da integridade de seus filhos. Mulheres que embora tenham conquistado espaços nas sociedades contemporâneas ainda são aquelas mais estigmatizadas, violentadas e que tem seus direitos menos respeitados. Mulheres que como *Obá* amam, e por isso vão a luta pelos seus sonhos e são capazes não apenas de liderar quilombos, revoltas armadas, greves, movimentos sociais, mas grupos inteiros pois assim foi desde o inicio quando *Obá* saiu à frente convocando todas as mulheres para reconquistar o mundo.

Bibliografia

http://www.feminismo.org.br/livre/index.php?option=com_content&view=article&id=99995599:oba-lider-da-sociedade-eleko-comanda-todas-as-mulheres-guerreiras&catid=99:opiniao-e-analise&Itemid=620

Bara Ijelu

Por Erick Wolff
10/06/2013

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar a divindade *Bara* do *Òrì<u>s</u>àismo* Afro-sul como um orixá essencialmente masculino, sobre o qual não há nenhum conceito de gênero feminino.

PALAVRAS CHAVE: *Ijelu, Bara, È<u>s</u>ù, Ìkójo<u>p</u>ò-òò<u>s</u>à, Alúpo, Láàlú-po*

BARA

Bara é a divindade *Yorùbá* conhecida como *Èṣù*[28], o seu culto no *Òrìṣàismo* Afro-sul, criou uma nova identificação e costumes para invocar e tratar esta divindade.

Bara Olòde para culto *Òrìṣàista* Afro-sul, ele está presente em todas as casas desta cultura, alguns templos dão o nome de *Lòde, Olòde* ou *Òde*, mesmo que este templo não tenha ele sento, mas há sempre uma segurança destinada a esta divindade. O papel do *Bara* é proteger o templo, abrir caminhos e evitar qualquer risco ao templo.

Òrìṣàismo Afro-sul, possui um *Ìkójọpọ̀-òòṣà* [29] Bara, cada *Bara* recebe um nome e uma forma de culto que distingue um ao outro, porem não há necessidade de cultuar todos ao mesmo tempo, com exceção do *Bara Olòde, Lòde* ou *Òde* que todos os templos possuirá um, os demais *Bara* podem ser cultuados individualmente, onde cada indivíduo tem um destes *Bara*, o seu assentamento faz parte dos seus fundamentos.

- *Bara Elẹgbara* ou *Lẹgba* - *Elẹgbara* é apenas um epíteto de *Èṣù*, que quer dizer "senhor do poder" não é uma divindade do mal, e, informa que em território *Yorùbá*, os transeuntes ou devotos jogavam um ou dois búzios, ou, um punhado de milho ou feijões torrados em cima de uma imagem representativa desta divindade em madeira com dois chifres virados para

[28] *Èṣù* – Divindade com diferentes atributos ligados à comunicação entre o céu e a terra, aos caminhos e à fertilidade. *Èṣù Ọ̀dàrà ló ní ikóríta mẹ́ta* – Exu faz uso da encruzilhada. (BENISTE, Dicionário Yorubá / Português, pág 218)

[29] *Ìkójọpọ̀-òòṣà* – Ajuntamento, acumulação ou coleção.

trás, invocando sua ira ou proteção. Não há iniciação para esta divindade, apenas culto e nem todas as raízes do *Òrìṣàismo* Afro-sul cultuam este *Bara*. (JOHNSON, *The History of the Yorubas*, pág 28).

- *Bara Lànà* – *Lànà* significa abrir um caminho, ou fazer uma trilha, provavelmente este nome foi dado ao *Bara Lànà* para que ele representasse o *Bara* que abre os caminhos. Há iniciação para este *Bara*.

- *Bara Apanada* – não encontramos uma ligação que possa chegar ao nome deste *Bara*, porem sabemos que não há iniciação para ele, apenas culto em alguns templos.

- *Bara Lòde* – *òde – rua, lado de fora da casa, Lòde, Òde* ou *Olòde* é o senhor da rua, o seu assentamento fica na frente dos templos e possui a função de proteger e guardar os templos. Há iniciação para este *Bara*.

- *Bara Jelu, Ijelu* – O senhor de *Ijelu*, um *Bara* astuto e inteligente. Há iniciação para este *Bara*.

- *Bara Adague* – não encontramos uma ligação que possa chegar ao nome deste *Bara*. Há feitura para esta divindade.

- *Bara Toqui* - não encontramos uma ligação que possa chegar ao nome deste *Bara*. Há culto, porem não há feitura para ele.

- *Bara Burúkú* – *Burúkú* adj. Mau, sórdido, o assentamento do Bara *Burúkú* fica na frente da casa, geralmente plantado (não fica exposto) num buraco abaixo do assentamento do *Bara Òde, Lòde ou Olòde*. Não há feitura para este *Bara*, apenas culto, porem não é encontrado em todas os templos do

Òrìsàismo Afro-sul.

Sua saudação no *Òrìsàismo* Afro-sul – *Alúpo* ou *Láàlú-po* = *Láàlú* (o famoso, ou, o rico da cidade) uma saudação feita para *Bara* ou *Sàngó*, *po* (completamente).

A MODERNA TRANSGENITURA DE *BARA IJELU*



Recentemente chegou ao nosso conhecimento um vídeo que apresenta a transgenitura do Bara Ajelu entre macho/femea, sendo seis meses do genero masculino, seis meses feminino. A informação, ao nosso ver, inédita, pode ser encontrada no vídeo "*Cuidando do Terreiro*", publicado aqui (dar o endereço), no qual vemos a fala da Mãe Klaudete de *Xapanã*, Nação jeje, informando o mito em que o *Bara Jelu* seria transgênero, segundo ela.

Diz Mãe Klaudete:
[...] Há um mito no rio Grande do Sul, que Bara Jelu, é seis meses homem e seis meses mulher, no Ketu a gente tem Oxumaré, no Jeje a gente tem Becém, é muito mais fácil, uma *Bàbálòrìsà*, uma *Iyálòrìsà* [...]

Como nunca encontramos referencia de que *Bara* possa se transformar em "Mulher ou Homem", pois sabemos que na África ele é uma dividindade

exclusivamente masculina, tanto que ele carrega o *Ògo*[30], símbolo de virilidade e masculinidade, é o órgão masculino. Observem o *Ògo* que ele carrega na mão, este é o símbolo que melhor representa o *òrìsà Bara*.

Procuramos informações sobre o mito da transgenitura de *Bara Jelu*, conforme narrado pela sacerdotisa Klaudete de *Xapanã*, com alguns sacerdotes e sacerdotisas, que assim se manifestaram:

Bàbálòrìsà Lula *Ògún* 1:

Sobre o assunto em pauta; digo: Nos meus anos de culto religioso da raiz *Jeje*, jamais ouvi falar, dos meus ancestrais*, que *Bara Ajelu* fosse seis meses homem e seis meses mulher. Creio que houve engano na divulgação deste assunto.

ancestrais* Luiza *Odé* (tataravó), Quininha *Òsùn* (bisavó), Glória *Ògún* (vó), Nair *Sàngó* (mãe)

[*Bàbálòrìsà* Lula *Ògún Oniré*, Nação Batuque, raiz *Jeje*, iniciado em Junho de 1970 pela *Iyálòrìsà* Nair *Sàngó Agogo*, *Ilé Sàngó* e *Òsùn* – Canoas- RS]

Ègbón Adriani *Iansã* 2:

No decorrer dos meus anos de religião, eu nunca tinha ouvido falar que no batuque existia o mito de *Bara Ajelu* ser considerado seis meses homem e seis meses mulher. Meu bàbá é filho de *Ajelu*, e em nossa família não existe esse mito.

---

[30] *Ògo* – bastão de proteção, no caso do *ògo* do *Bara*, ele é entalhado no formato de um pênis.

[*Ègbó̱n* Adriani Parodi *Iansã*, Nação Batuque, raiz Jeje, iniciada Janeiro de 1999 pela *Iyálòrìs̱à* Nair *S̱àngó Agogo, Ilé S̱àngó* e *Ò̱s̱ùn* , Canoas, RS, após o seu falecimento passou para a mão do *Bàbálòrìs̱à* Flavio Bara Ijelu em Janeiro de 2005]

Ègbó̱n Cintia Mello *Bara Ijelu* 3:

"Nunca ouvi falar nada sobre este mito"

[*Ègbó̱n* Cintia Mello Bara Ijelu, Nação Batuque, raiz *Jeje-Ijes̱a*, iniciada em 2002, pela *Iyálòrìs̱à Rose Ò̱s̱ùn*, atualmente é filha da *Iyálòrìs̱à* Vera *O̱ya Nikè*, mora em Gravataí, R.S.]

Bàbálòrìs̱à Fernando *Bara Ijelu* 4:

"Eu desconheço o mito em que o Bará *Ijelu*, possa ser seis meses homem e seis meses mulher"

[*Bàbálòrìs̱à* Fernando *Bara Ijelu*, Nação Batuque, raiz *Jeje-Ijes̱a*, iniciado pelo *Bàbálòrìs̱à* Jonas *Sàngó*]

Bàbálòrìs̱à Léo *Aganju* 5:

"*Bara Ijelu* e a ambissexualidade. Eu nasci dentro da casa de santo, que na época era comandada por minha avó carnal, hoje é meu pai carnal, Lula *Ògún*

Onire atual patriarca da casa, eu sou o *Ajogún*[31] do *àse* e nunca, dentro da minha família de santo ou na minha raiz (*Jeje*) jamais foi mencionado que *Bara Ijelu* seria seis meses Homem e seis meses Mulher. Desconheço esse mito dentro do *Òrìsàismo* do R.S. Sempre o tivemos como qualquer outro *Bara*, carregando o vermelho e o dendê.

[*Bàbálòrìsà* Leonardo Martins *Aganju* e *Ajogún Ilé Àse Ògún Onire*, Nação Batuque, raiz *Jeje*, iniciado em 12 de outubro de 2004 pelo *Bàbálòrìsà* Lula *Ògún Onire*, Canoas- RS]

Iyálòrìsà Souvenir Carvalho 6:

"Não, nunca ouvi. Perguntei até para minha mãe e ela também nunca ouviu falar. O que sei e me foi ensinado é que *Ijelú* é um *Bara* de praia mensageiro de *Òsùn*, *Yemonjá e Òòsàálá*, que assim como trabalha ele brinca, por ser um *òrìsà* muito novo, os antigos quando se referiam a ele o chamavam de menino."

[*Iyálòrìsà* Souvenir *Òsùn*, Nação Batuque, raiz *kàbína*, 25 anos de feitura, iniciada em 13 de Junho de 1988, pela *Iyálòrìsà* Neuza *Ògún*, neta de Henrique *Òsùn*.]

Bàbálòrìsà Elias de *Òòsàálá* 7:

"Nunca ouvi falar sobre este mito e não considero o *Bara* uma divindade *méjì*, seis meses homem seis meses mulher."

---

[31] *Ajogún* – Herdeiro de uma casa.

[*Bàbálòrìṣà* Elias *Òòṣààlá*, Nação Batuque, raiz *kàbína*, feito em 1972, por *Bàbálòrìṣà* Luiz Carlos *Ọ̀ṣùn*, e em 2007, foi para o *àṣe* do *Bàbálòrìṣà* Enio *Ọ̀ṣùn*, mora em Porto Alegre]

Bàbálòrìṣà Celso *Xapanã Sapaktá* 8:

"Desconheço este mito"

[*Bàbálòrìṣà* Celso *Xapanã Sapaktá*, Nação *Batuque*, raiz *Kànbína*, *iniciado em 1991*, *pelo Bàbálòrìṣà Henrique* *Ọ̀ṣùn*, filho de Palmira *Ọ̀ṣùn*, Filha de Waldemar *Kamuka*, mora em Canoas]

Entramos em contato com a Mãe Klaudete de Xapanã, referente ao mito da ambissexualdiade do *Bara Ijelu*, em resposta a mãe Klaudete respondeu;

> Erick, o Itan é original do Jejê do Rs, nação da qual faço parte, é informado desde a minha primeira ancestral, que durante 6 meses ele se comporta como menino, alegre, solto das amarras, brincalhão, adora rua, brincadeiras de roda, bolinhas de gude e folguedos só de menino, após, isto, se recolhe ficando mais dentro de casa, cuidando das crianças do Ylê, das meninas.
> Dizem as mais velhas, é porque ele é o Bará (predileto) de Oxum e Yemanjá e come na vasilha com elas (lado à lado), não se faz nada para elas, principalmente, para Oxum senão frentear para ele!
> Axé
> Iyá Klau

Segundo esta informação, notamos que o conceito sobre o Mito do *Bara* ser seis meses homem e seis meses mulher, conforme narrado no vídeo "Cuidar no Terreiro", já muda de um *òrìṣà méjì* para um *òrìṣà*, com comportamento peculiar, o que não exprime nem traduz uma divindades ambissexual, ou seja, a informação passada oralmente no vídeo não possui condições de ser considerada um mito pertencente à nação Batuque, raiz *Jeje*, conforme narrado pela mãe Klaudete, da mesma forma que este conceito sobre Bara Jelu ficar seis meses dentro de casa e seis meses na rua, também é desconhecido entre a diáspora Afro-sul e a raiz Jeje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bara é a divindade *Yorùbá* conhecida como *Èṣù*, no *Òrìṣàismo* Afro-sul *Bara* é cultuado e tratado, porem ele é e sempre será uma divindade vinculada a fertilidade e masculinidade, desconhecemos qualquer referência ou menção que possa sancionar a dualidade sexual desta divindade.

Vimos o testemunho de alguns sacerdotes e iniciados para o *Bara Ijelu*, para saber se por acaso algum dia ouviram falar do mito, ou por acaso ele poderia ser vinculado a mulher, nossa procura foi sem sucesso.

Por isso, este mito não pode ser considerado como pertencente à diáspora afro-sul e afro-brasileira, sendo um mito que pertence apenas à tradição oral da família da mãe Klaudete de *Xapanã* e as informações contidas no vídeo Cuida no Terreiro, não deveriam estar contidas no mesmo, pois a Nação *Òrìsàista* Afro-sul não confirma a existência e a fundamentalização deste Mito. *(*BORGES, Neto. Youtube. Vídeo *"Cuida no Terreiro")*.

BIBLIOGRAFIA

JOHNSON, Samuel. The History of the Yorubas, From The Earliest Times to the Beginning of the British protectirate, by, the rev. Edited by dr. O. Johnson, Lagos.

BENISTE, José. Dicionário Yorubá Português, Bertrand Brasil, 2011.

BORGES, Neto. Youtube. Vídeo *"Cuida no Terreiro"*. Produção Olho Filmes, fala da Mae Klaudete de Xapanã, Alvorada, RS. <http://www.youtube.com/watch?v=oMDGTHQe9Ao>





A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DAS CANTIGAS DOS ORIXÁS NO BATUQUE DO R.S.

Luiz L. Marins
Maio de 2013

"Para conservar a memória e resgatar a cultura"

INTRODUÇÃO

Transcrição fonética é o ato de grafar o som, tal qual se fala, ou se ouve. No caso das religiões afro-brasileiras, esta é a única forma de se preservar fielmente a herança fonética africana.

Este ato nada tem a ver com reescrita em suposta língua original, segundo a reinterpretação de quem ouve, como fazem atualmente alguns pseudo tradutores atuais que utilizam dicionários.

A primeira transcrição fonética que conhecemos foi publicada por Abelardo Pereira, nos discos de título "Este é o Nagô do Rio Grande do Sul", Artes Discos, no início dos anos 80. Não temos notícias de transcrições anteriores a esta data, o que não significa que não possam existir; se houver, agradecemos a informação.

A transcrição realizada por Abelardo foi escrita em português, expressando exatamente o que se cantava, e que se podia entender de ouvido. Felizmente, não houve nenhuma tentativa de reescrever o ioruba. Não temos os originais de Aberlado para apresentar.

Do ponto de vista musical, o ritmo gravado por Abelardo é de longe muito mais agradável, do que o que se ouve hoje. Seria um grande presente ao povo de santo afro-sul, se seus discos fossem remasterizados e regravados. Disponibilizamos uma pequena amostra >

https://drive.google.com/folderview?id=0B72Y0etpmfGMZlRrMDM0ZzBlMWs&usp=sharing

A transcrição fonética produzida por Abelardo foi reproduzida no livro de Jorge Verardi, Presidente da Afrobras, de título Axés dos Orixás no Rio Grande do Sul, Jan Comércio e Representações, o que possibilitou-nos este trabalho.

Walter Calixto Ferreira, o tamboreiro Borel, publicou no livro "Ago-Iê, Vamos Falar de Orishás, Editora Renascença, 1997, uma transcrição fonética não tão completa como a de Abelardo e Verardi, mas muito interessante, pois apresenta diferenças significativas em relação às anteriores. Com certeza, se forem transcritas as interpretações de outros tamboreiros, mais diferenças existirão, o que coloca em xeque as tentativas de traduções publicadas atualmente.

Concluindo, não é nossa finalidade comparar as diferenças destes trabalhos. Antes, interessa- nos conservar a memória de seus autores, e o resgate da cultura para futuras estudos, seja da fonética ou da linguística.

O DISCO DE ABELARDO



Foto do disco de Abelardo Pereira – fonte: Site Mercado Livre Fotografo desconhecido.

"... Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e ***religião:*** *este direito inclui a liberdade de mudar de* ***religião*** *ou* ***crença*** *e a liberdade de manifestar essa* ***religião*** *ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular."*

Art. XVIII — da Declaração Universal dos Direitos do Homem

Jorge Verardi (Jorge de Xangô), Babalorixá, Presidente da FEDERAÇÃO DA RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA — AFROBRAS, nasceu em Cruz Alta (19/10/49), Rio Grande do Sul.

* Formado em Parapsicologia, recebeu o título Doutor Honoris Causa pela Universidade DEVAS INTERNACIONAL, da Argentina.

Dentro de todo o seu competente desempenho na defesa dos ritos afros, nos traz, neste seu trabalho **Axés dos Orixás no Rio Grande do Sul**, uma seleção de lendas esclarecedoras sobre as origens e mitificação dos Orixás dentro do Panteão dos Deuses Africanos. Orixás estes que são apresentados em ilustrações inéditas na forma humanizada. Apresenta de maneira acessível e didática o culto das Nações (Batuque) no Rio Grande do Sul, com seus rituais. Axés (rezas), comidas, cores, numerologia, além de identificar as características da personalidade nos arquétipos de cada pessoa.

As rezas são apresentadas em língua iorubá (nagô), com adaptação da fonética à língua portuguesa, qualificando ainda mais este trabalho de literatura específica.

Nos conta ainda a história de um príncipe africano, que viveu entre nós no Rio Grande do Sul, onde adotou o nome de **José Custódio Joaquim de Almeida**, que veio a falecer com a idade de 104 anos.

Para mostrar sua transparência frente à Presidência da AFROBRAS, apresenta seu Estatuto e Regimento Interno, além de interessante destaque sobre a "Declaração Universal dos Direitos do Homem" e citações da Constituição e do Código Penal Brasileiro.

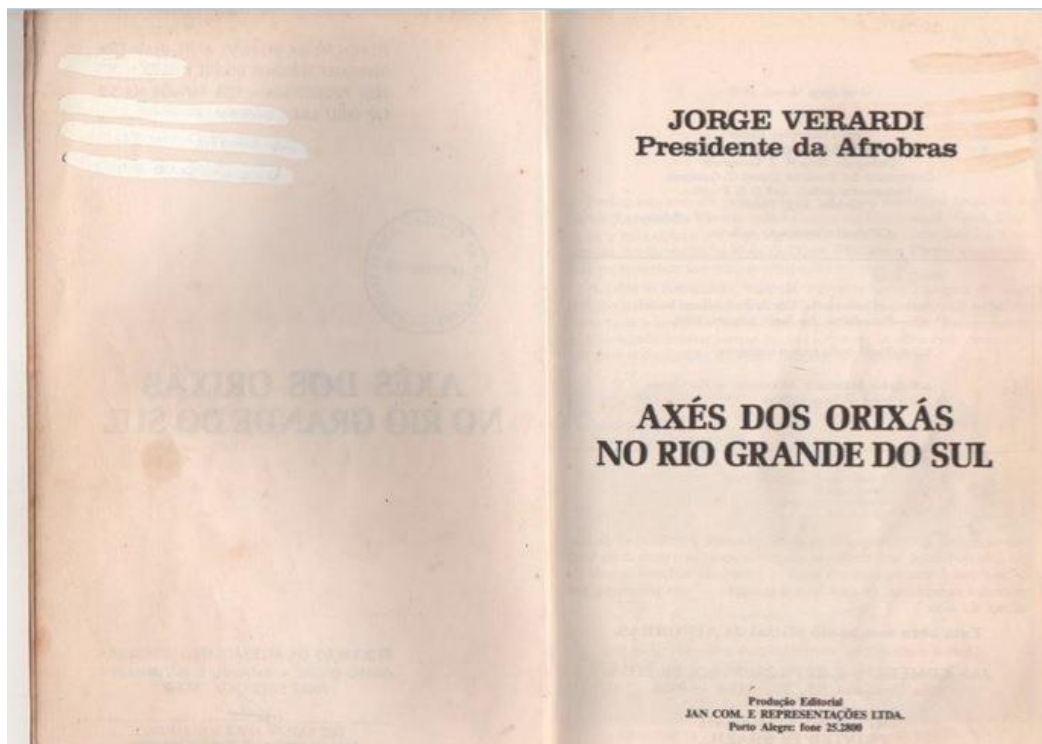
Assim sendo, sinto-me à vontade para recomendar este trabalho do companheiro de ideologia, **Jorge Verardi**, a todas as pessoas que participam e fazem da religião afro-brasileira (Nação — Batuque) sua fé maior.

DILAMAR MACHADO
Advogado e Jornalista

AXÉS DOS ORIXÁS NO RIO GRANDE DO SUL — JORGE VERARDI

AXÉS DOS ORIXÁS NO RIO GRANDE DO SUL

JORGE VERARDI
Presidente da Afrobras



JORGE VERARDI
Presidente da Afrobras

AXÉS DOS ORIXÁS
NO RIO GRANDE DO SUL

Produção Editorial
JAN COM. E REPRESENTAÇÕES LTDA.
Porto Alegre: fone 25.2800

Capa e Ilustrações: Cleber
Arte final: Editora Pallotti Ltda.
Datilografia: Rosa M. Z. Gonçalves
Composição: Ed. Fotoletras (Sidnei C. Gutterres)
Planejamento gráfico: José D. B. Pucello
Revisão: Jorge Verardi

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Verardi, Jorge

V 583 a Axés dos Orixás no Rio Grande do Sul/Jorge Verardi. 1ª ed. — Porto Alegre: Jan Dept° Editorial, 1990.

112 p. 15x22 (inclui fotos e ilustrações.

1. Religiões Africanas 2. Africanismo — Rio Grande do Sul 3. Nagô — Rezas I. Título

CDD 299.698165
CDU 299.6 (8165) "1990"

Índices para Catálogo Sistemático
1. Religiões Africanas
2. Africanismo — Rio Grande do Sul
3. Nagô — Rezas

Esta obra tem apoio oficial da AFROBRAS.
Direitos desta edição, reservados para todos os países pela
JAN COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.
Rua Uruguai, 91, 3°, s/335 — POA
Cep. 90010-140
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

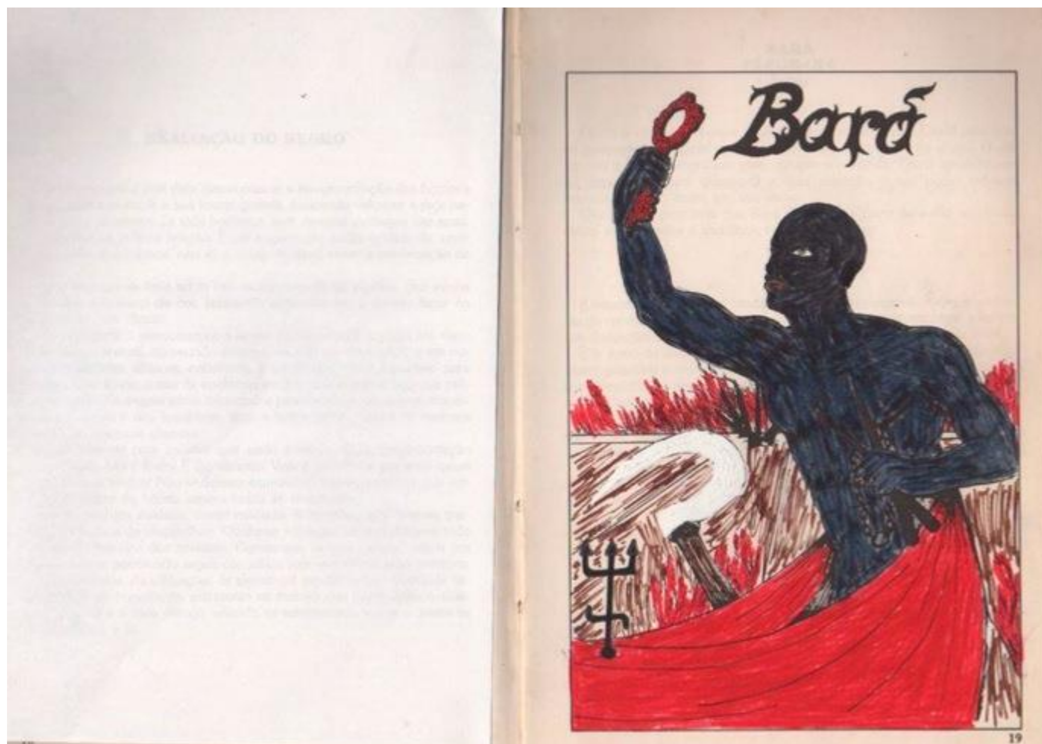
DEDICATÓRIA

Dedico este livro em primeiro lugar para meu Babalorixá Leopoldo de Iansã (**Leopoldo Pires**), pois foi quem me fez na Nação Gexá, Gegê, a ele o meu carinho e o meu agradecimento, assim como também a sua esposa, minha madrinha Mosa de Ogum (**Malvina Pires**) que sempre me acompanhou em minhas obrigações no meu Ilê.

A todos os Babalorixás, Yalorixás, Filhos-de-Santo e adeptos de nossa religião no Rio Grande do Sul, do Brasil e todos países onde se encontrem nossos fundamentos, eu dedico este livro e faço ao mesmo tempo o meu agradecimento porque de uma forma ou de outra estão colaborando para a divulgação da nossa Religião Afro-Brasileira.



Leopoldo de Iansã, Malvina de Ogum e Jorge de Xangô


O Bará
19

BARÁ

— Amachere onibá Exu abanadá amachere onibá Exu abanadá.
— Responder: Amachere onibá Exu abanadá amachere onibá Exu abanadá
— Exu ademi chechemirê
— Responder: Exu ademi chechemirê
— Exu ademi chechemibará.
— Responder: Exu ademi chechemirê
— Exu jalana fuá.
— Responder: Exu jalana fumalé
— Exu jalana didê
— Responder: Exu jalana fumalé
— Exu o Lodê.
— Responder: Exu ecuo bará lanã
— Bará Exu
— Responder: Bará
— Lanã Exu.
— Responder: Bará
— Lodê Exu
— Responder: Bará
— Alupagema
— Responder: Alupagema
— Alupao
— Responder: Alupagema
— Ai o que bará
— Responder: Alupagema
— Ai bará bará
— Responder: Alupagema
— Choni choni choni padô
— Responder: Gam, gam, gam, gam, choni padô
— Bará no ecó choni padô
— Responder: Gam, gam, gam, gam, choni padô
— Olebarabô alaroiê aexulanã olebarabô alaroiê aexulanã iamadecó ecó de bará ogum talabô bará oeléfa exulanã
— Responder: Olebarabô alaroiê aexulanã olebarâbô alaroiê aexulanã iamadecó ecó de bará ogum talabô bará oeléfa exulanã
— Olebará eléo elebará eléo modibará oeléfa epô

— Responder: Olebará eléo elebará eléo modibará oeléfa epô
— Olebará o eléo
— Responder: Ae ae olebará
— Bará Exu berim
— Responder: Exu berim Exu berim lanã
— Lanã Exu berim
— Responder: Exu berim Exu berim lanã
— Ae ae olebarao ae ae olebará amacelo ogum o amacelo ogum já ae ae olebarao
— Responder: Ae ae olebarao ae ae olebará amacelo ogum o amacelo ogum já ae ae olebarao
— Oiá oiá
— Responder: Oiá eiéta
— Exú Bemi modibará com seu ajô modipaim
— Responder: Exu Bemi modibará com seu ajô modipaim
— Bararamo Jecum lodá bararamo jecum lodá babarum éco bará-rundeo bararamo jecum baramo reum
— Responder: Chegou lodá
— Baramo reum
— Responder: Chegou lodá
— Papainhale
— Responder: Papainhale
— Exulana fomiô baralana fumaléo
— Responder: Exulana fomiô exulana fumaléo

GEGÊ

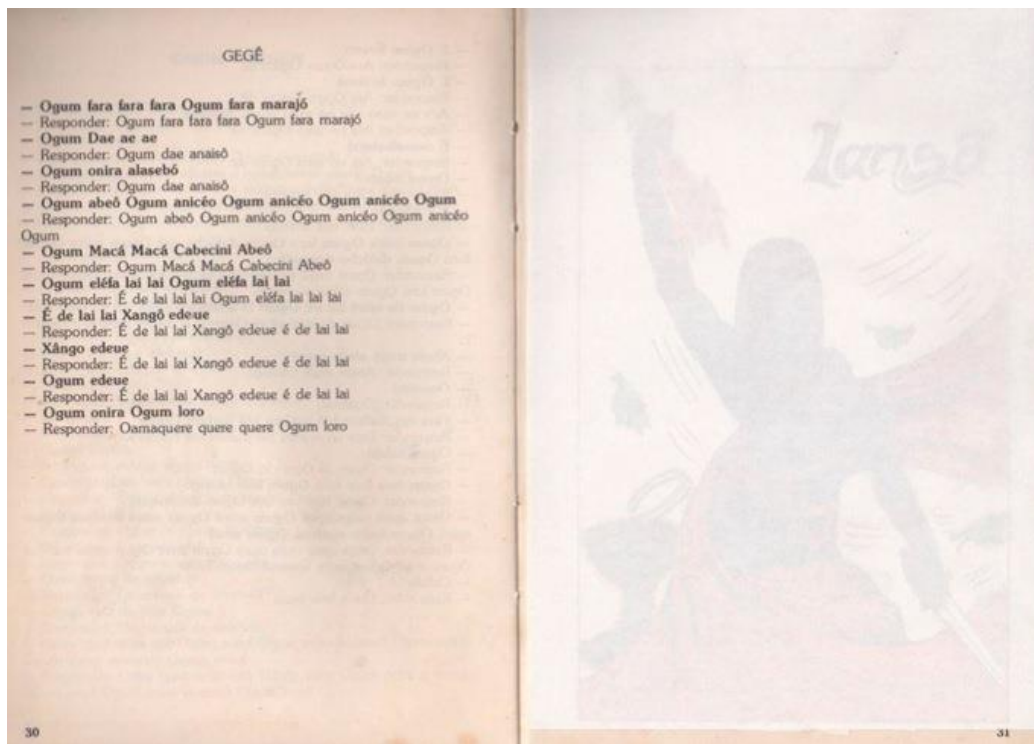
— Olebará iaboduma sanabore oeléba
— Responder: Olebará iaboduma sanabore oeléba
— Olebará iaboduma oaçaquere equeoue
— Responder: Olebará iaboduma oaçaquere equeoue
— Ocoro ocoro ocoro oquere quere quere o eléfa iaboduma
— Responder: Ocoro ocoro ocoro oquere quere quere ocoro ocoro ocoro e eléfa iaboduma
— Ogum léba Ogum fererê
— Responder: Ogum
— Ogum dae ae ae
— Responder: Ogum dae anaisô
— Ogum onira alasebô
— Responder: Ogum dae ânaisô
— Ogum abêo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum
— Responder: Ogum abêo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum


Ogun

OGUM — *ÓGÚN*

— Ogum ario ario Ogum querê
— Responder: Ogum ario ario Ogum querê
— Amajocô Ogun lo
— Responder: Orumalé amajocô Ogum o orumalé
— Abolelai oabachame siogun o oabachame siaolê Ogum
— Responder: Abolelai oabachame siogun o oabachame siaolê Ogum
— Ogum orum odô oamaconi ebó eloaboum anaisô oajabamiô
— Responder: Ogum orum odô oamaconi ebó eloaboum anaisô oajabamiô
— Ara Ogum orum odô
— Responder: Ario ara Ogum orum odô ario
— Erunde ococoeiro leoagareo
— Responder: Erundê ococoeiro leoagareo
— Ogum Ogum afoiba
— Responder: Oamoro amofererê
— Ogum Ogum o afabami
— Responder: Oamoro amofererê
— Iemanjá Lupetéo
— Responder: Ogum Onira anaisô quereque
— Sô sô sô
— Responder: Ogum onira anaisô quereque
— Ogum adeiba
— Responder: Adepa Ogum farerê
— Ogum talabaichoro obeçeo Ogum o
— Responder: Ogum talabaichoro obeçeo Ogum o
— Ogum talajó
— Responder: Ogum lai Ogum lai Ogum
— Ogum onira oaçeço ebó
— Responder: Ogum onira oaçeço ebó
— Oromiotala de orumalé
— Responder: Oromiotala de orumalé
— Ogum tala de tala Ogum
— Responder: Oromiotala de orumalé
— Onira opeê onira opê Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê
— Responder: Onira opeê onira opê Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê

— E Ogum feremi
— Responder: Ara Ogum Ogum dê
— E Ogum feriamã
— Responder: Ara Ogum Ogum dê
— Ara no areo ara no areo eoamaféqueoê
— Responder: Ara no areo Ogum dê
— E oamaféqueoé
— Responder: Ara no areo Ogum dê
— Ogum ademio
— Responder: Eléfa tala ademio
— E e ademio
— Responder: Eléfa tala ademio
— Ogum onira Ogum loro Ogum dalócha epê Ogum onira Ogum loro Ogum dalócha orumalé
— Responder: Ogum onira Ogum loro Ogum dalócha epê Ogum onira Ogum loro Ogum dalócha orumalé
— Ogum de anirê irê irê Ogum ló acaradeo anirê irê irê Ogum ló
— Responder: Ogum de anirê irê irê Ogum ló acaradeo anirê irê irê Ogum ló
— Abela mujá abela murê
— Responder: Abela mujá oquereo
— Oquereo
— Responder: Oquicoro
— Fara riri mafara biá mafara Ogum
— Responder: Fara riri mafara biá mafara biá mafara Ogum
— Ogum talajó
— Responder: Ogum ló Ogum ló Ogum
— Ogum fara fara fara Ogum fara marajó
— Responder: Ogum fara fara fara Ogum fara marajó
— Onira opeê onira opeê Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê
— Responder: Onira opeê onira opeê Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê Ogum onira aoateuá Ogum anirê
— Calulu
— Responder: Ôia a bela mujá

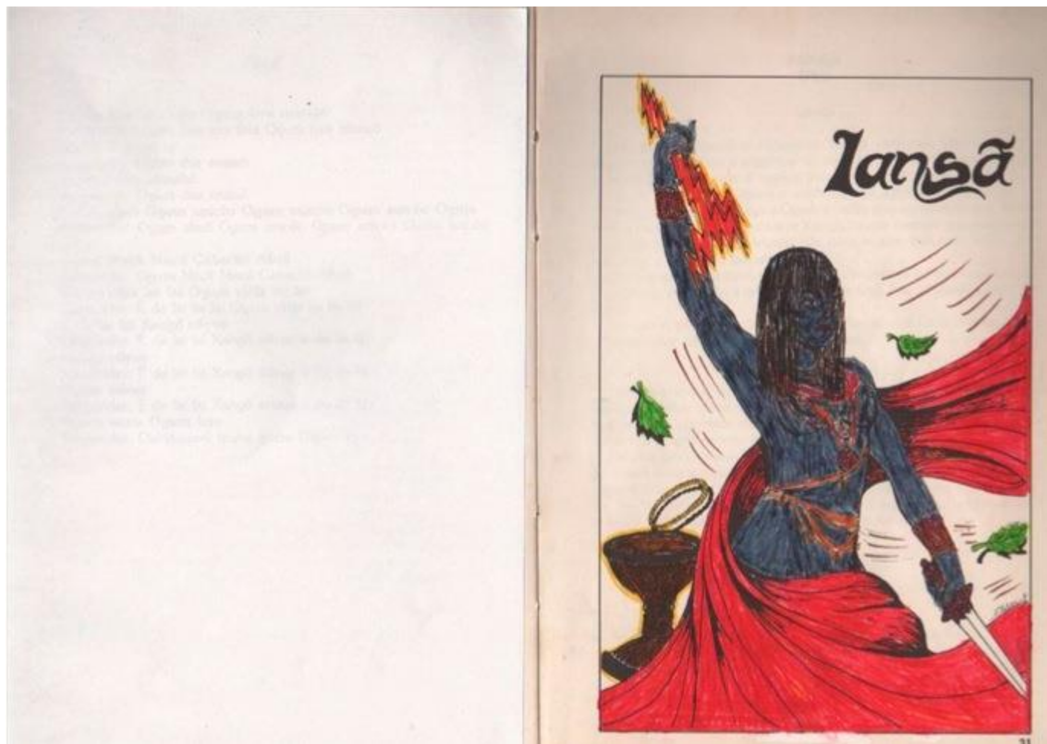


GEGÊ

— Ogum fara fara fara Ogum fara marajó
— Responder: Ogum fara fara fara Ogum fara marajó
— Ogum Dae ae ae
— Responder: Ogum dae anaisô
— Ogum onira alasebó
— Responder: Ogum dae anaisô
— Ogum abeô Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum
— Responder: Ogum abeô Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum anicéo Ogum
— Ogum Macá Macá Cabecini Abeô
— Responder: Ogum Macá Macá Cabecini Abeô
— Ogum eléfa lai lai Ogum eléfa lai lai
— Responder: É de lai lai lai Ogum eléfa lai lai lai
— É de lai lai Xangô edeue
— Responder: É de lai lai Xangô edeue é de lai lai
— Xângo edeue
— Responder: É de lai lai Xangô edeue é de lai lai
— Ogum edeue
— Responder: É de lai lai Xangô edeue é de lai lai
— Ogum onira Ogum loro
— Responder: Oamaquere quere quere Ogum loro

30

31


Iansã

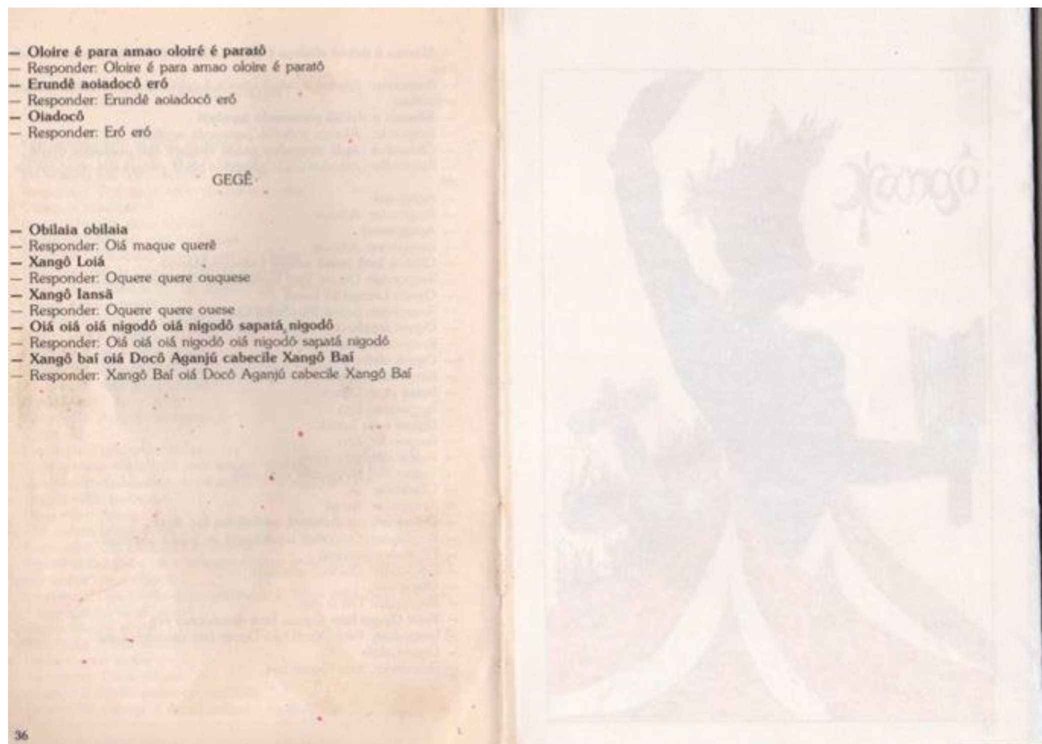
IANSÃ — *OYÁ*

— Oiá madê oário acarao oi jocoló
— Responder: Oiá madê oário acarao oi jocoló
— Oi ucadeo oiá docô acarao oi jocoló
— Responder: Oiá madê oário acarao oi jocoló
— Oberece manicéo
— Responder: Oia docô obecéo
— Osonireo oberece cari de Ogum
— Responder: Osonireo oberece cari de Ogum
— Oberece cari de Ogum oanireu eoateuá
— Responder: Oberece cari de Ogum oanireu eoateuá
— Ogum oiá mauerutê
— Responder: Obecéo oro corô
— Ogum onira eloatauô
— Responder: Ario onira obecéo
— Ogum onira eloatomio
— Responder: Ario onira obecéo
— Eloatauao
— Responder: Ario onira obecéo
— Eloatomio
— Responder: Ario onira obecéo
— Amaia maia maia jarô jarô amaia omocepéo jarô jarô
— Responder: Amaia maia maia jarô jarô amaia omocepéo jarô jarô
— Ogum méla méla deu
— Responder: Aliança é de loiá
— Oiá calulu Iansã cenin ebó
— Responder: Oiá calulu oiá cenin ebó
— Ogum siribó paco taco maraçó Ogum siribó paco taco maraçó Ogum siribó orixá oriocô
— Responder: Ogum siribó paco taco maraçó Ogum siribó paco taco maraçó Ogum siribó orixá oriocô
— Ogum Ogum siribó
— Responder: Orixá oriocô
— Iansã Ogum siribó
— Responder: Orixá oriocô
— Aliança é deloiá paliança aquilodá
— Responder: Aliança é deloiá paliança aquilodá

34

— Aliança é deloiá aliança é deloiá aliança é deloiá orumalé emodibau
— Responder: Aliança é deloiá aliança é deloiá aliança é deloiá orumalé emodibau
— Aliança e deloiá parananfo aquilojá
— Responder: Aliança e deloiá parananfo aquilojá
— Obiaodoa oiadê obiaodoa oiadê eleuará epê obiaodoa oiadê
— Responder Obiaodoa oiadê obiaodoa oiadê eleuará epê obiaodoa oiadê
— Açageuae
— Responder: Adeuae
— Açageuemi
— Responder: Adeuae
— Oidoni Totô Iansã adupê Odocoo Marejó
— Responder: Oidoni Totô Iansã adupê Odocoo Marejó
— Ogum Laçapadô Iansã
— Responder: ococô Minhanhã Oiá
— Ogum lepafune
— Responder: Epa
— Ogum elebará
— Responder: Epa
— Iansã com Ogum
— Responder: Epa
— Ogum com Iansã
— Responder: Epa
— Beléu eléu eléu elisô
— Responder: Beléu eléu eléu elisô
— Oiarebete:
— Responder: Arepê
— Onicororô oquibiloiará ominilaba loquiloiá
— Responder: Onicororô oquibiloiará ominilaba loquiloiá
— Écodoéco onicorô
— Responder: Oiadocô oianiquê
— Oia e eae
— Responder: Oia e eae
— Fara Ogum fara Ogum fara daumiceró eró
— Responder: Fara Ogum fara Ogum fara daumiceró eró
— Ogum alaie
— Responder: Fara Ogum fara

35

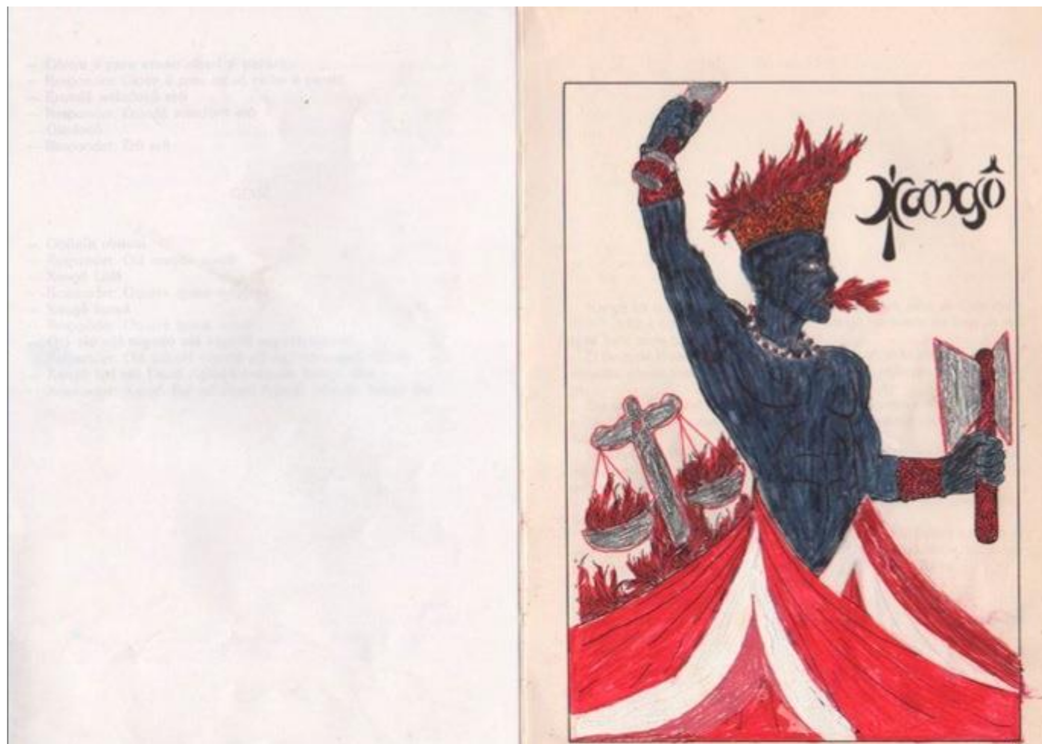


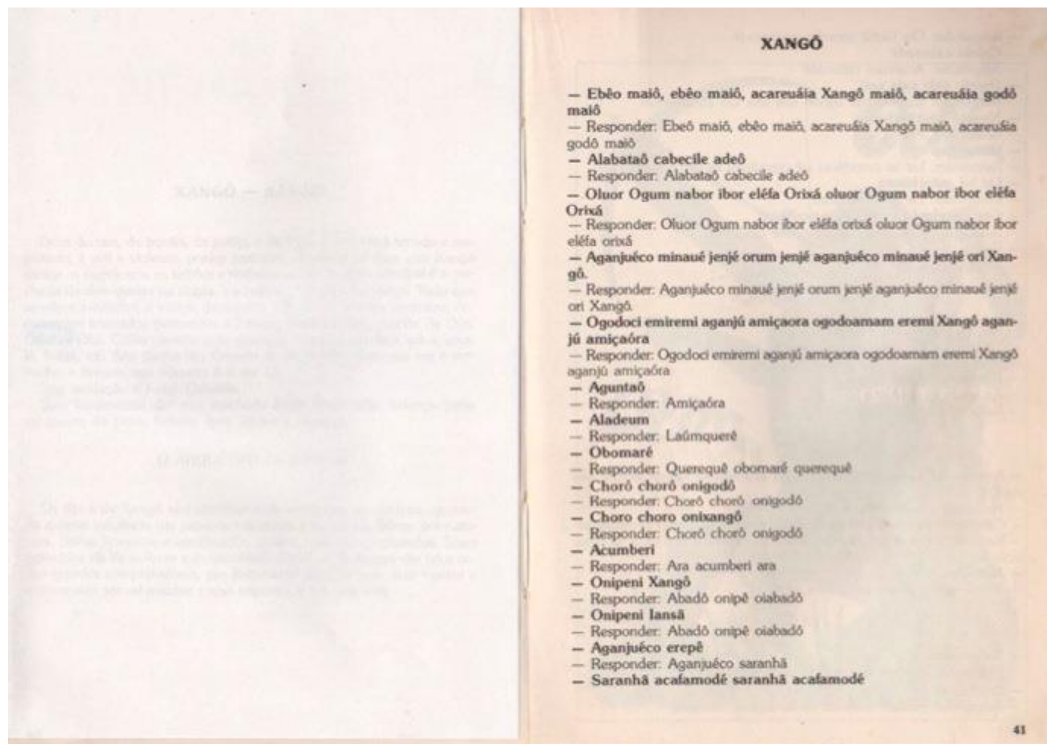
— Oloire é para amao oloiré é paratô
— Responder: Oloire é para amao oloire é paratô
— Erundê aoiadocô eró
— Responder: Erundê aoiadocô eró
— Oiadocô
— Responder: Eró eró

GEGÊ

— Obilaia obilaia
— Responder: Oiá maque querê
— Xangô Loiá
— Responder: Oquere quere ouquese
— Xangô Iansã
— Responder: Oquere quere ouese
— Oiá oiá oiá nigodô oiá nigodô sapatá nigodô
— Responder: Oiá oiá oiá nigodô oiá nigodô sapatá nigodô
— Xangô baí oiá Docô Aganjú cabecile Xangô Baí
— Responder: Xangô Baí oiá Docô Aganjú cabecile Xangô Baí

36


Xangô



XANGÔ

— Ebêo maiô, ebêo maiô, acareuáia Xangô maiô, acareuáia godô maiô
— Responder: Ebeô maiô, ebêo maiô, acareuáia Xangô maiô, acareuáia godô maiô
— Alabataô cabecile adeô
— Responder: Alabataô cabecile adeô
— Oluor Ogum nabor ibor eléfa Orixá oluor Ogum nabor ibor eléfa Orixá
— Responder: Oluor Ogum nabor ibor eléfa orixá oluor Ogum nabor ibor eléfa orixá
— Aganjuéco minauê jenjé orum jenjé aganjuéco minauê jenjé ori Xangô.
— Responder: Aganjuéco minauê jenjé orum jenjé aganjuéco minauê jenjé ori Xangô.
— Ogodoci emiremi aganjú amiçaora ogodoamam eremi Xangô aganjú amiçaóra
— Responder: Ogodoci emiremi aganjú amiçaora ogodoamam eremi Xangô aganjú amiçaóra
— Aguntaô
— Responder: Amiçaóra
— Aladeum
— Responder: Laúmquerê
— Obomaré
— Responder: Querequê obomaré querequê
— Chorô chorô onigodô
— Responder: Chorô chorô onigodô
— Choro choro onixangô
— Responder: Chorô chorô onigodô
— Acumberi
— Responder: Ara acumberi ara
— Onipeni Xangô
— Responder: Abadô onipê oiabadô
— Onipeni Iansã
— Responder: Abadô onipê oiabadó
— Aganjuéco erepê
— Responder: Aganjuéco saranhã
— Saranhã acafamodé saranhã acafamodé

41

— Responder: Oia badilê saranha acafamodé
— Calulu calunudê
— Responder: Anareum calunudê
— Ogodo sala sala saô
— Responder: Equeboreuá ogodo sala sala saô equeboreuá
— Nagorô naguiachaoro
— Responder: Agô iê iê
— Omodibau
— Responder: Lai lai omodibau aiê omodibau lai lai omodibau aiê
— Lai lai guiachaoro
— Responder: Lai lai guiachaoro
— Cao cabelecile omochirê omodibau
— Responder: Cao cabelecile omochirê omodibau
— Caô
— Responder: Cabecile

AXÉ DA BALANÇA

— Eliço godô acarao anicéu anicéu
— Responder: Eliço godô acarao anicéu anicéu
— Adeoo
— Responder: Anicéu anicéu
— Aniceum acaoro
— Responder: Anicéo acaorô

ALUJÁ

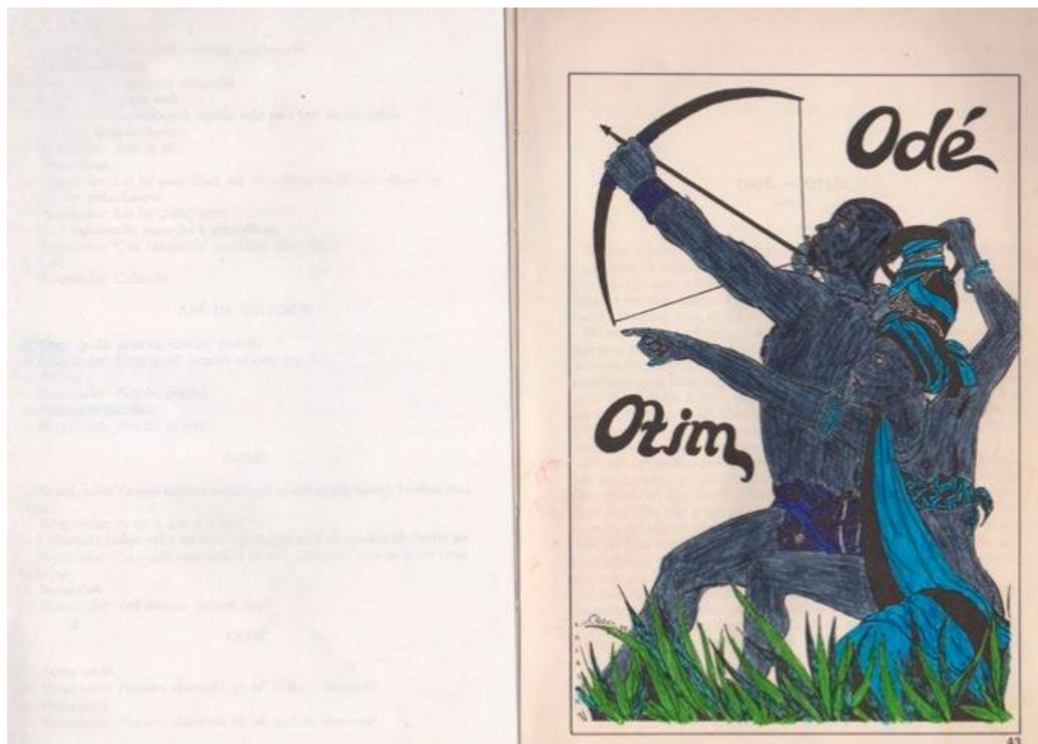
— Acachachá Xangô loufine anixangô acachachá Xangô loufine ana reuá
— Responder: A ae e aee a e aee
— Calunudê calunudê é de cao cabelecile ae é de godô cabelecile ae
— Responder: Calunudê calunedê é de cao cabelecile ae é de godô cabelecile ae
— Iocundeô
— Responder: Ara decum decum decá

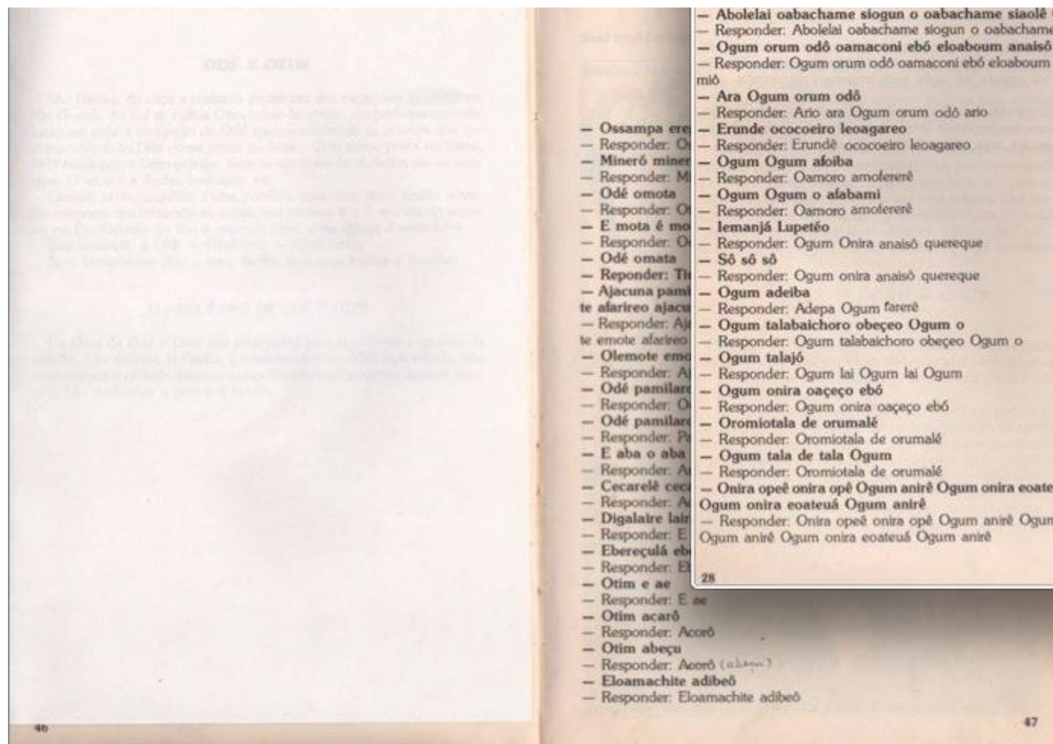
GEGÊ

— Sobo undê
— Responder: Acalum alarundê aê aê acalum alarundê
— Ococundê
— Responder: Acalum alarundê aê aê acalum alarundê

42




Odé
Otim
43



— **Abolelai oabachame siogun o oabachame siaolê**
— Responder: Abolelai oabachame siogun o oabachame
— **Ogum orum odô oamaconi ebó eloaboum anaisô**
— Responder: Ogum orum odô oamaconi ebó eloaboum miô
— **Ara Ogum orum odô**
— Responder: Ario ara Ogum orum odô ario
— **Erunde ococoeiro leoagareo**
— Responder: Erundê ococoeiro leoagareo
— **Ogum Ogum afoiba**
— Responder: Oamoro amofererê
— **Ogum Ogum o afabami**
— Responder: Oamoro amofererê
— **Iemanjá Lupetêo**
— Responder: Ogum Onira anaisô quereque
— **Sô sô sô**
— Responder: Ogum onira anaisô quereque
— **Ogum adeiba**
— Responder: Adepa Ogum farerê
— **Ogum talabaichoro obeçeo Ogum o**
— Responder: Ogum talabaichoro obeçeo Ogum o
— **Ogum talajó**
— Responder: Ogum lai Ogum lai Ogum
— **Ogum onira oaçeço ebó**
— Responder: Ogum onira oaçeço ebó
— **Oromiotala de orumalé**
— Responder: Oromiotala de orumalé
— **Ogum tala de tala Ogum**
— Responder: Oromiotala de orumalé
— **Onira opeê onira opê Ogum anirê Ogum onira eoate Ogum onira eoateuá Ogum anirê**
— Responder: Onira opeê onira opê Ogum anirê Ogum Ogum anirê Ogum onira eoateuá Ogum anirê

28

— **Ossampa ere**
— Responder: O
— **Minerô miner**
— Responder: M
— **Odé omota**
— Responder: O
— **E mota é mo**
— Responder: O
— **Odé omata**
— **Reponder: Ti**
— **Ajacuna pami te afarireo ajacu**
— Responder: Aj te emote afarireo
— **Olemote emo**
— Responder: A
— **Odé pamilar**
— Responder: O
— **Odé pamilar**
— Responder: P
— **E aba o aba**
— Responder: A
— **Cecarelê cec**
— Responder: A
— **Digalaire lair**
— Responder: E
— **Ebereçulá eb**
— Responder: E
— **Otim e ae**
— Responder: E ae
— **Otim acarô**
— Responder: Acorô
— **Otim abeçu**
— Responder: Acorô
— **Eloamachite adibeô**
— Responder: Eloamachite adibeô

46

47

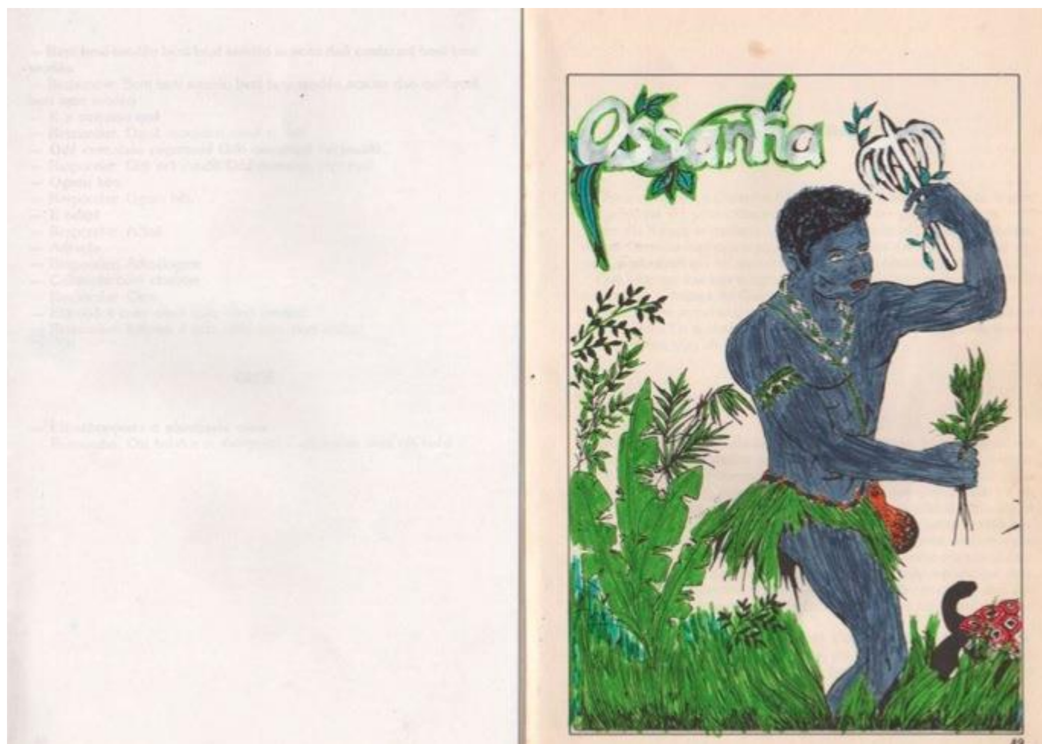
— Beni beni seodéo beni beni seodéo acacao daô cunfarerê beni beni seodéo
— Responder: Beni beni seodéo beni beni seodéo acacao daô cunfarerê beni beni seodéo
— E a coquino quê
— Responder: Oquê acoquino oquê o quê
— Odé cemalaia ceçumalé Odé cemalaia ceçumalé
— Responder: Orô orô cundê Odé cemalaia ceçumalé
— Ogum béo
— Responder: Ogum béo
— E edipê
— Responder: Adioê
— Adioelo
— Responder: Adioelogum
— Colimote coni chabim
— Responder: Otim
— Elibobô é com eleci com eleci ocutaô
— Responder: Elibobô é com eleci com eleci ocutaô

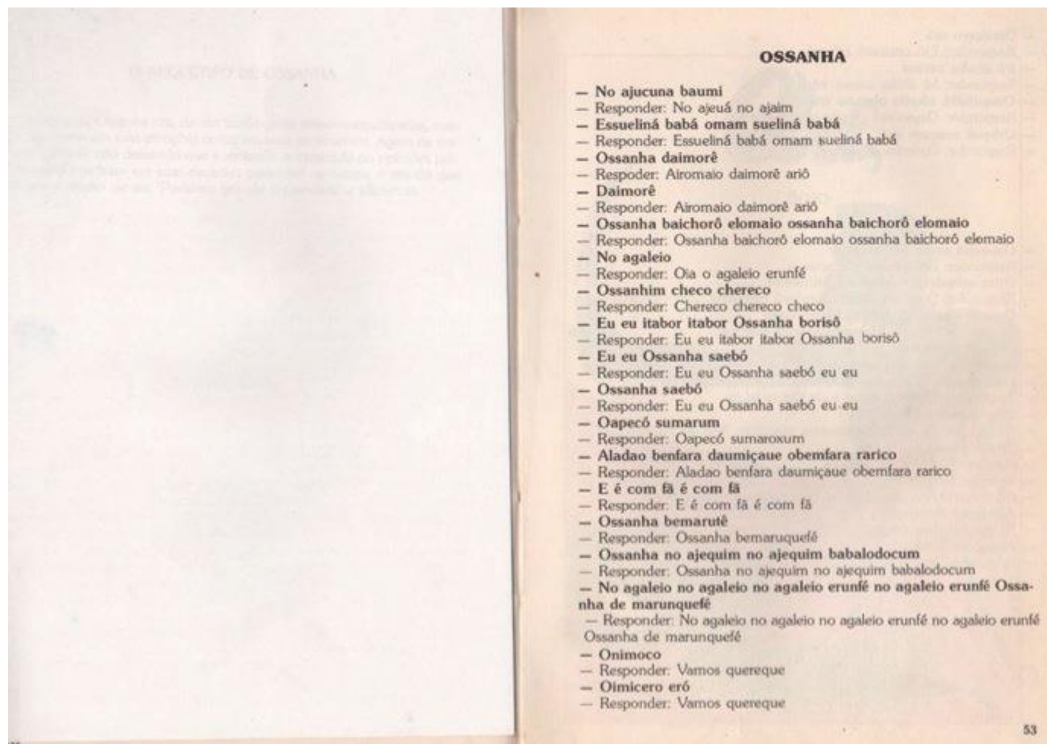
GEGÊ

— Eleoabrequete o abrequete oara
— Responder: Oia bobô e o abrequete o abrequete oara oiá bobô

46




Ossanha



OSSANHA

— No ajucuna baumi
— Responder: No ajeuá no ajaim
— Essueliná babá omam sueliná babá
— Responder: Essueliná babá omam sueliná babá
— Ossanha daimorê
— Respoder: Airomaio daimorê ariô
— Daimorê
— Responder: Airomaio daimorê ariô
— Ossanha baichorô elomaio ossanha baichorô elomaio
— Responder: Ossanha baichorô elomaio ossanha baichorô elomaio
— No agaleio
— Responder: Oia o agaleio erunfé
— Ossanhim checo chereco
— Responder: Chereco chereco checo
— Eu eu itabor itabor Ossanha borisô
— Responder: Eu eu itabor itabor Ossanha borisô
— Eu eu Ossanha saebó
— Responder: Eu eu Ossanha saebó eu eu
— Ossanha saebó
— Responder: Eu eu Ossanha saebó eu eu
— Oapecó sumarum
— Responder: Oapecó sumaroxum
— Aladao benfara daumiçaue obemfara rarico
— Responder: Aladao benfara daumiçaue obemfara rarico
— E é com fã é com fã
— Responder: E é com fã é com fã
— Ossanha bemarutê
— Responder: Ossanha bemaruquefé
— Ossanha no ajequim no ajequim babalodocum
— Responder: Ossanha no ajequim no ajequim babalodocum
— No agaleio no agaleio no agaleio erunfé no agaleio erunfé Ossanha de marunquefé
— Responder: No agaleio no agaleio no agaleio erunfé no agaleio erunfé Ossanha de marunquefé
— Onimoco
— Responder: Vamos quereque
— Oimicero eró
— Responder: Vamos quereque

53

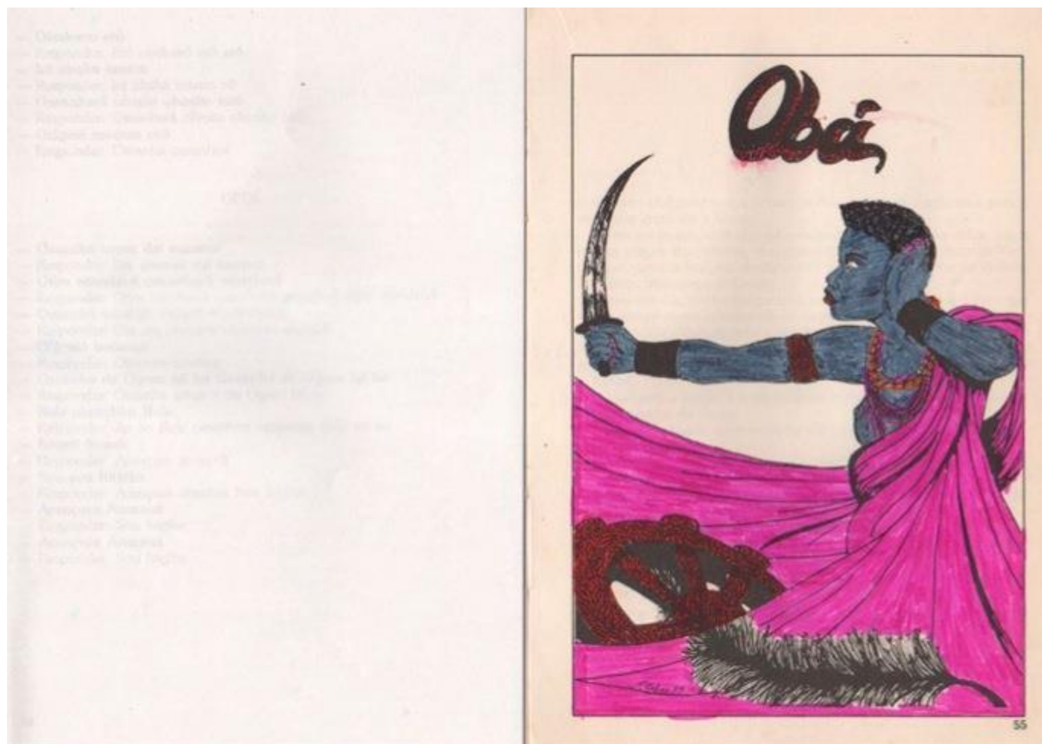
- **Oimicero eró**
- Responder: Eró oimiceró eró eró
- **Irê ababa omam**
- Responder: Irê ababa omam irê
- **Ossanhará ofenite obenito totô**
- Responder: Ossanhará ofenite obenito totô
- **Oriquiê macum orô**
- Responder: Ossanha ossanhesi

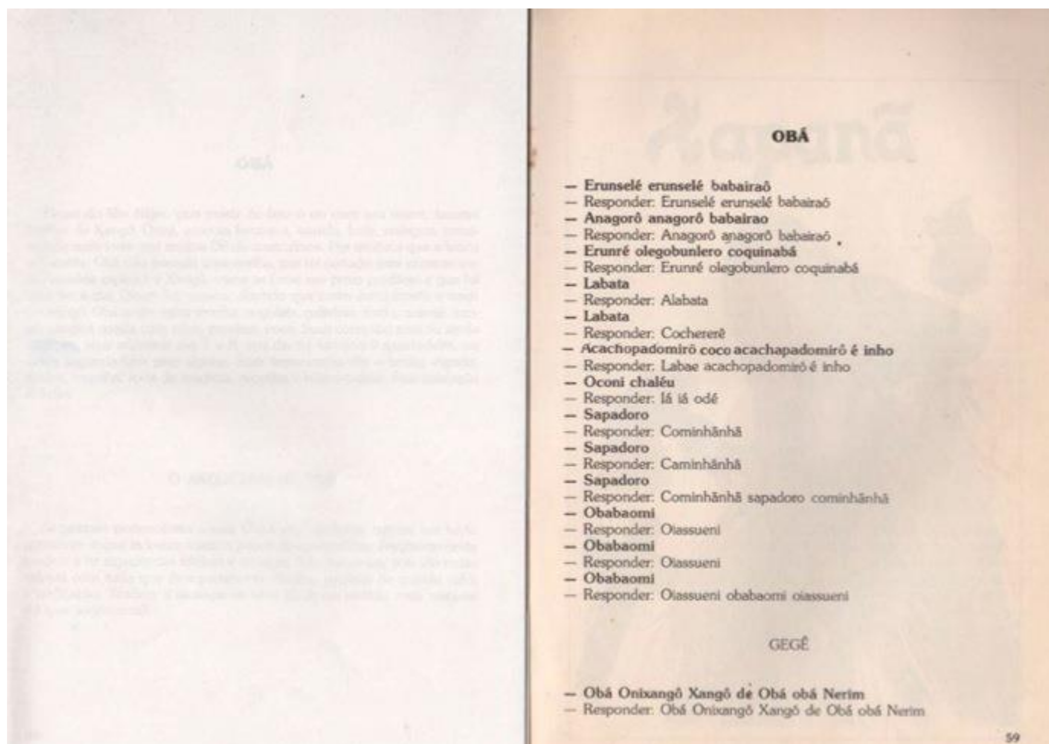
GEGÊ

- **Ossanha sarue dai assarue**
- Responder: Dai assurue dai assarue
- **Otim otimdeuá ossanhará otimdeuá**
- Responder: Otim otimdeuá ossanhará otimdeuá otim otimdeuá
- **Ossanha serebuá sapatá bocerebuao**
- Responder: Oia oia boduma Ossanha serebuá
- **Oiá oiá boduma**
- Responder: Ossanha serebuá
- **Ossanha de Ogum lai lai Ossanha de Ogum lai lai**
- Responder: Ossanha sarue e de Ogum lai lai
- **Bele ossanhim Bele**
- Responder: Ao ao Bele ossanhim ossanhim Bele ao ao
- **Soueli Soueli**
- Responder: Acençura anareuá
- **Sou sou Itagiba**
- Responder: Acençura anareuá Sou Itagiba
- **Acençura Anareuá**
- Responder: Sou Itagiba
- **Acençura Anareuá**
- Responder: Sou Itagba

54




Obá
55



OBÁ

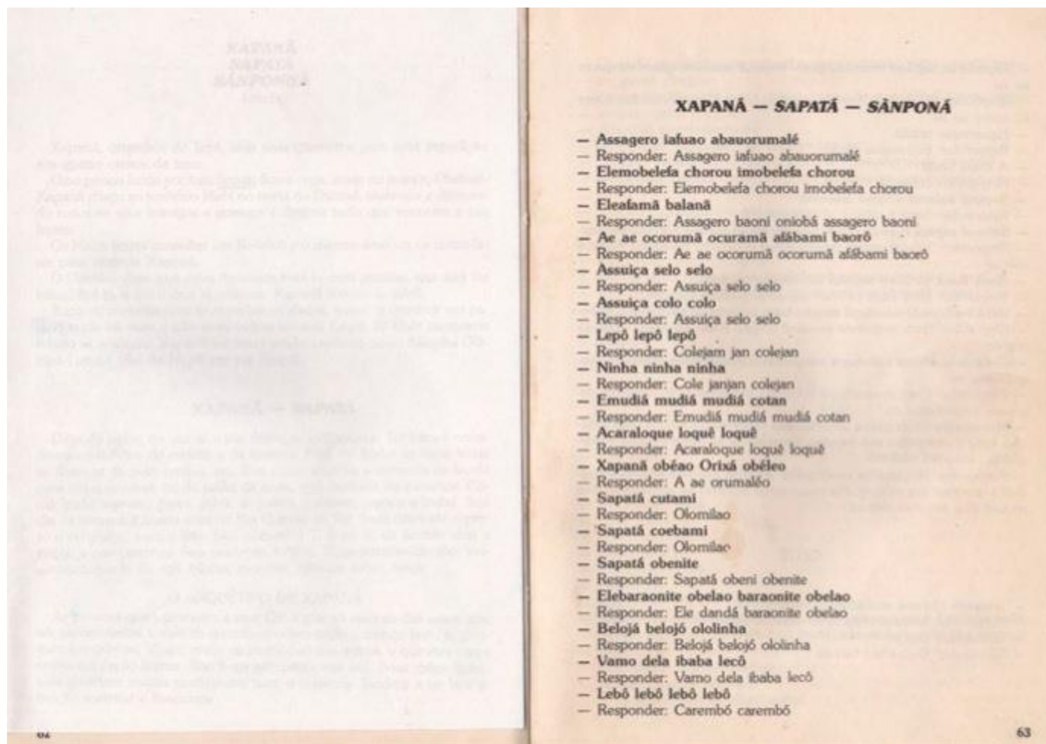
— **Erunselé erunselé babairaô**
— Responder: Erunselé erunselé babairaô
— **Anagorô anagorô babairao**
— Responder: Anagorô anagorô babairaô
— **Erunré olegobunlero coquinabá**
— Responder: Erunré olegobunlero coquinabá
— **Labata**
— Responder: Alabata
— **Labata**
— Responder: Cochererê
— **Acachopadomirô coco acachapadomirô é inho**
— Responder: Labae acachopadomirô é inho
— **Oconi chaléu**
— Responder: Iá iá odé
— **Sapadoro**
— Responder: Cominhãnhã
— **Sapadoro**
— Responder: Caminhãnhã
— **Sapadoro**
— Responder: Cominhãnhã sapadoro cominhãnhã
— **Obabaomi**
— Responder: Oiassueni
— **Obabaomi**
— Responder: Oiassueni
— **Obabaomi**
— Responder: Oiassueni obabaomi oiassueni

GEGÊ

— **Obá Onixangô Xangô de Obá obá Nerim**
— Responder: Obá Onixangô Xangô de Obá obá Nerim

59


Xapanã
61



XAPANÁ — *SAPATÁ* — *SÂNPONÁ*

— Assagero iafuao abauorumalé
— Responder: Assagero iafuao abauorumalé
— Elemobelefa chorou imobelefa chorou
— Responder: Elemobelefa chorou imobelefa chorou
— Eleafamã balanã
— Responder: Assagero baoni oniobá assagero baoni
— Ae ae ocorumã ocuramã aflâbami baorô
— Responder: Ae ae ocorumã ocorumã aflâbami baorô
— Assuiça selo selo
— Responder: Assuiça selo selo
— Assuiça colo colo
— Responder: Assuiça selo selo
— Lepô lepô lepô
— Responder: Colejam jan colejan
— Ninha ninha ninha
— Responder: Cole janjan colejan
— Emudiá mudiá mudiá cotan
— Responder: Emudiá mudiá mudiá cotan
— Acaraloque loquê loquê
— Responder: Acaraloque loquê loquê
— Xapanã obéao Orixá obéleo
— Responder: A ae orumaléo
— Sapatá cutami
— Responder: Olomilao
— Sapatá coebami
— Responder: Olomilao
— Sapatá obenite
— Responder: Sapatá obeni obenite
— Elebaraonite obelao baraonite obelao
— Responder: Ele dandá baraonite obelao
— Belojá belojó ololinha
— Responder: Belojá belojó ololinha
— Vamo dela ibaba lecô
— Responder: Vamo dela ibaba lecô
— Lebô lebô lebô lebô
— Responder: Carembó carembó

63

— Xapanã ae xapanã mandou quere xapanã mandou quere eo quere ae ae
— Responder: Xapanã ae Xapanã mandou quere Xapanã mandou quere eo quere ae ae
— Equereque maitá
— Responder: Equereque maitá
— A copa oadê
— Responder: Lonoribá lonorixé
— Sapatá sabauê anaisô onisobô
— Responder: Sapatá sabauê anaisô onisobô
— Sabauê sapatá manda sunsê obochiche na suréba Xapanã abeçae
— Responder: Sabauê sapatá manda sunsê obochiche na suréba Xapanã abeçae
— Bará Bará nichorô sapatá luquelema nichorô
— Responder: Bará Bará nichorô sapatá luquelema nichorô
— Bará serácundê sassaruê onipéo bará seracundê sassaruê onipéo
— Responder: Bará serácundê sassaruê onipéo Bará seracundê sassaruê onipéo
— Oara moquelema cobeoara moquelema moquelema cobeoara moquelema co
— Responder: Oara moquelema cobeoara moquelema moquelema cobeoara moquelema co
— Mocequêba mocequêba amorisô eae mocequêba mocequêba amorisô aeae mocequêba mocequêba amorisô ae ae omocequêba mocequêba amorisô olebará
— Responder: Mocequêba mocequêba amorisô eae mocequêba mocequêba amorisô eae mocequêba mocequêba amorisô ae ae omocequêba mocequêba amorisô olebará

GEGÊ

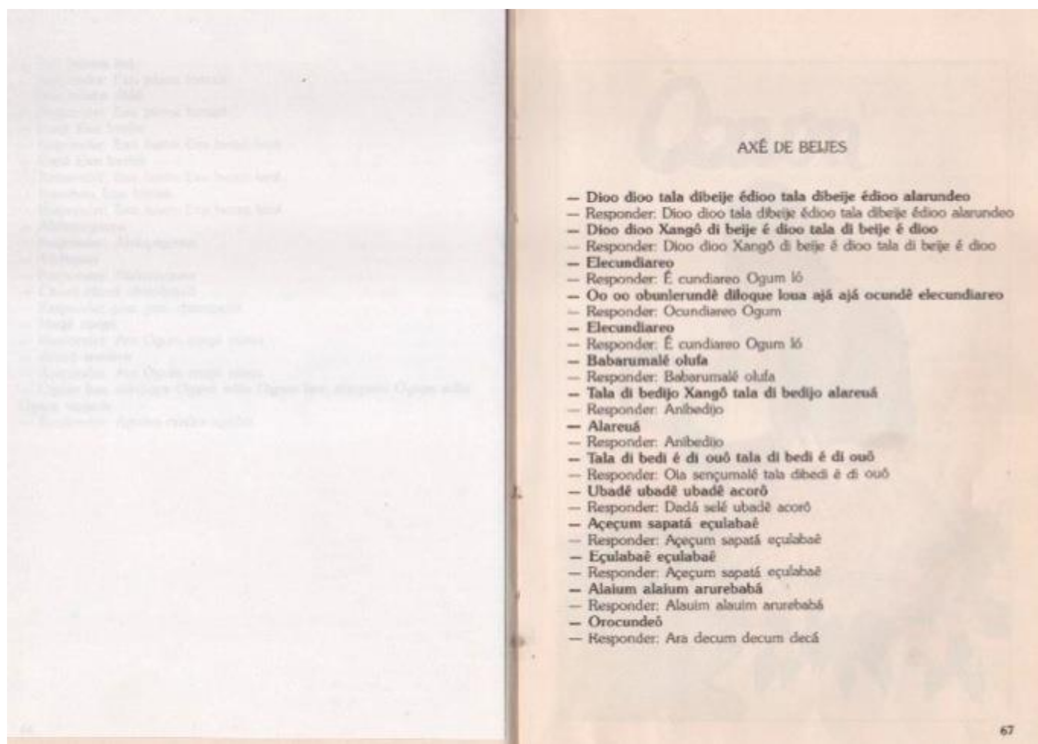
— Iemanjá chegou sumabeum amarerô
— Responder: Iemanjá chegou sumabeum amarerô
— Gamarusu beo eo
— Responder: Gamarasu beo eo

— Quando gama chegou calmai o pepe calmai o pepe sapatá quan-
— do gama chegou
— Responder: Quando gama chegou calmai o pepe calmai o pepe sapatá
— quando gama chegou
— Abonisô sapataniséo ae
— Responder: Aguaniséo ae sapataniséo ae
— Sabauê sabauê amorisô ae amorisô nanabereqeti amorisô
— Responder: Sabauê sabauê amorisô ae amorisô nanaberequeti amori-
— sô
— Soi soi sapatami soi soi sapatami
— Responder: Ariaraue ogum lai lai lai
— Baia quebaiaiô
— Responder: Baia quebaiaiô
— Gama jarrô jarrô gama jarrô jarrô sapatá cutami
— Responder: Gama jarrô jarrô gama jarrô jarrô sapatá cutami
— Alupô
— Responder: Pá pá
— Alupô
— Responder: Amasepê

AXÉ DO ECÓ

— Exú olodê
— Responder: Exú Ecuô Bará lanã
— Lanã Exú
— Responder: Bará
— Lodê Exú
— Responder: Bará
— Equebau Exú
— Responder: Bará
— Lodê Exú
— Responder: Bará
— Amachere oniba Exú abanadá ioamachere onibá Exú abanadá
— Responder: Amachere oniba Exú abanadá iomachere onibá Exú abanadá
— Ademi chechemirê
— Responder: Ademi chechemirê
— Ademi chechemibará
— Responder: Ademi chechemirê

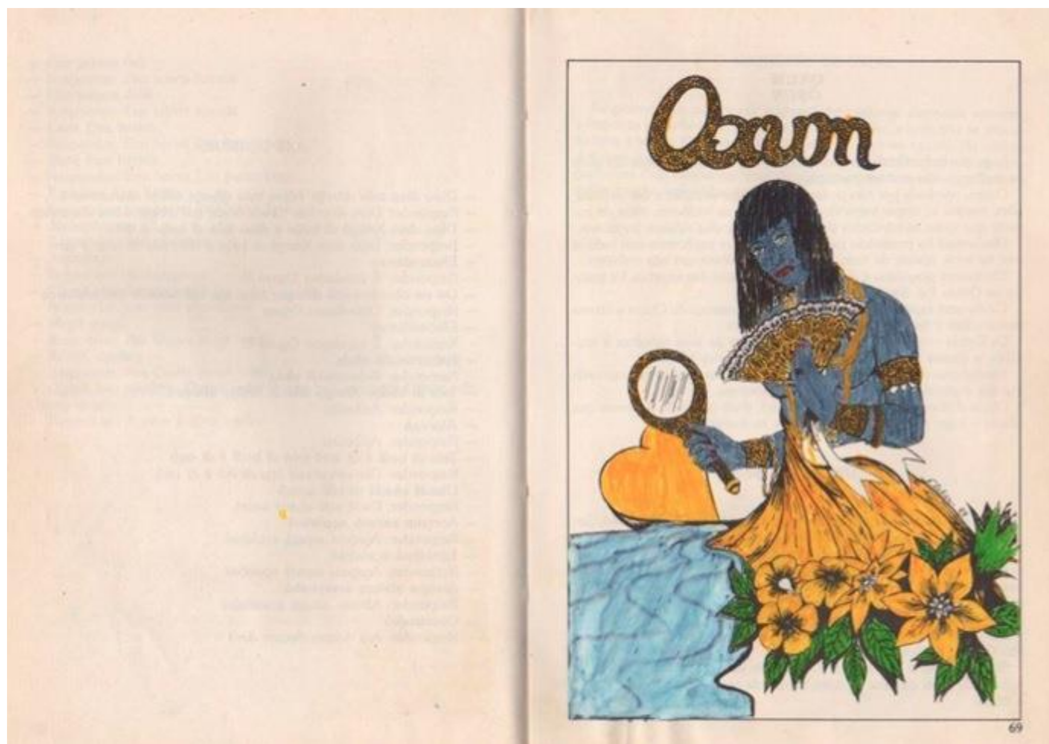
— Exu jalana fuá
— Responder: Exu jalana fumalé
— Exu jalana didê
— Responder: Exu jalana fumalé
— Lanã Exu berim
— Responder: Exú berim Exu berim laņã
— Bará Exu berim
— Responder: Exu berim Exu berim lanã
— Equebau Exu berim
— Responder: Exu berim Exu berim lanã
— Alalupagema
— Responder: Alalupagema
— Alalupao
— Responder: Alalupagema
— Choni choni chonipadô
— Responder gam gam chonipadô
— Megê megê
— Responder: Ara Ogum megê mireo
— Acará medieo
— Responder: Ara Ogum megê mireo
— Ogum beo aimpara Ogum adio Ogum beo aimpara Ogum adio Ogum vagam
— Responder: Ageóra oraóra ageóra



AXÉ DE BEIJES

— **Dioo dioo tala dibeije édioo tala dibeije édioo alarundeo**
— Responder: Dioo dioo tala dibeije édioo tala dibeije édioo alarundeo
— **Dioo dioo Xangô di beije é dioo tala di beije é dioo**
— Responder: Dioo dioo Xangô di beije é dioo tala di beije é dioo
— **Elecundiareo**
— Responder: É cundiareo Ogum ló
— **Oo oo obunlerundê diloque loua ajá ajá ocundê elecundiareo**
— Responder: Ocundiareo Ogum
— **Elecundiareo**
— Responder: É cundiareo Ogum ló
— **Babarumalé olufa**
— Responder: Babarumalé olufa
— **Tala di bedijo Xangô tala di bedijo alareuá**
— Responder: Anibedijo
— **Alareuá**
— Responder: Anibedijo
— **Tala di bedi é di ouô tala di bedi é di ouô**
— Responder: Ola sençumalê tala dibedi é di ouô
— **Ubadê ubadê ubadê acorô**
— Responder: Dadá selé ubadê acorô
— **Açeçum sapatá eçulabaê**
— Responder: Açeçum sapatá eçulabaê
— **Eçulabaê eçulabaê**
— Responder: Açeçum sapatá eçulabaê
— **Alaium alaium arurebabá**
— Responder: Alauim alauim arurebabá
— **Orocundeô**
— Responder: Ara decum decum decá

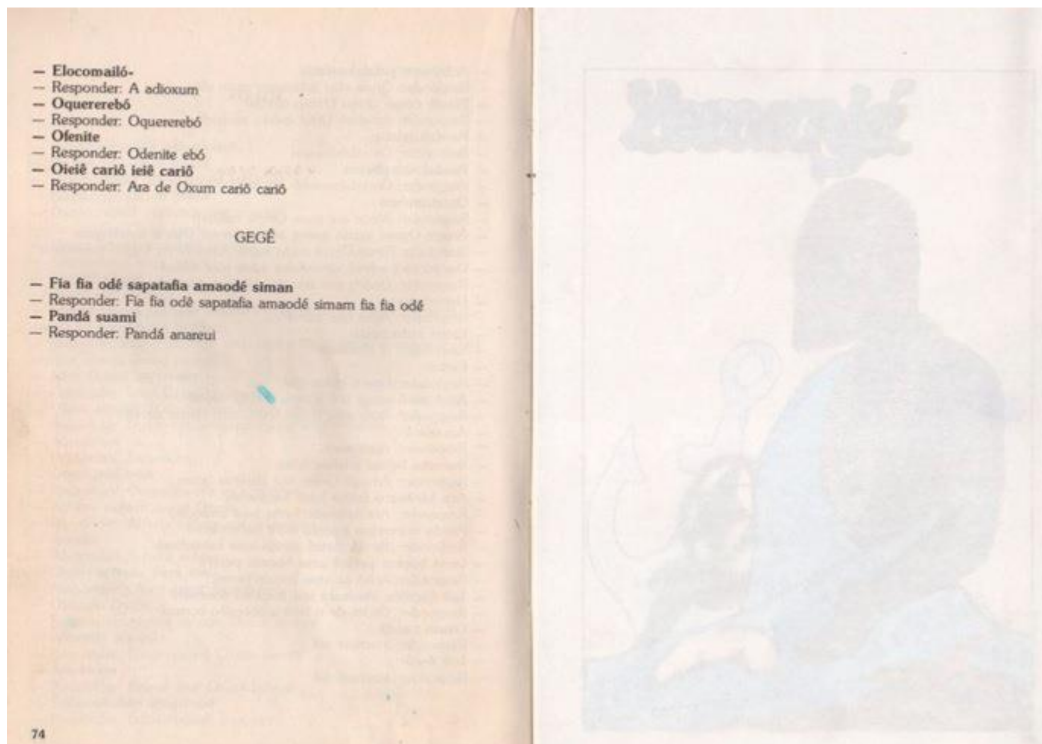
67


Oxum
69

OXUM

— **Taladê omiotala ieiê murajó**
— Responder: Oxum taladê
— **Oxum taladê omiotala de orumalé**
— Responder: Oxum taladê
— **Oxum taladê omiotala ieiê murajó**
— Responder: Oxum talade
— **Oxum taladê omiotala ieiemio**
— Responder: Oxum taladê
— **Alaueti Oxum**
— Responder: Alareuá
— **Iebami Oxum peolomi iebami Oxum peolomi ieiepandá elufá tagarela iebami Oxum peolomi**
— Responder: Iebami Oxum peolomi iebami Oxum peolomi ieiepandá elufá tagarela iebami Oxum peolomi
— **Ieieo Oxum pererema**
— Responder: Ieieo Oxum pererema
— **Oieieo eleuati Oxum eleuati Oxum pandá**
— Responder: Oieieo eleuati Oxum eleuati Oxum pandá
— **Alassicum o**
— Responder: Eleuatiobá
— **Ogumpeni leuá**
— Responder: Omineóra oraora omineóra
— **Aubere aubere aueni Oxum**
— Responder: Aubere aubere aueni Oxum
— **Aoenio**
— Responder: Aubere aubere
— **Oxum épanda para éleo**
— Responder: Oxum épanda para éleo
— **Olomilo Oxum**
— Responder: Atonirê olomilo Oxum atonirê
— **Adunené abomio**
— Responder: Oxum pererê Oxum pererê
— **Aio éinho**
— Responder: Beleuê leuê Oxum beleuê
— **Êdibomboleio anupemio**
— Responder: Edibamboleio anupeauô

— **Achioxum pandalossimio**
— Responder: Orum eléu achioxum orum eléu
— **Pandá como como Oxum olodeo**
— Responder: Amaiorô Orixá oieiêo amaiorô
— **Pandalossimio**
— Responder: Ominilabauaxim
— **Pandalossimibeum**
— Responder: Ominilabaxaebó ominilá
— **Onimamilum**
— Responder: Aladê ieiê elum Oxum maguéti
— **Perere Ogum auma auma auma perere Ogum maréogum**
— Responder: Perere Ogum auma auma auma perere Ogum maréogum
— **Oadeo oire adeuá ominilaba adeo aire adeuá**
— Responder: Oadeo oire adeuá ominilaba adeo aire adeuá
— **Ominilaba**
— Responder: Adeo oire adeuá
— **Eloire iadocomio**
— Responder: Ie elomário
— **Eloiro**
— Responder: Guem guem guê
— **Aorô aorô ocum orô é com Oxum deobá**
— Responder: Aorô aorô ocum orô é com Oxum deobá
— **Amacorô**
— Responder: Aorô aorô
— **Iberema larum adeluie ieieo**
— Responder: Amauá Oxum ieiê iderema larum
— **Ara baráueco fanha bará baráoeleo**
— Responder: Ara baraueco fanha bará baráoeleo
— **Panda mirereum aganjú mire babaichorô**
— Responder: Pandá mirerê pandá mire babaichorô
— **Iama bocum pererê ama bocum pererê**
— Responder: Acho ae ama bocum pererê
— **Ieiê beçaléo obomorê ieiê beçaléo obomoré**
— Responder: Oxum de o lanã ieiêbeçaléo bomoré
— **Oxum pandá**
— Responder: Ioacherê oiá
— **Ieiê docô**
— Responder: Ioacherê oiá

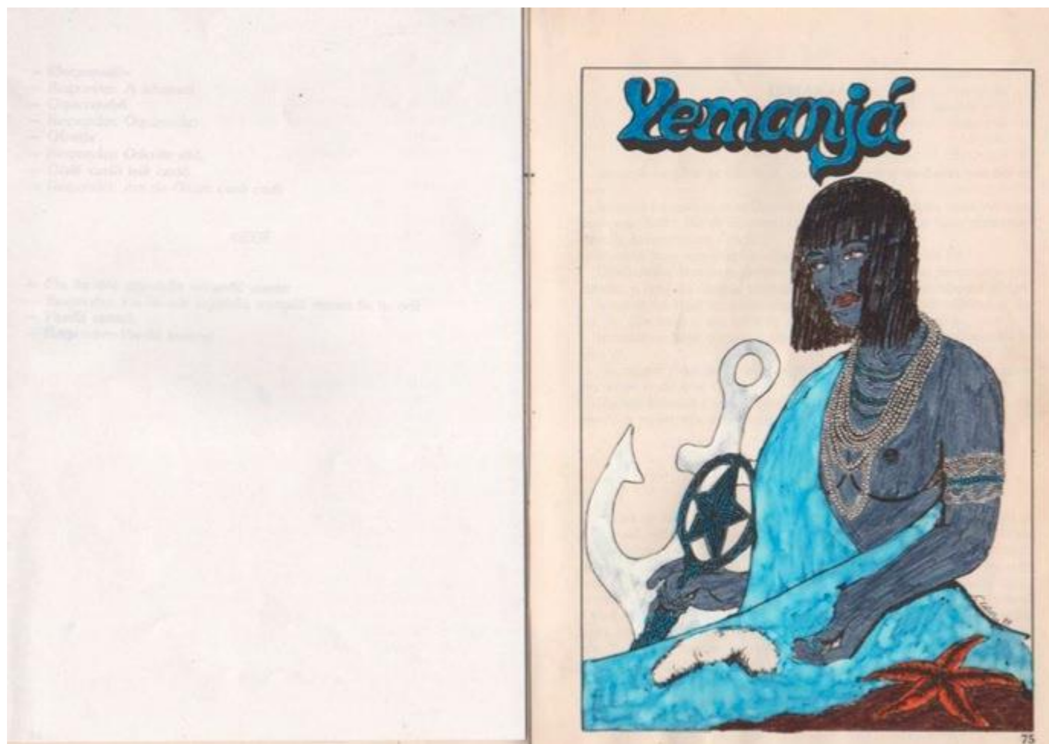


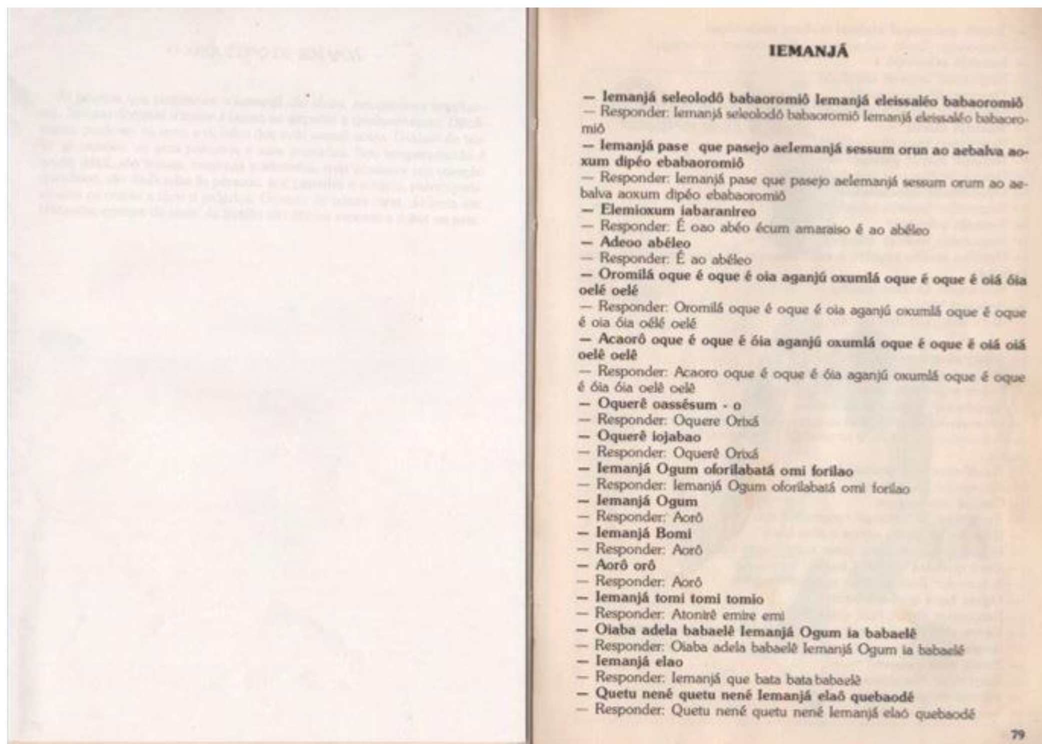
— **Elocomailó-**
— Responder: A adioxum
— **Oquererebó**
— Responder: Oquererebó
— **Ofenite**
— Responder: Odenite ebó
— **Oieiê cariô ieiê cariô**
— Responder: Ara de Oxum cariô cariô

GEGÊ

— **Fia fia odê sapatafia amaodê siman**
— Responder: Fia fia odê sapatafia amaodê simam fia fia odê
— **Pandá suami**
— Responder: Pandá anaeui

74

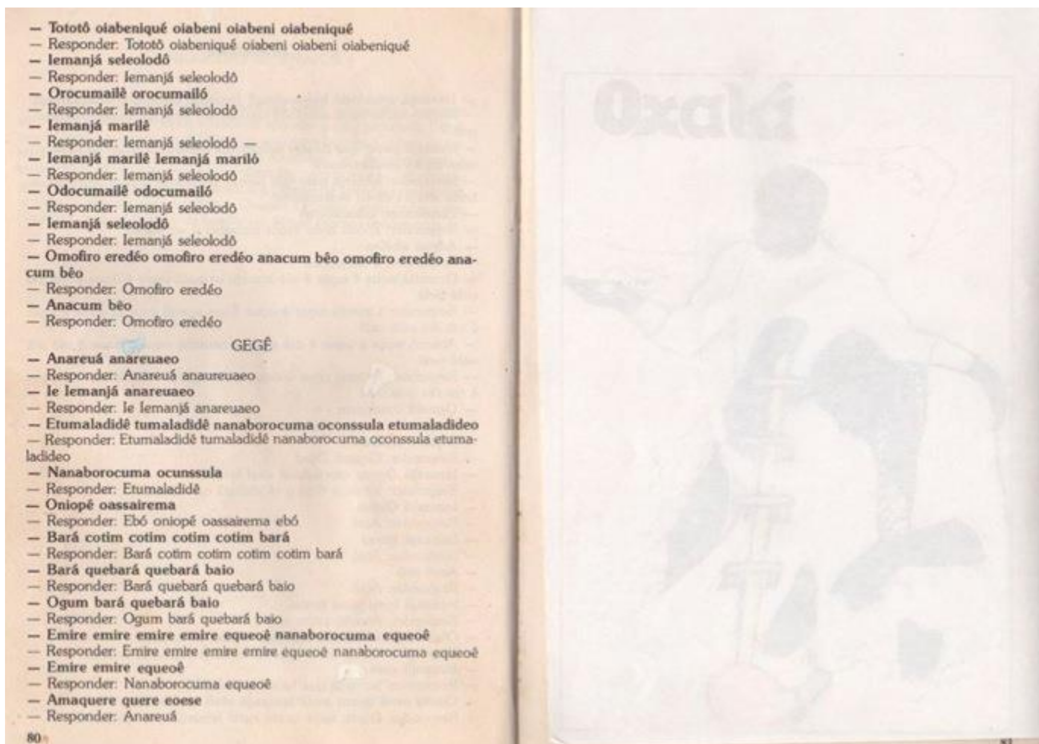

Yemanjá
75



IEMANJÁ

— Iemanjá seleolodô babaoromiô Iemanjá eleissaléo babaoromiô
— Responder: Iemanjá seleolodô babaoromiô Iemanjá eleissaléo babaoromiô
— Iemanjá pase que pasejo aelemanjá sessum orun ao aebalva aoxum dipéo ebabaoromiô
— Responder: Iemanjá pase que pasejo aelemanjá sessum orum ao aebalva aoxum dipéo ebabaoromiô
— Elemioxum iabaranireo
— Responder: É oao abéo écum amaraiso é ao abéleo
— Adeoo abéleo
— Responder: É ao abéleo
— Oromilá oque é oque é oia aganjú oxumlá oque é oque é oiá óia oelé oelé
— Responder: Oromilá oque é oque é oia aganjú oxumlá oque é oque é oia óia oélé oelé
— Acaorô oque é oque é óia aganjú oxumlá oque é oque é oiá oiá oelê oelê
— Responder: Acaoro oque é oque é óia aganjú oxumlá oque é oque é óia óia oelê oelê
— Oquerê oassésum - o
— Responder: Oquere Orixá
— Oquerê iojabao
— Responder: Oquerê Orixá
— Iemanjá Ogum oforilabatá omi forilao
— Responder: Iemanjá Ogum oforilabatá omi forilao
— Iemanjá Ogum
— Responder: Aorô
— Iemanjá Bomi
— Responder: Aorô
— Aorô orô
— Responder: Aorô
— Iemanjá tomi tomi tomio
— Responder: Atonirê emire emi
— Oiaba adela babaelê Iemanjá Ogum ia babaelê
— Responder: Oiaba adela babaelê Iemanjá Ogum ia babaelê
— Iemanjá elao
— Responder: Iemanjá que bata bata babaelê
— Quetu nenê quetu nenê Iemanjá elaô quebaodé
— Responder: Quetu nené quetu nenê Iemanjá elaó quebaodé

79



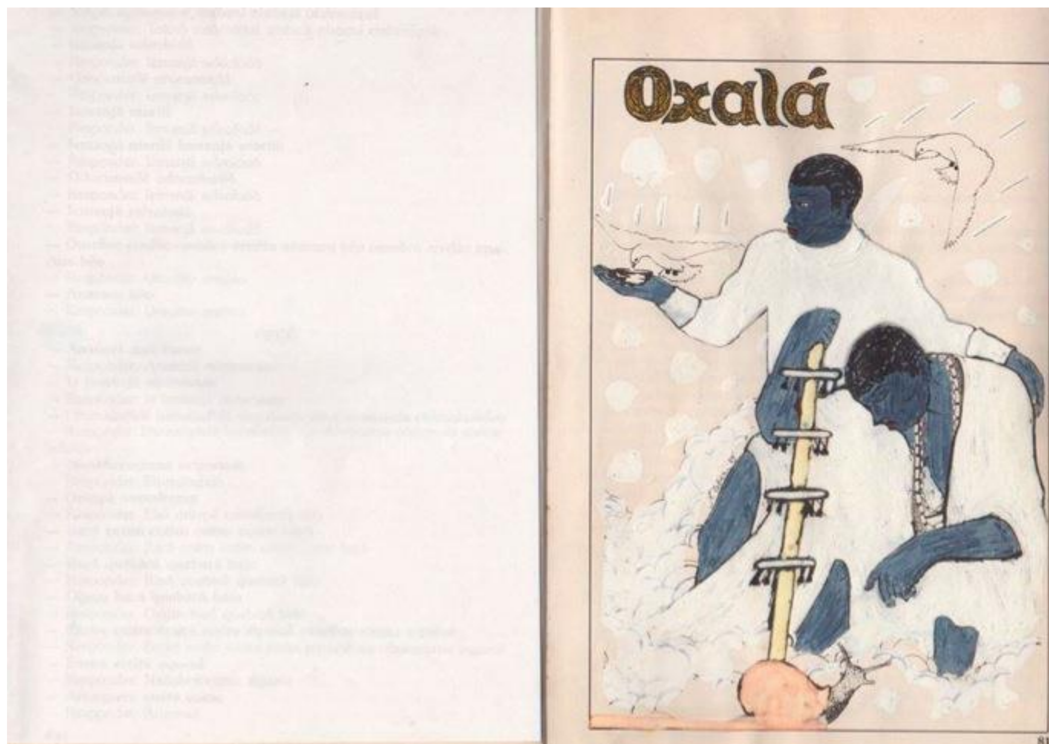
— Tototô oiabeniquê oiabeni oiabeni oiabeniquê
— Responder: Tototô oiabeniquê oiabeni oiabeni oiabeniquê
— Iemanjá seleolodô
— Responder: Iemanjá seleolodô
— Orocumailê orocumailô
— Responder: Iemanjá seleolodô
— Iemanjá marilê
— Responder: Iemanjá seleolodô —
— Iemanjá marilê Iemanjá marilô
— Responder: Iemanjá seleolodô
— Odocumailê odocumailô
— Responder: Iemanjá seleolodô
— Iemanjá seleolodô
— Responder: Iemanjá seleolodô
— Omofiro eredéo omofiro eredéo anacum bêo omofiro eredéo anacum bêo
— Responder: Omofiro eredéo
— Anacum bêo
— Responder: Omofiro eredéo

GEGÊ

— Anareuá anareuaeo
— Responder: Anareuá anaureuaeo
— Ie Iemanjá anareuaeo
— Responder: Ie Iemanjá anareuaeo
— Etumaladidê tumaladidê nanaborocuma oconssula etumaladideo
— Responder: Etumaladidê tumaladidê nanaborocuma oconssula etumaladideo
— Nanaborocuma ocunssula
— Responder: Etumaladidê
— Oniopê oassairema
— Responder: Ebó oniopê oassairema ebô
— Bará cotim cotim cotim cotim bará
— Responder: Bará cotim cotim cotim cotim bará
— Bará quebará quebará baio
— Responder: Bará quebará quebará baio
— Ogum bará quebará baio
— Responder: Ogum bará quebará baio
— Emire emire emire emire equeoê nanaborocuma equeoê
— Responder: Emire emire emire emire equeoê nanaborocuma equeoê
— Emire emire equeoê
— Responder: Nanaborocuma equeoê
— Amaquere quere eoese
— Responder: Anareuá

80

81


Oxalá
81

OXALÁ

— **É de au au au babaichorô**
— Responder: É de auê babarumalê é de au
— **Eleoapecô o babá**
— Responder: Eoapecô orumalê
— **Eleoapecô Iemanjá**
— Responder: Eoapecô orumalê
— **Aiolomina o anareo cori foribalê**
— Responder: Aiolomina o anareo cori foribalê
— **Aifiola aiofila ieiê babarumalê**
— Responder: Aifiola aiofila ieiê babarumalê
— **Eleomaquere quere quere eleomaquere de Orixá**
— Responder: Eleomaquere quere quere eleomaquere de Orixá
— **Ominina batiá ominina balocum**
— Responder: Ominina batiá ominina balocum
— **Oeléu eléu eléu omiato babachorô**
— Responder: Oeléu eléu eléu omiato babachorô
— **Oeléoao elédebabao**
— Responder: Oeléoao elédebabao
— **Eléoao elébabao**
— Responder: Eléoao elébabao
— **Oimanjá muque muquechê**
— Responder: Alao oo oo babá
— **Oxalá de oromiláia babaichorô oromiláia**
— Responder: Oxalá de oromiláia babaichorô oromiláia
— **Oxalá de oromiláia chorô**
— Responder: Oxalá de oromiláia chorô
— **Oxalá de oromiláia oromiláia chorô**
— Responder: Oxalá de oromiláia oromiláia chorô
— **Oibelerum belerum belerum Orixalá maleodô**
— Responder: Oibelerum belerum belerum Orixalá maleodô
— **Alafiolaê de babareuá**
— Responder: Alafiolaê de babareuá
— **Oxalá belerum**
— Responder: Quereremo fára
— **Oiquererema fára**
— Responder: Oiquererema fára



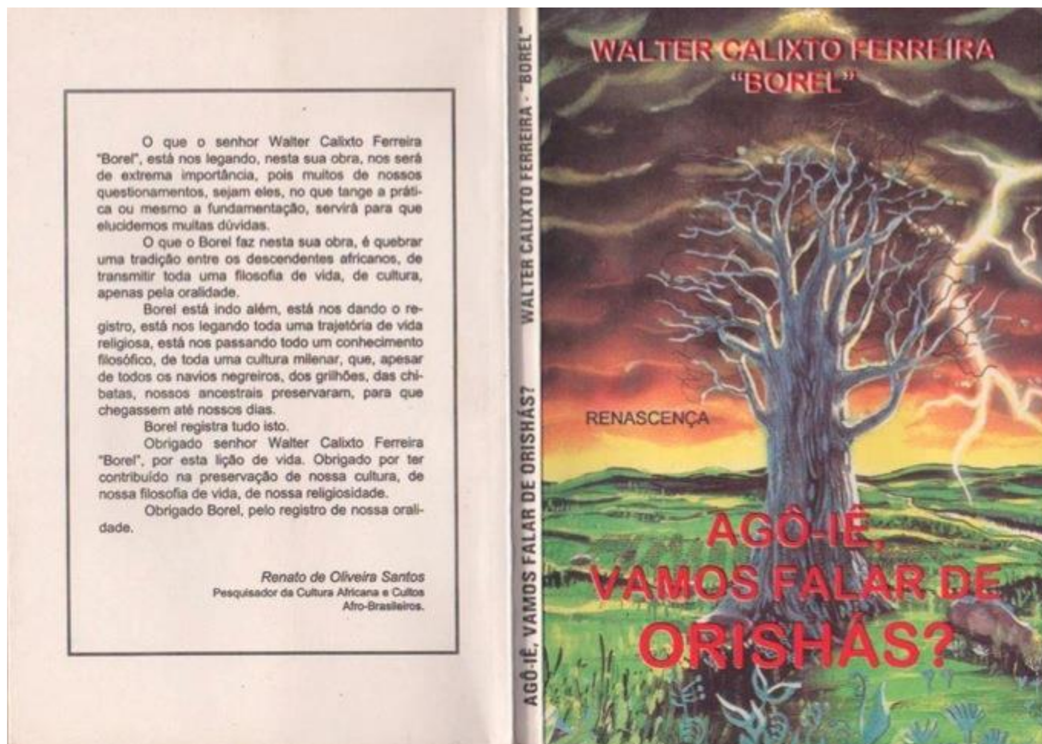
— Oibabaribô Maconsé Oxalá Maconsé Babaribô Maconsê
— Responder: Oibabaribô Maconsé Oxalá Maconsé Babaribô Maconsé
— Sapadô Otirê
— Responder: Farabodó
— Oquenia pechoro oquenia pechoro ialaossimam ialaossimam pechorô
— Responder: Oquenia pechoro oquenia pechoro ialaossimam ialaossimam pechorô
— Inhéo oinhéo ao inhéo deoromiláia ilao
— Responder: Inhéo oinhéo ao inhéo deoromiláia ilao
— Oiumpepeo airá babachanirê olunfá airá
— Responder: Oiumpepeo airá babachanirê olunfá airá
— Colimo colimocum
— Responder: Fararaiso colimocum fararaiso
— Ieieo paviá ieieo paviá amassêlo locum acoro ieiê paviá amasselo locum acoro
— Responder: Ieieo paviá ieieo paviá amassêlo locum acoro ieiê paviá amasselo locum acoro
— Anajéo adupereo
— Responder: Anajéo adupereo
— Ebô ololofila Orixalá
— Responder: Ebô ololofila Orixalá
— Ebô babálofila Orixalá
— Responder: Ebô babálofila orixalá
— Oxalá lerum oxalá lerum olofilo orixalá olofilo babá
— Responder: Oxalá lerum oxalá lerum olofilo orixalá olofilo babá
— Onimocum será onimocum será
— Responder: Babaribô onimocum será

GEGÊ

— Orixauene Bocum
— Responder: Babaorixauene Bocum ló
— Taluben talaufain taluben talaufaô
— Responder: Taluben talaufain taluben talaufaô

AXÊ DOS PRESENTES

— Omimoni oaçupi oaçupi orô
— Responder: Omimoni oaçupi oaçupi orô


O que o senhor Walter Calixto Ferreira "Borel", está nos legando, nesta sua obra, nos será de extrema importância, pois muitos de nossos questionamentos, sejam eles, no que tange a prática ou mesmo a fundamentação, servirá para que elucidemos muitas dúvidas.

O que o Borel faz nesta sua obra, é quebrar uma tradição entre os descendentes africanos, de transmitir toda uma filosofia de vida, de cultura, apenas pela oralidade.

Borel está indo além, está nos dando o registro, está nos legando toda uma trajetória de vida religiosa, está nos passando todo um conhecimento filosófico, de toda uma cultura milenar, que, apesar de todos os navios negreiros, dos grilhões, das chibatas, nossos ancestrais preservaram, para que chegassem até nossos dias.

Borel registra tudo isto.

Obrigado senhor Walter Calixto Ferreira "Borel", por esta lição de vida. Obrigado por ter contribuído na preservação de nossa cultura, de nossa filosofia de vida, de nossa religiosidade.

Obrigado Borel, pelo registro de nossa oralidade.

Renato de Oliveira Santos
Pesquisador da Cultura Africana e Cultos Afro-Brasileiros.

Walter Calixto Ferreira
"Borel"

Nascido em 07/06/1924, na cidade de Rio Grande, neto materno da extinta Yalorishá Iá-Magali-Yála (Mãe Domingas).

Teve sua iniciação com o já extinto Waldemar Antônio dos Santos (Tiemar do Shangô), com a falta deste, deu prosseguimento à seus conhecimentos com a também extinta "Mãe Andreza da Oshún" e mais tarde finalizou-se com a também extinta Mãe Rita Garibaldi "Ritinha de Shangô".

Grande estudioso das raízes negras no RS, e que muito tem dado de si para difundir os valores negros, o que constitui uma glória para os irmãos de lei do estado.

Colaboradores:

Mario Augusto - "Guto"
Ancelmo da Silva Accurso
Alcibiedes Soares

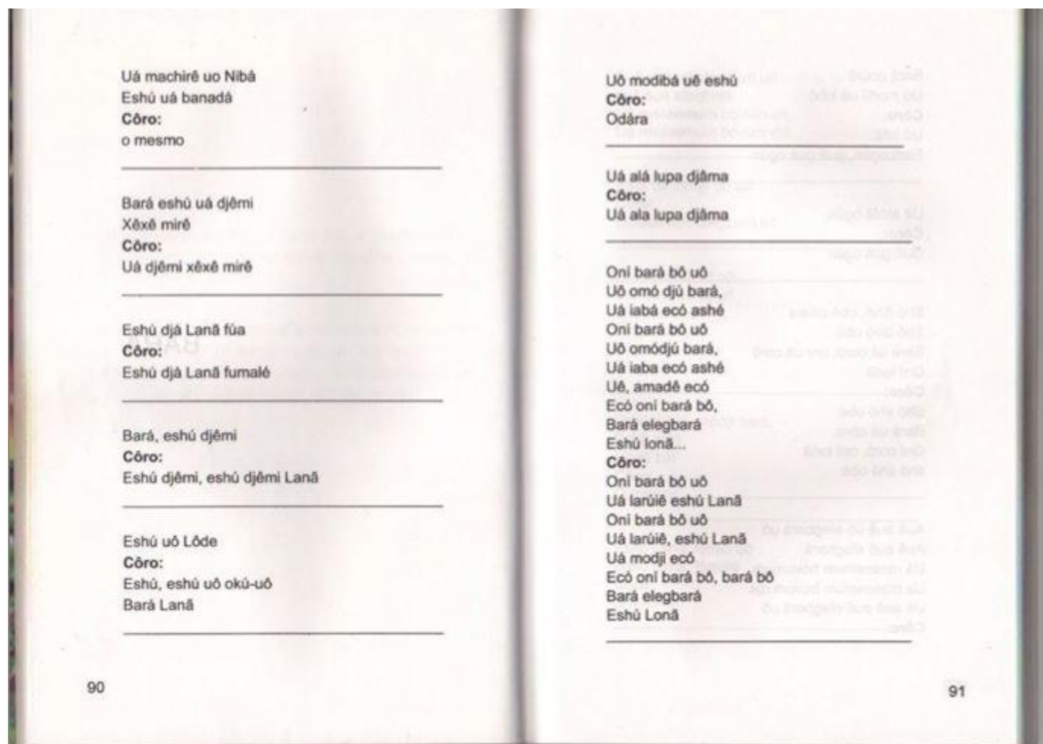
WALTER CALIXTO FERREIRA
"BOREL"

AGÔ-IÊ, VAMOS FALAR DE ORISHÁS?

RENASCENÇA

1997

BARÁ



Uá machirê uo Nibá
Eshú uá banadá
Côro:
o mesmo

Bará eshú uá djêmi
Xêxê mirê
Côro:
Uá djêmi xêxê mirê

Eshú djá Lanã fúa
Côro:
Eshú djá Lanã fumaló

Bará, eshú djêmi
Côro:
Eshú djêmi, eshú djêmi Lanã

Eshú uô Lôde
Côro:
Eshú, eshú uô okú-uô
Bará Lanã

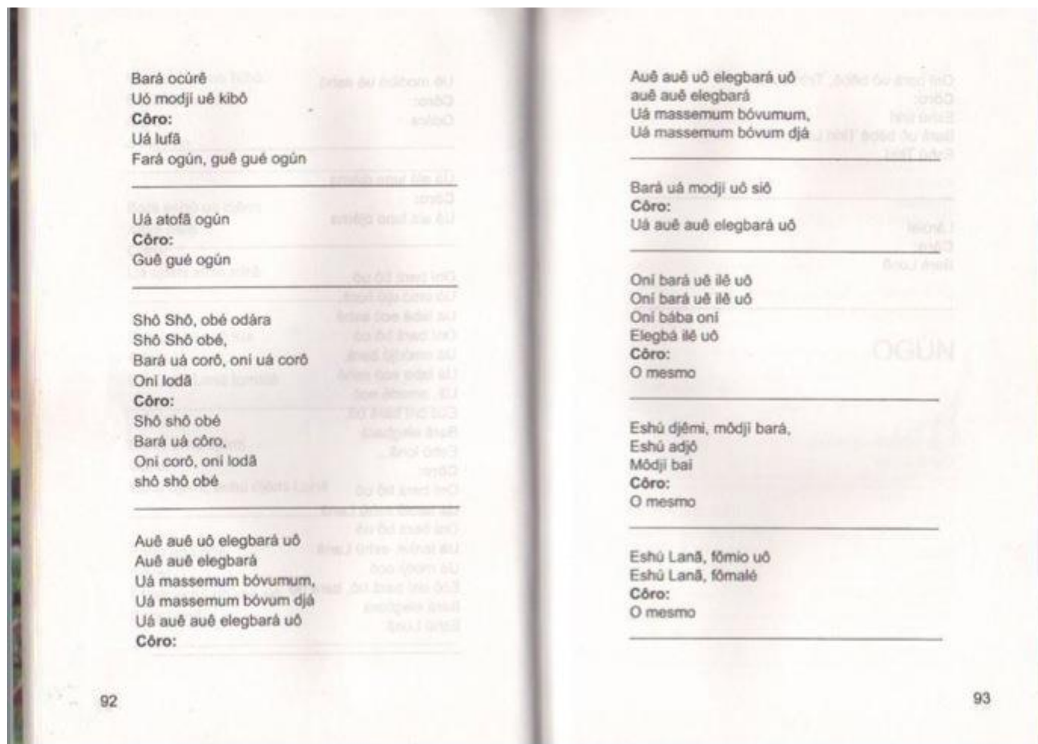
90

Uô modibá uê eshú
Côro:
Odára

Uá alá lupa djâma
Côro:
Uá ala lupa djâma

Oni bará bô uô
Uô omó djú bará,
Uá iabá ecó ashé
Oni bará bô uô
Uô omódjú bará,
Uá iaba ecó ashé
Uê, amadê ecó
Ecó oni bará bô,
Bará elegbará
Eshú lonã...
Côro:
Oni bará bô uô
Uá larúiê eshú Lanã
Oni bará bô uô
Uá larúiê, eshú Lanã
Uá modji ecó
Ecó oni bará bô, bará bô
Bará elegbará
Eshú Lonã

91



Bará ocùrê
Uó modjí uê kibô
Côro:
Uá lufã
Fará ogùn, guê gué ogùn

Uá atofã ogùn
Côro:
Guê gué ogùn

Shô Shô, obé odára
Shô Shô obé,
Bará uá corô, oní uá corô
Oní lodã
Côro:
Shô shô obé
Bará uá côro,
Oní corô, oní lodã
shô shô obé

Auê auê uô elegbará uô
Auê auê elegbará
Uá massemum bóvumum,
Uá massemum bóvum djá
Uá auê auê elegbará uô
Côro:

92

Auê auê uô elegbará uô
auê auê elegbará
Uá massemum bóvumum,
Uá massemum bóvum djá

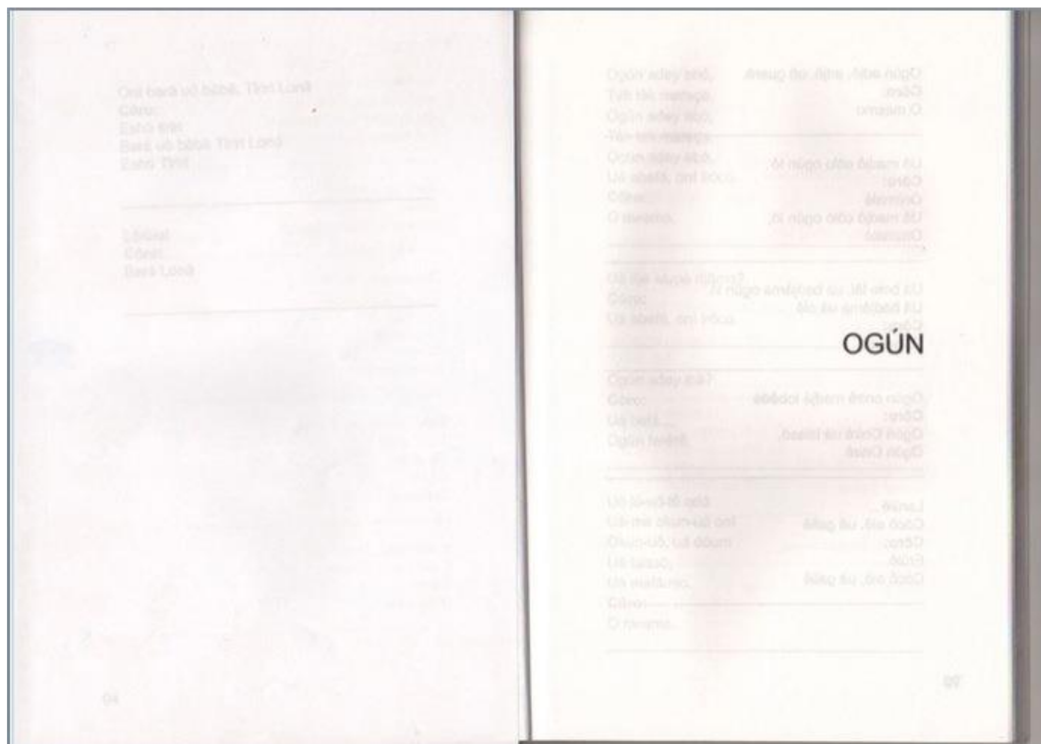
Bará uá modji uô siô
Côro:
Uá auê auê elegbará uô

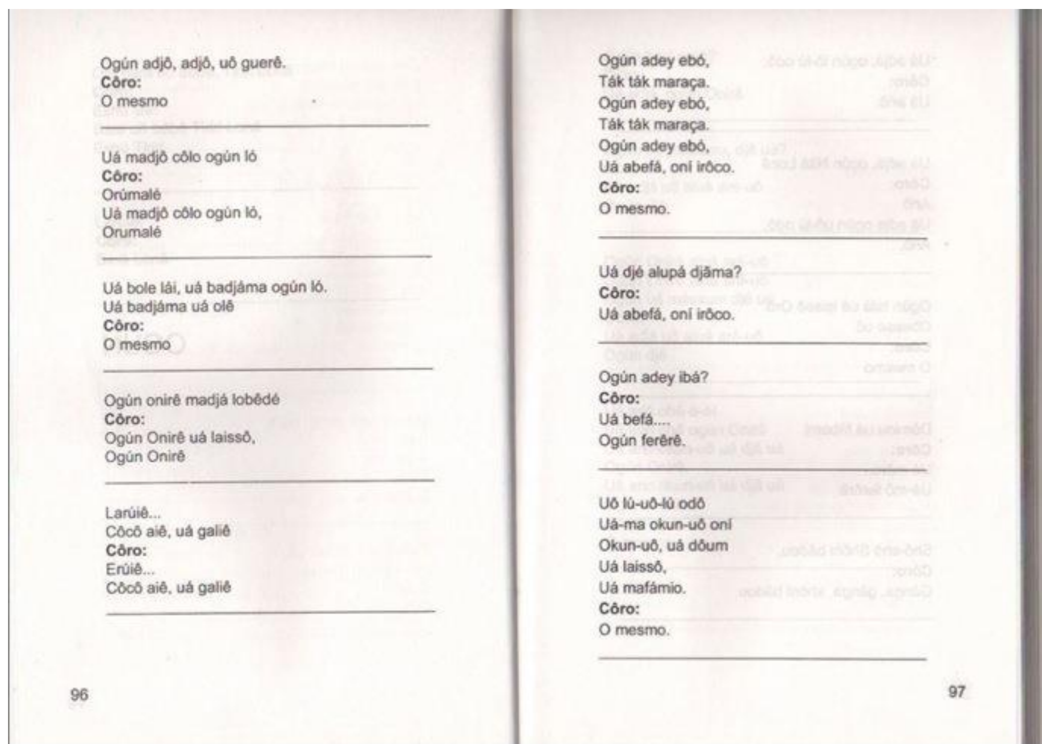
Oní bará uê ilê uô
Oní bará uê ilê uô
Oní bába oní
Elegbá ilê uô
Côro:
O mesmo

Eshú djêmi, môdji bará,
Eshú adjô
Môdji bai
Côro:
O mesmo

Eshú Lanã, fômio uô
Eshú Lanã, fômalé
Côro:
O mesmo

93


OGÚN


Ogún adjô, adjô, uô guerê.
Côro:
O mesmo

Uá madjô côlo ogún ló
Côro:
Orúmalé
Uá madjô côlo ogún ló,
Orumalé

Uá bole lái, uá badjáma ogún ló.
Uá badjáma uá olê
Côro:
O mesmo

Ogún onirê madjá lobêdé
Côro:
Ogún Onirê uá laissô,
Ogún Onirê

Larúiê...
Côcô aiê, uá galiê
Côro:
Erúiê...
Côcô aiê, uá galiê

96

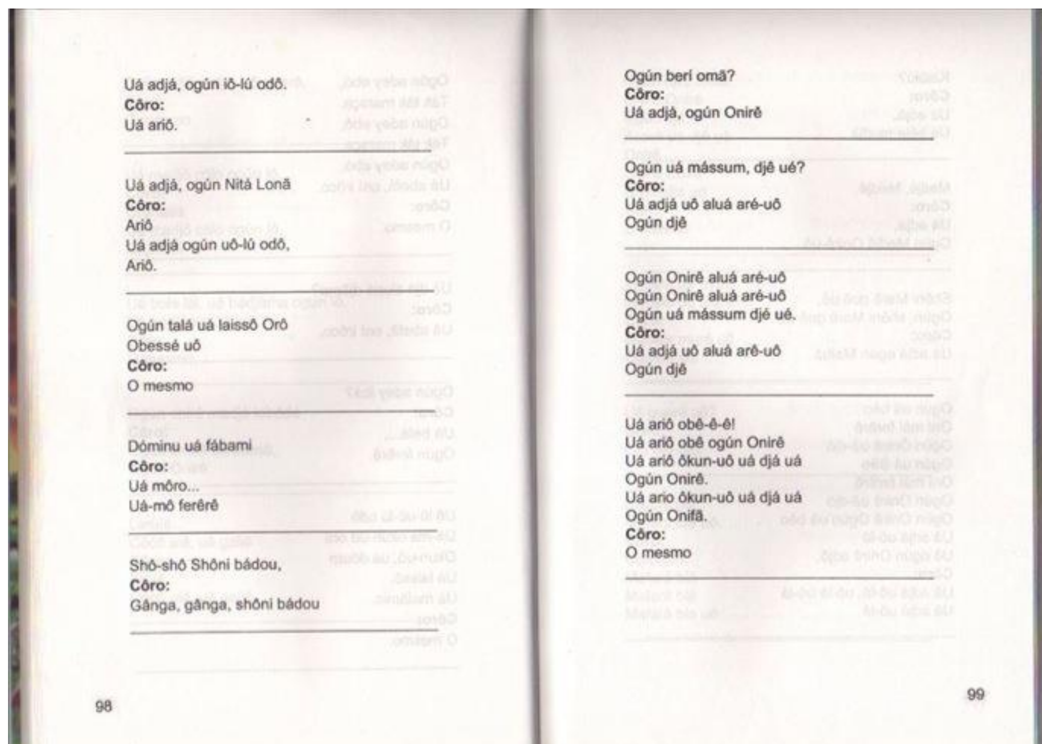
Ogún adey ebó,
Ták ták maraça.
Ogún adey ebó,
Ták ták maraça.
Ogún adey ebó,
Uá abefá, oní irôco.
Côro:
O mesmo.

Uá djé alupá djãma?
Côro:
Uá abefá, oní irôco.

Ogún adey ibá?
Côro:
Uá befá....
Ogún ferêrê.

Uô lú-uô-lú odô
Uá-ma okun-uô oní
Okun-uô, uá dôum
Uá laissô,
Uá mafámio.
Côro:
O mesmo.

97



Uá adjá, ogún iô-lú odô.
Côro:
Uá ariô.

Uá adjá, ogún Nitá Lonã
Côro:
Ariô
Uá adjá ogún uô-lú odô,
Ariô.

Ogún talá uá laissô Orô
Obessé uô
Côro:
O mesmo

Dôminu uá fábami
Côro:
Uá môro...
Uá-mô ferêrê

Shô-shô Shôni bádou,
Côro:
Gânga, gânga, shôni bádou

98

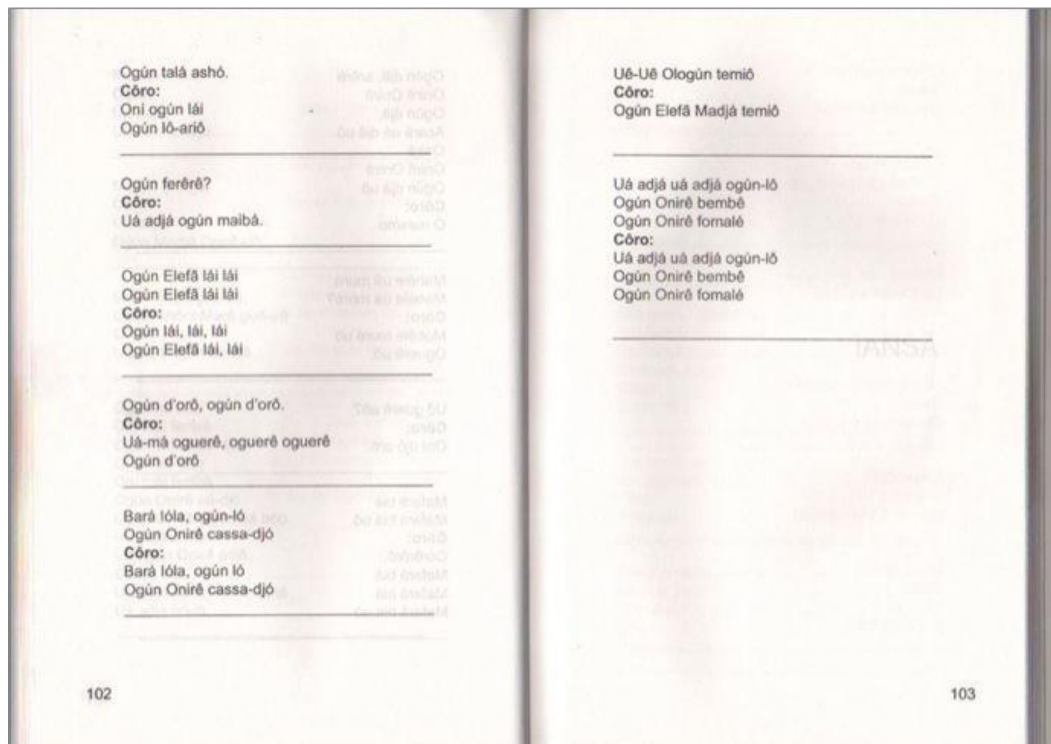
Ogún berí omã?
Côro:
Uá adjá, ogún Onirê

Ogún uá mássum, djê ué?
Côro:
Uá adjá uô aluá aré-uô
Ogún djê

Ogún Onirê aluá aré-uô
Ogún Onirê aluá aré-uô
Ogún uá mássum djê ué.
Côro:
Uá adjá uô aluá arê-uô
Ogún djê

Uá ariô obê-ê-ê!
Uá ariô obê ogún Onirê
Uá ariô ôkun-uô uá djá uá
Ogún Onirê.
Uá ario ôkun-uô uá djá uá
Ogún Onifã.
Côro:
O mesmo

99



Ogún talá ashó.
Côro:
Oni ogún lái
Ogún lô-ariô

Ogún ferêrê?
Côro:
Uá adjá ogûn maibá.

Ogún Elefã lái lái
Ogún Elefã lái lái
Côro:
Ogún lái, lái, lái
Ogún Elefã lái, lái

Ogún d'orô, ogún d'orô.
Côro:
Uá-má oguerê, oguerê oguerê
Ogún d'orô

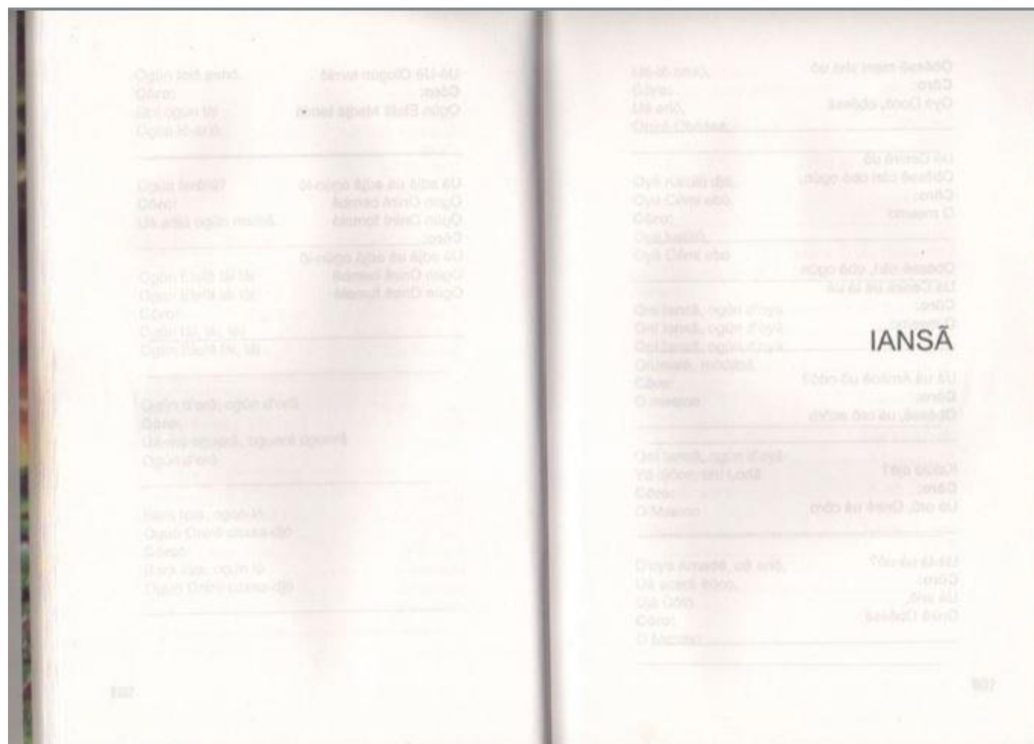
Bará lóla, ogún-ló
Ogún Onirê cassa-djó
Côro:
Bará lóla, ogún ló
Ogún Onirê cassa-djó

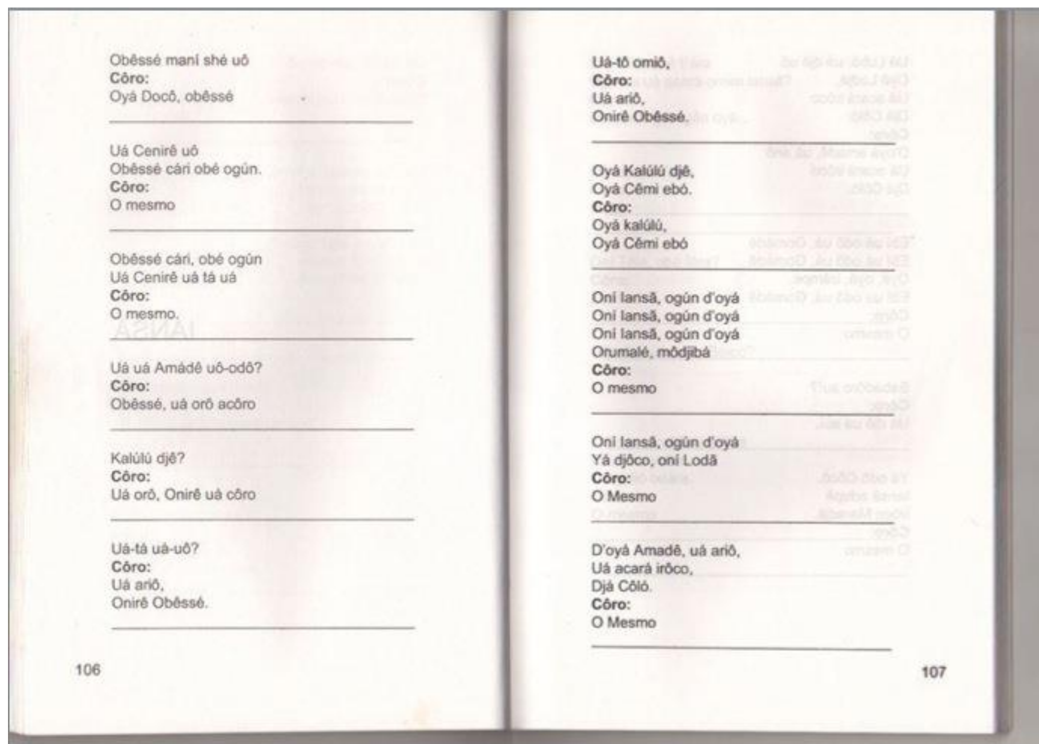
102

Uê-Uê Ologûn temiô
Côro:
Ogún Elefã Madjá temiô

Uá adjá uá adjá ogún-lô
Ogún Onirê bembê
Ogún Onirê fornalé
Côro:
Uá adjá uá adjá ogún-lô
Ogún Onirê bembê
Ogún Onirê fomalé

103


IANSÃ



Obêssé manî shé uô
Côro:
Oyá Docô, obêssé

Uá Cenirê uô
Obêssé cári obé ogún.
Côro:
O mesmo

Obêssé cári, obé ogún
Uá Cenirê uá tá uá
Côro:
O mesmo.

Uá uá Amádê uô-odô?
Côro:
Obêssé, uá orô acôro

Kalúlú djê?
Côro:
Uá orô, Onirê uá côro

Uá-tá uá-uô?
Côro:
Uá ariô,
Onirê Obêssé.

106

Uá-tô omiô,
Côro:
Uá ariô,
Onirê Obêssé.

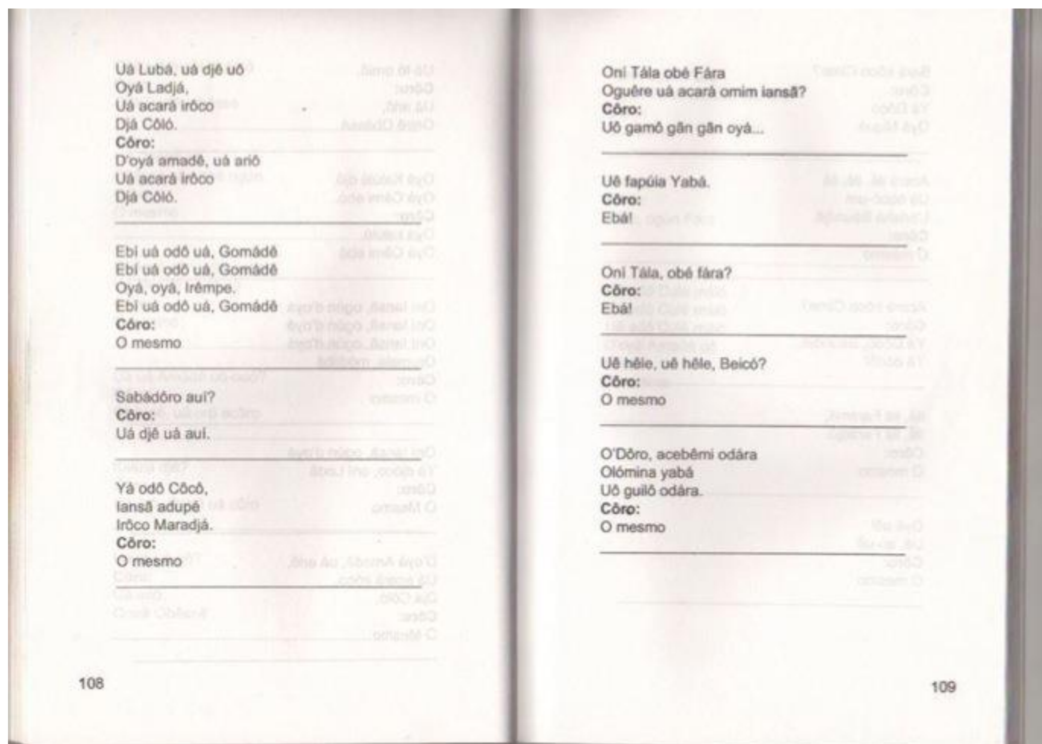
Oyá Kalúlú djê,
Oyá Cêmi ebó.
Côro:
Oyá kalúlú,
Oyá Cêmi ebó

Oní Iansã, ogún d'oyá
Oní Iansã, ogún d'oyá
Oní Iansã, ogún d'oyá
Orumalé, môdjibá
Côro:
O mesmo

Oní Iansã, ogún d'oyá
Yá djôco, oní Lodã
Côro:
O Mesmo

D'oyá Amadê, uá ariô,
Uá acará irôco,
Djá Côló.
Côro:
O Mesmo

107



Uá Lubá, uá djê uô
Oyá Ladjá,
Uá acará irôco
Djá Côló.
Côro:
D'oyá amadê, uá ariô
Uá acará irôco
Djá Côló.

Ebí uá odô uá, Gomádê
Ebí uá odô uá, Gomádê
Oyá, oyá, Irêmpe.
Ebí uá odô uá, Gomádê
Côro:
O mesmo

Sabádôro auí?
Côro:
Uá djê uá auí.

Yá odô Côcô,
Iansã adupé
Irôco Maradjá.
Côro:
O mesmo

108

Oni Tála obé Fára
Oguêre uá acará omim iansã?
Côro:
Uô gamô gãn gãn oyá...

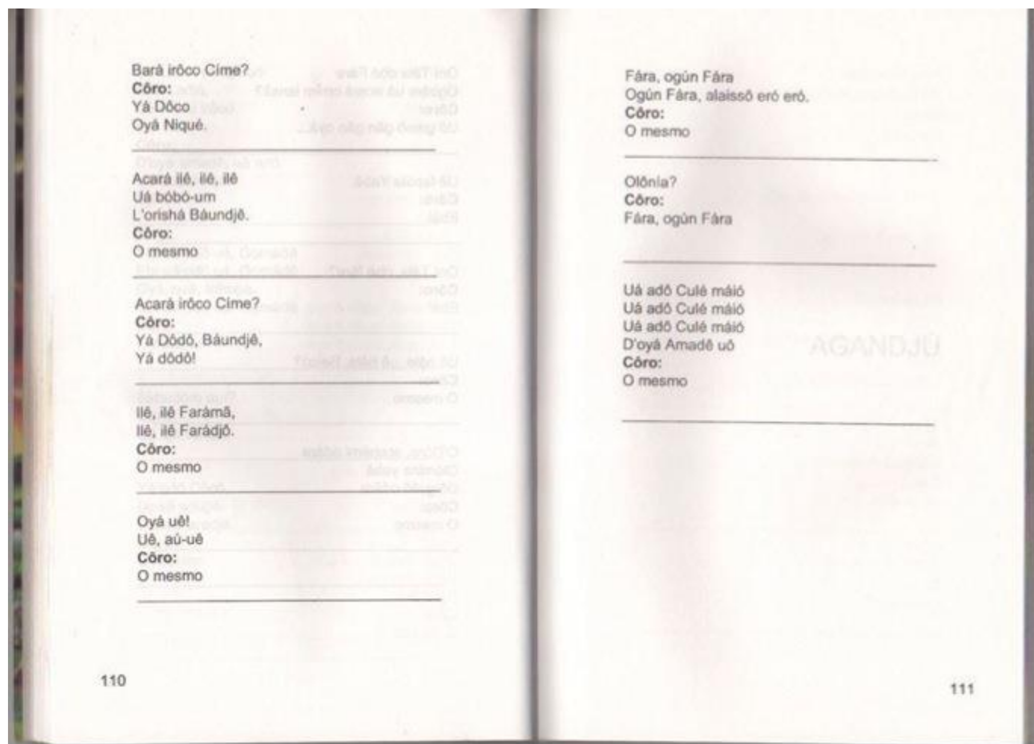
Uê fapúia Yabá.
Côro:
Ebá!

Oni Tála, obé fára?
Côro:
Ebá!

Uê hêle, uê hêle, Beicó?
Côro:
O mesmo

O'Dôro, acebêmi odára
Olómina yabá
Uô guilô odára.
Côro:
O mesmo

109


Barà irôco Címe?
Côro:
Yá Dôco
Oyá Niqué.

Acarà ilê, ilê, ilê
Uá bóbó-um
L'orishá Báundjê.
Côro:
O mesmo

Acarà irôco Címe?
Côro:
Yá Dôdô, Báundjê,
Yá dôdô!

Ilê, ilê Farámã,
Ilê, ilê Farádjô.
Côro:
O mesmo

Oyá uê!
Uê, aú-uê
Côro:
O mesmo

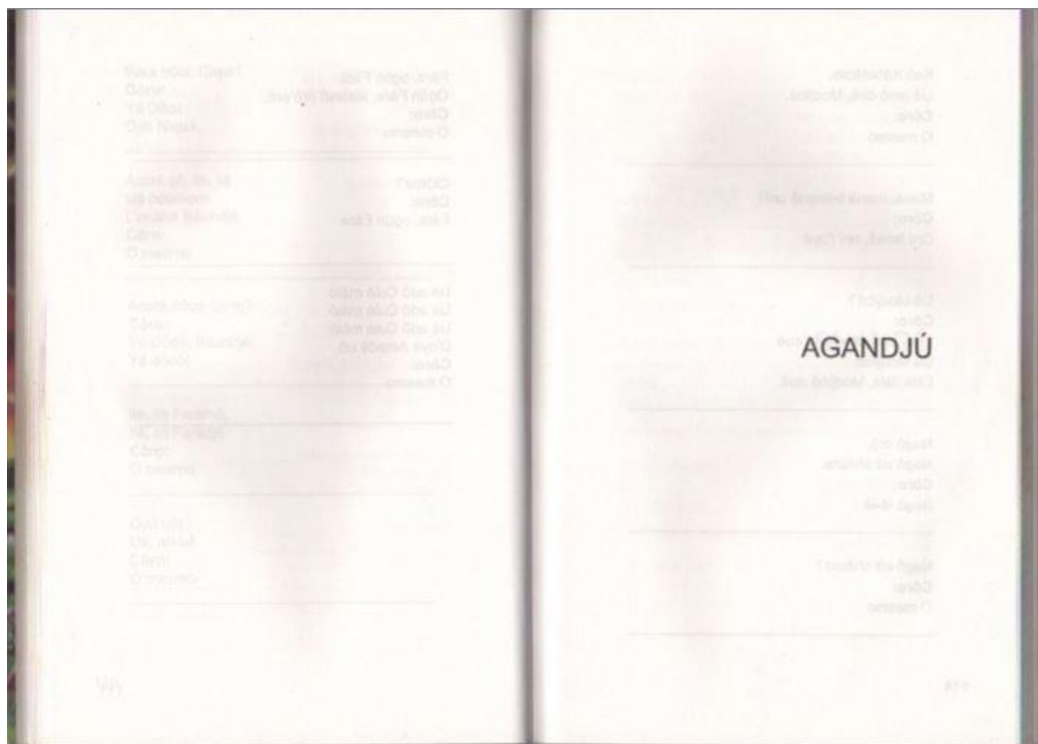
110

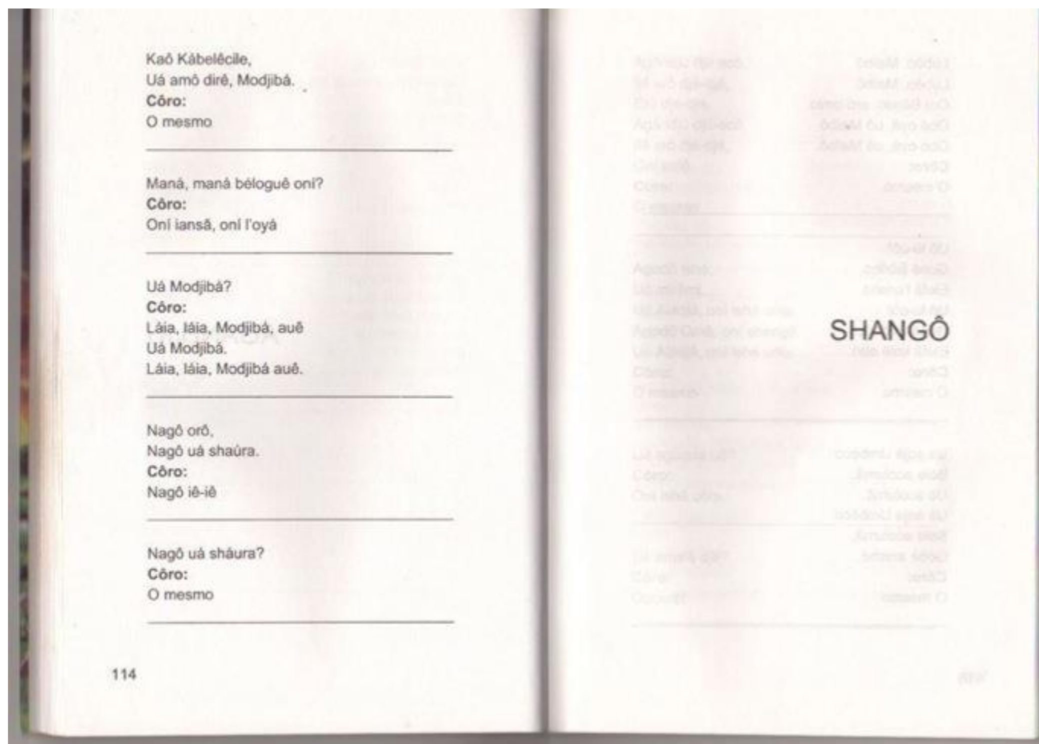
Fára, ogún Fára
Ogún Fára, alaissô eró eró.
Côro:
O mesmo

Olônia?
Côro:
Fára, ogún Fára

Uá adô Culé máió
Uá adô Culé máió
Uá adô Culé máió
D'oyá Amadê uô
Côro:
O mesmo

111


AGANDJÚ


Kaô Kábelêcile,
Uá amô dirê, Modjibá.
Côro:
O mesmo

Maná, maná béloguê oní?
Côro:
Oní iansã, oní l'oyá

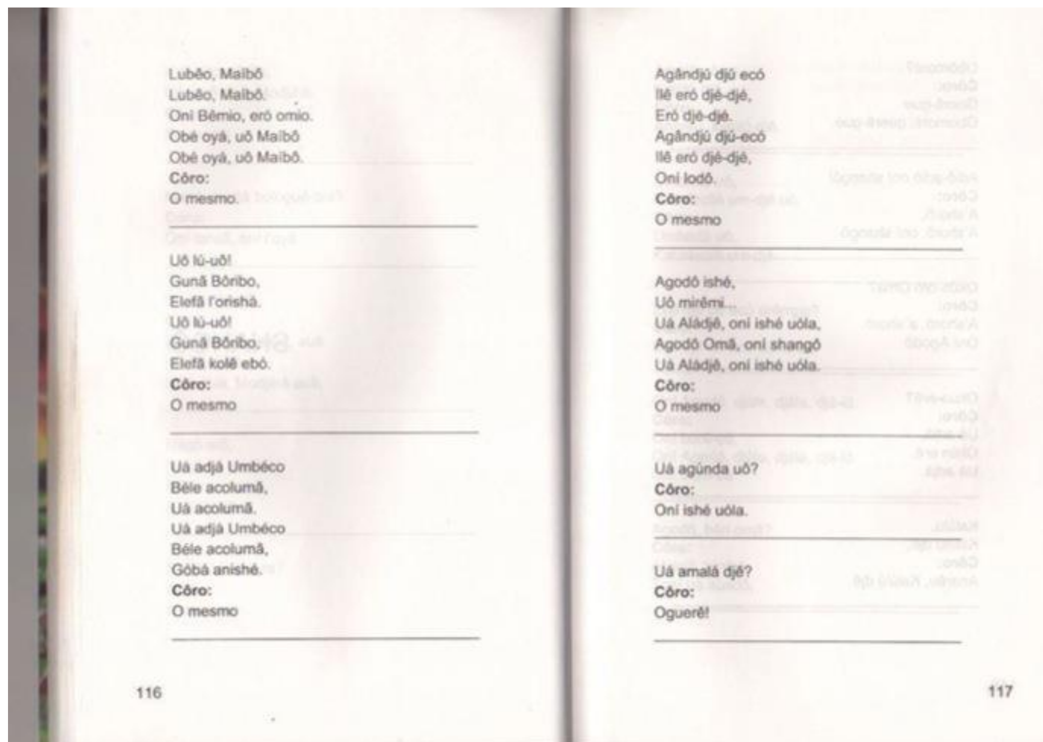
Uá Modjibá?
Côro:
Láia, láia, Modjibá, auê
Uá Modjibá.
Láia, láia, Modjibá auê.

Nagô orô,
Nagô uá shaúra.
Côro:
Nagô iê-iê

Nagô uá sháura?
Côro:
O mesmo

114

SHANGÔ


Lubêo, Maibô
Lubêo, Maibô.
Oni Bêmio, erô omio.
Obé oyá, uô Maibô
Obé oyá, uô Maibô.
Côro:
O mesmo.

Uô lú-uô!
Gunã Bôribo,
Elefã l'orishá.
Uô lú-uô!
Gunã Bôribo,
Elefã kolê ebó.
Côro:
O mesmo

Uá adjá Umbéco
Béle acolumã,
Uá acolumã.
Uá adjá Umbéco
Béle acolumã,
Góbá anishé.
Côro:
O mesmo

116

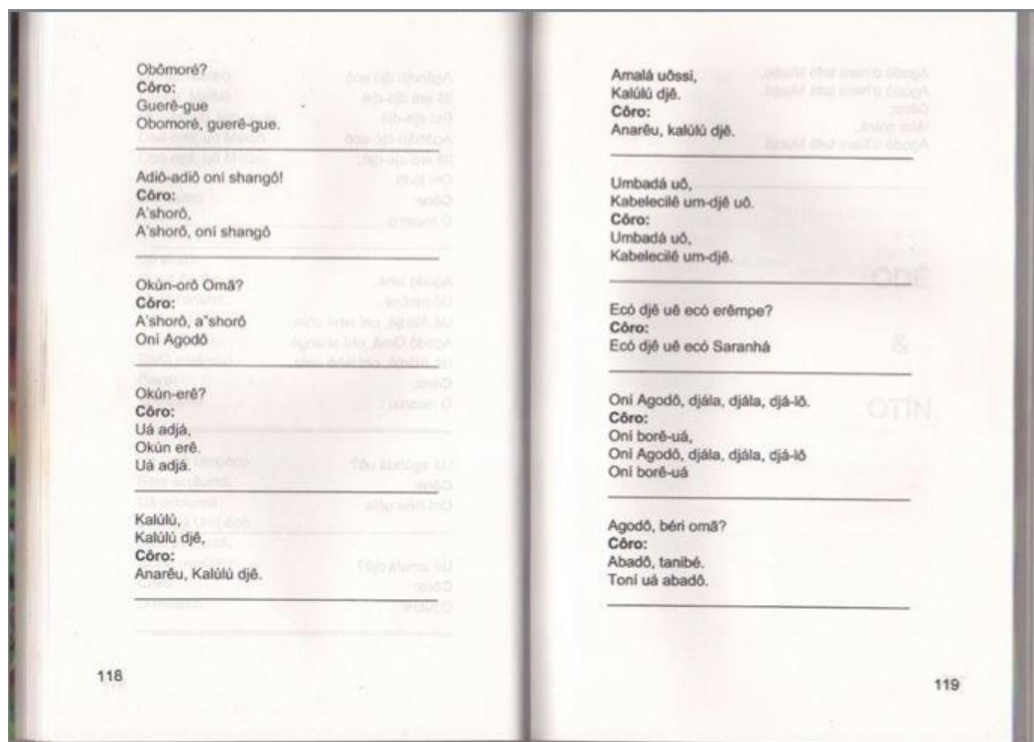
Agândjú djú ecó
Ilê eró djé-djé,
Eró djé-djé.
Agândjú djú-ecó
Ilê eró djé-djé,
Oni lodô.
Côro:
O mesmo

Agodô ishé,
Uô mirêmi...
Uá Aládjê, oni ishé uóla,
Agodô Omã, oni shangô
Uá Aládjê, oni ishé uóla.
Côro:
O mesmo

Uá agúnda uô?
Côro:
Oní ishé uóla.

Uá amalá djê?
Côro:
Oguerê!

117



Obômoré?
Côro:
Guerê-gue
Obomoré, guerê-gue.

Adiô-adiô oní shangô!
Côro:
A'shorô,
A'shorô, oní shangô

Okún-orô Omã?
Côro:
A'shorô, a"shorô
Oní Agodô

Okún-erê?
Côro:
Uá adjá,
Okún erê.
Uá adjá.

Kalúlú,
Kalúlú djê,
Côro:
Anarêu, Kalúlú djê.

118

Amalá uôssi,
Kalúlú djê.
Côro:
Anarêu, kalúlú djê.

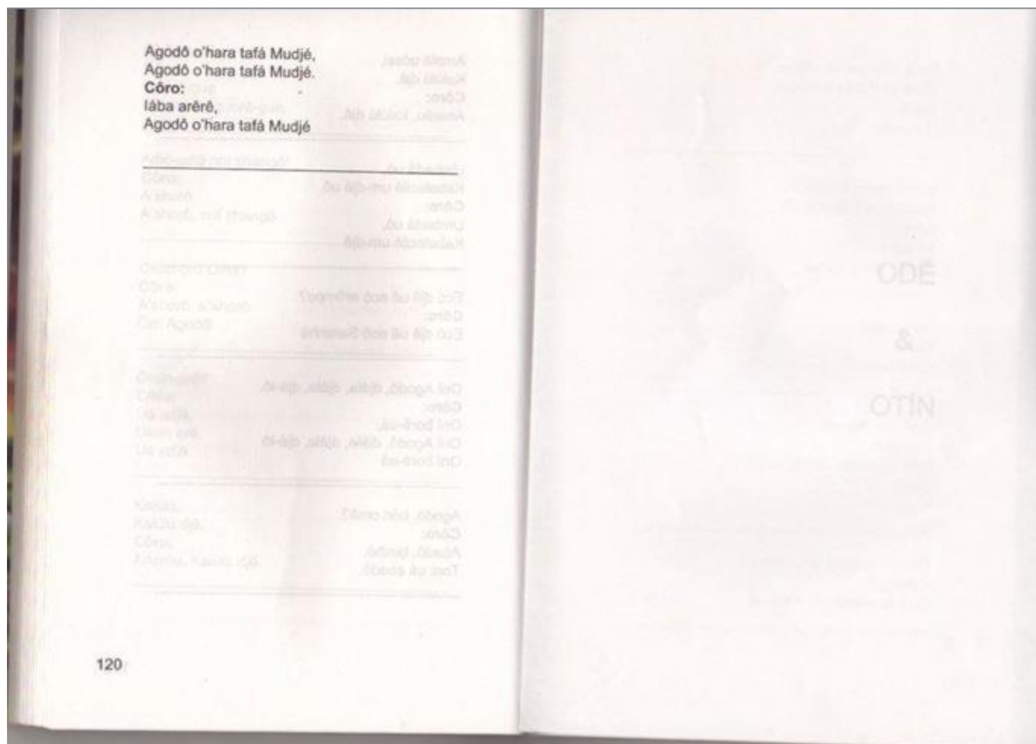
Umbadá uô,
Kabelecilê um-djê uô.
Côro:
Umbadá uô,
Kabelecilê um-djê.

Ecó djê uê ecó erêmpe?
Côro:
Ecó djê uê ecó Saranhá

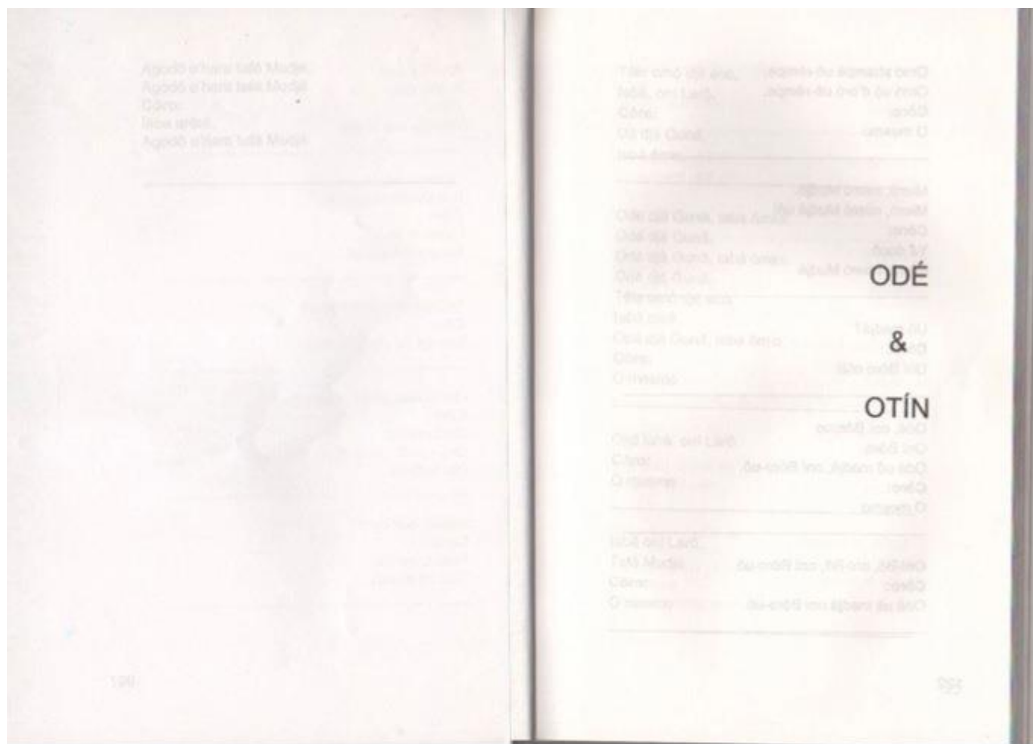
Oní Agodô, djála, djála, djá-lô.
Côro:
Oní borê-uá,
Oní Agodô, djála, djála, djá-lô
Oní borê-uá

Agodô, béri omã?
Côro:
Abadô, tanibé.
Toní uá abadô.

119


Agodô o'hara tafá Mudjé,
Agodô o'hara tafá Mudjé.
Côro:
Iába arêrê,
Agodô o'hara tafá Mudjé

120


ODÉ
&
OTÍN

Omó shampá uê-rêmpe,
Omó uô d'orô uê-rêmpe.
Côro:
O mesmo

Mieró, mieró Mudjé.
Mieró, mieró Mudjé uô!
Côro:
Yá docô.
Mieró, mieró Mudjé

Uô madjá?
Côro:
Oní Bôro ofá!

Odé, oni Bôroco
Oní Bôro.
Odé uô madjá, oní Bôro-uô.
Côro:
O mesmo

Oni-Bô, oní-Bô, oní Bôro-uô
Côro:
Odé uá madjá oní Bôro-uô.

122

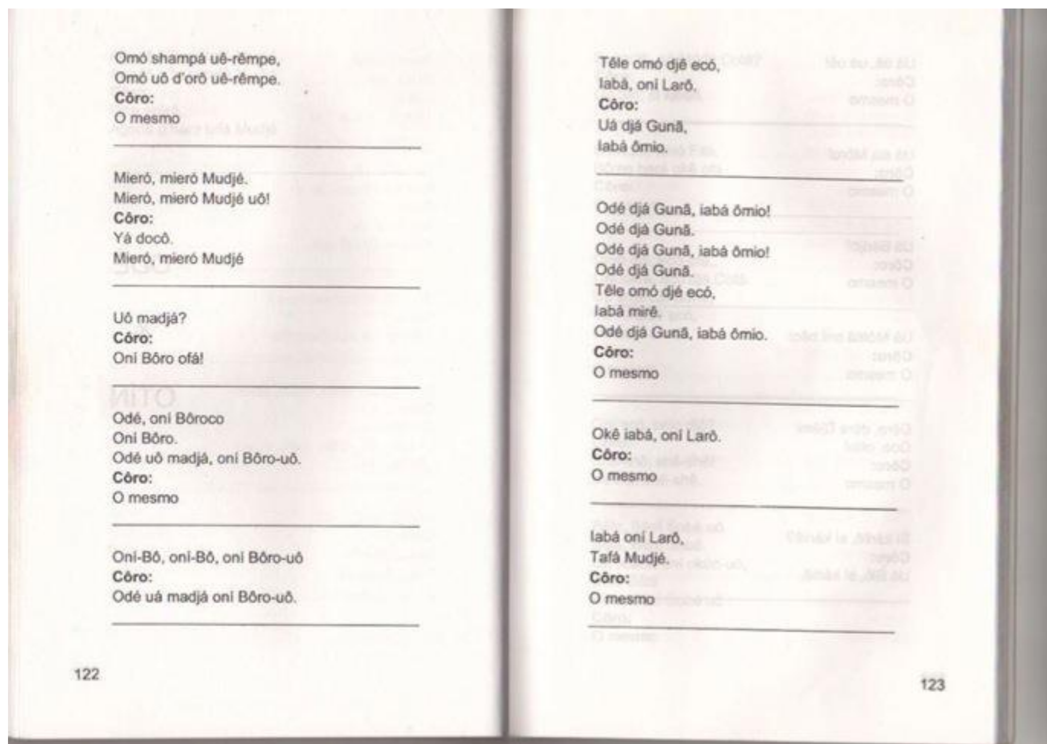
Têle omó djê ecó,
Iabá, oní Larô.
Côro:
Uá djá Gunã,
Iabá ômio.

Odé djá Gunã, iabá ômio!
Odé djá Gunã.
Odé djá Gunã, iabá ômio!
Odé djá Gunã.
Têle omó djé ecó,
Iabá mirê.
Odé djá Gunã, iabá ômio.
Côro:
O mesmo

Okê iabá, oní Larô.
Côro:
O mesmo

Iabá oní Larô,
Tafá Mudjé.
Côro:
O mesmo

123



Omó shampá uê-rêmpe,
Omó uô d'orô uê-rêmpe.
Côro:
O mesmo

Mieró, mieró Mudjé.
Mieró, mieró Mudjé uô!
Côro:
Yá docô.
Mieró, mieró Mudjé

Uô madjá?
Côro:
Oní Bôro ofá!

Odé, oní Bôroco
Oní Bôro.
Odé uô madjá, oní Bôro-uô.
Côro:
O mesmo

Oní-Bô, oní-Bô, oní Bôro-uô
Côro:
Odé uá madjá oní Bôro-uô.

122

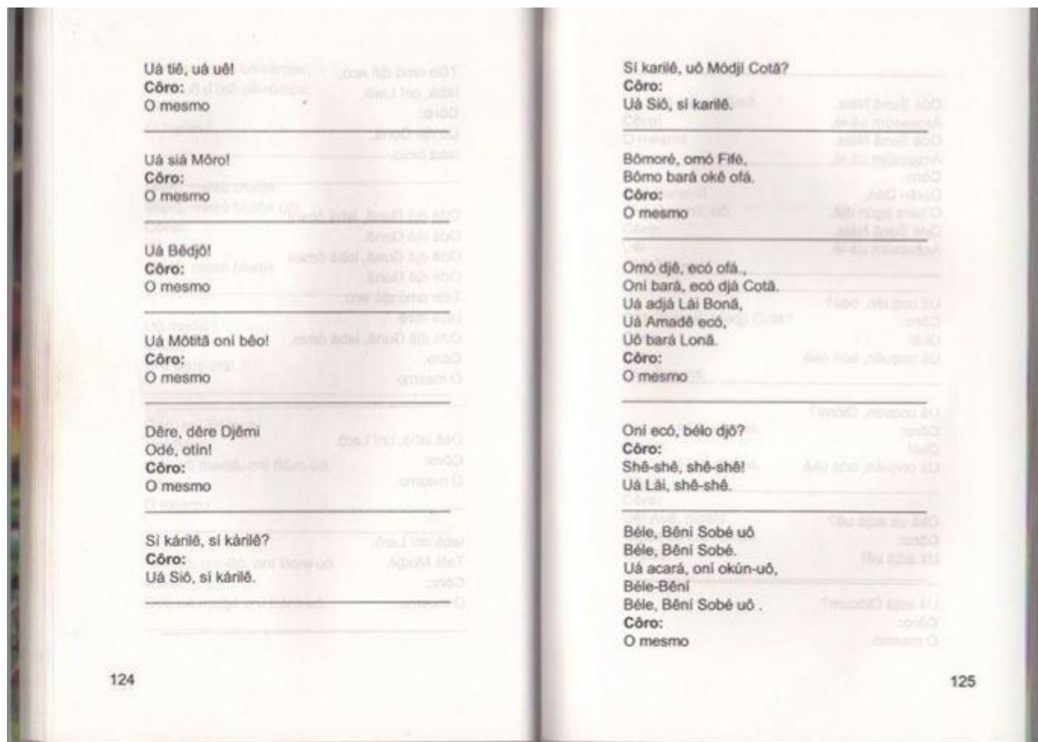
Têle omó djê ecó,
Iabá, oní Larô.
Côro:
Uá djá Gunã,
Iabá ômio.

Odé djá Gunã, iabá ômio!
Odé djá Gunã.
Odé djá Gunã, iabá ômio!
Odé djá Gunã.
Têle omó djé ecó,
Iabá mirê.
Odé djá Gunã, iabá ômio.
Côro:
O mesmo

Okê iabá, oní Larô.
Côro:
O mesmo

Iabá oní Larô,
Tafá Mudjé.
Côro:
O mesmo

123



Uá tiê, uá uê!
Côro:
O mesmo

Uá siá Môro!
Côro:
O mesmo

Uá Bêdjô!
Côro:
O mesmo

Uá Môtitã oní bêo!
Côro:
O mesmo

Dêre, dêre Djêmi
Odé, otin!
Côro:
O mesmo

Sí kárilê, sí kárilê?
Côro:
Uá Siô, sí kárilê.

124

Sí karilê, uô Módji Cotã?
Côro:
Uá Siô, sí karilê.

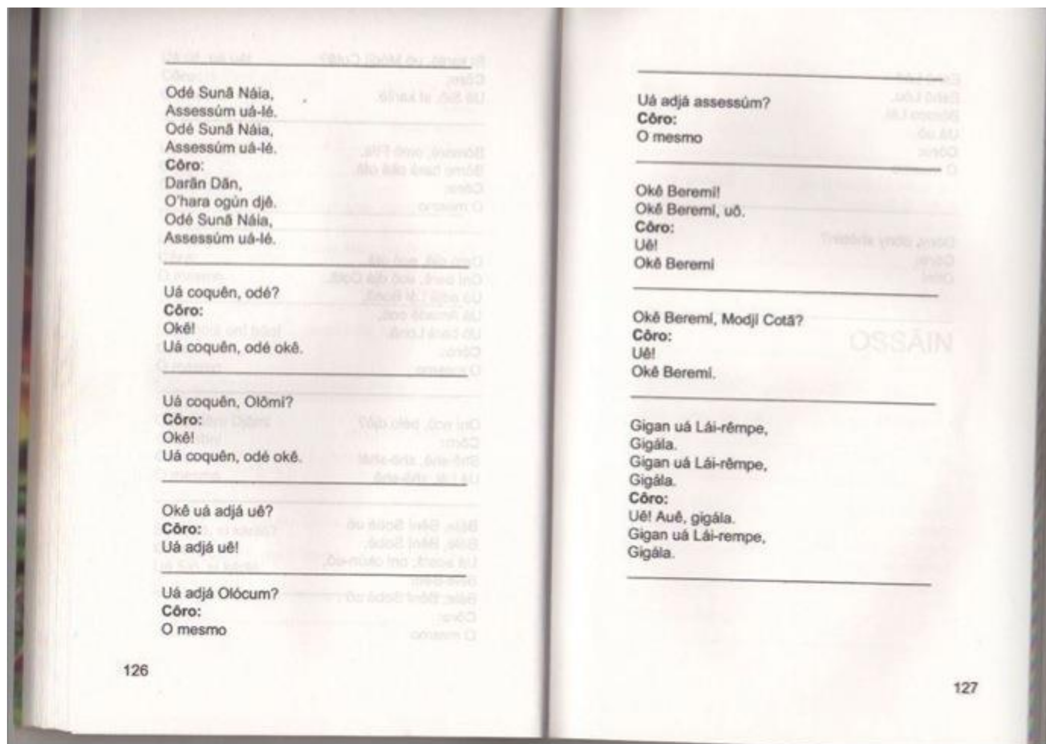
Bômoré, omó Fifé,
Bômo bará okê ofá.
Côro:
O mesmo

Omó djê, ecó ofá.,
Oní bará, ecó djá Cotã.
Uá adjá Lái Bonã,
Uá Amadê ecó,
Uô bará Lonã.
Côro:
O mesmo

Oní ecó, bélo djô?
Côro:
Shê-shê, shê-shê!
Uá Lái, shê-shê.

Béle, Bêní Sobé uô
Béle, Bêní Sobé.
Uá acará, oní okún-uô,
Béle-Bêní
Béle, Bêní Sobé uô .
Côro:
O mesmo

125



Odé Sunã Náia,
Assessúm uá-lé.
Odé Sunã Náia,
Assessúm uá-lé.
Côro:
Darãn Dãn,
O'hara ogùn djê.
Odé Sunã Náia,
Assessúm uá-lé.

Uá coquên, odé?
Côro:
Okê!
Uá coquên, odé okê.

Uá coquên, Olômi?
Côro:
Okê!
Uá coquên, odé okê.

Okê uá adjá uê?
Côro:
Uá adjá uê!

Uá adjá Olócum?
Côro:
O mesmo

126

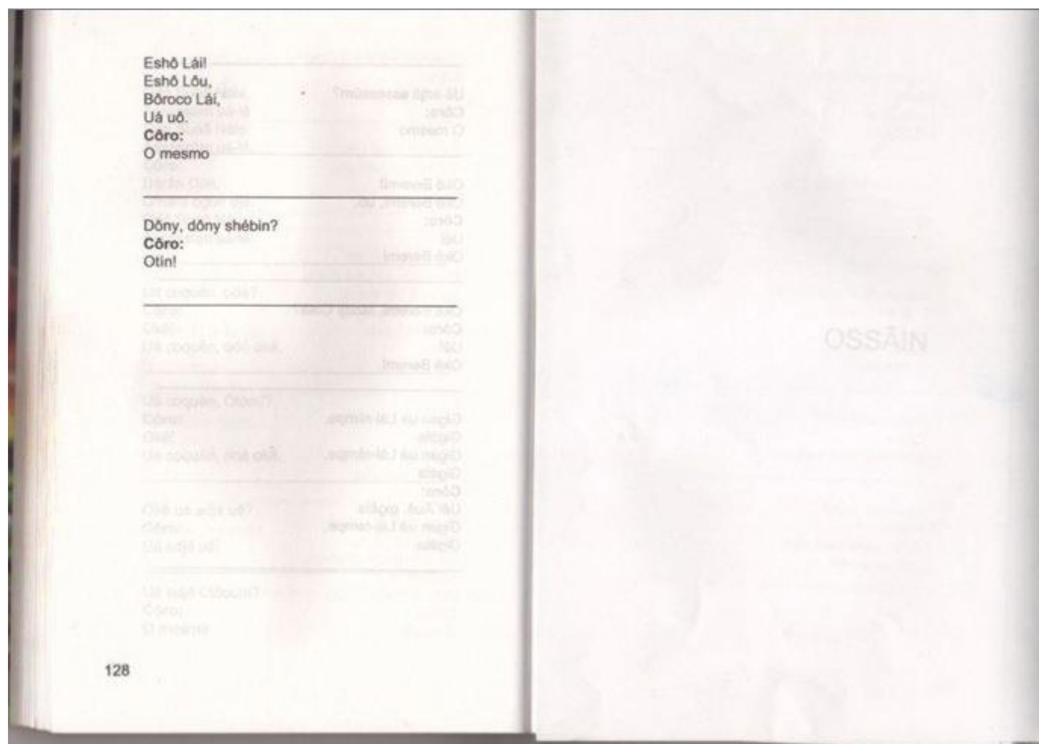
Uá adjá assessúm?
Côro:
O mesmo

Okê Beremi!
Okê Beremi, uô.
Côro:
Uê!
Okê Beremi

Okê Beremi, Modji Cotã?
Côro:
Uê!
Okê Beremi.

Gigan uá Lái-rêmpe,
Gigála.
Gigan uá Lái-rêmpe,
Gigála.
Côro:
Uê! Auê, gigála.
Gigan uá Lái-rempe,
Gigála.

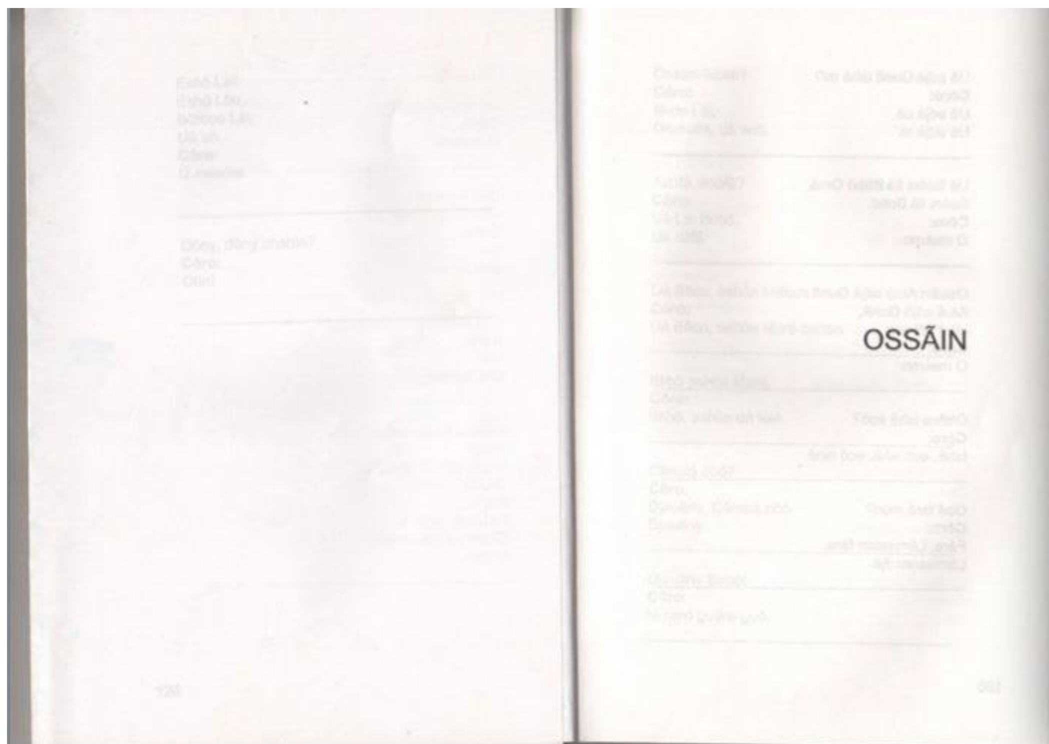
127

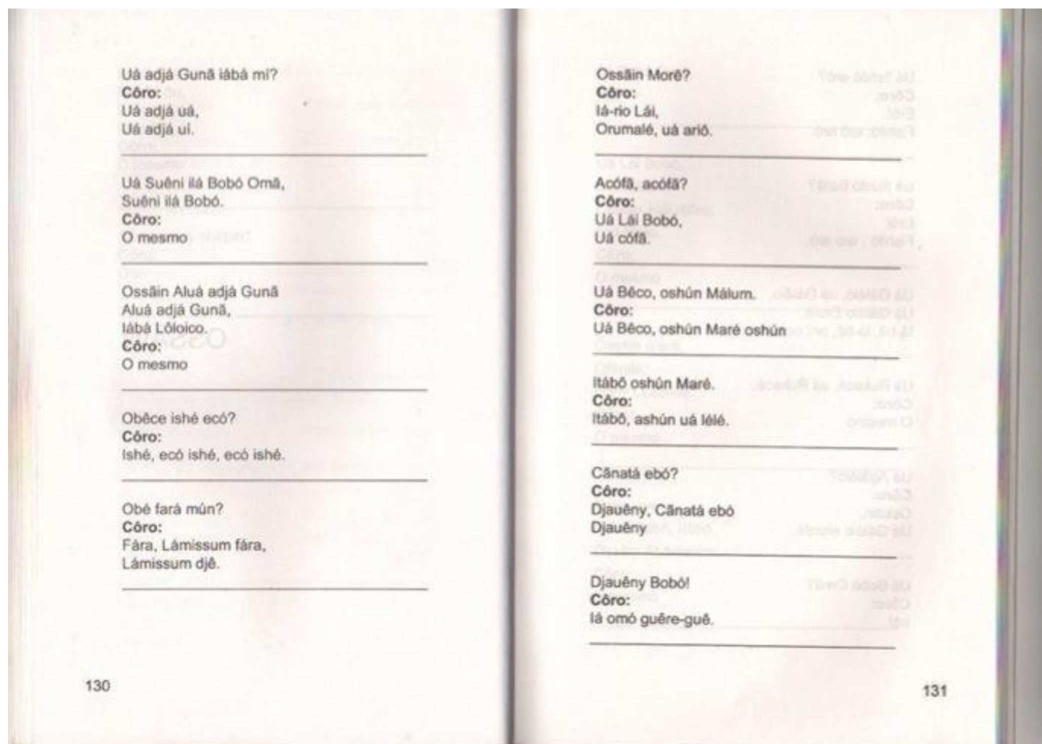


Eshô Lái!
Eshô Lôu,
Bôroco Lái,
Uá uô.
Côro:
O mesmo

Dôny, dôny shébin?
Côro:
Otin!

128


OSSÃIN


Uá adjá Gunã iábá mi?
Côro:
Uá adjá uá,
Uá adjá ui.

Uá Suêni ilá Bobó Omã,
Suêni ilá Bobó.
Côro:
O mesmo

Ossãin Aluá adjá Gunã
Aluá adjá Gunã,
Iábá Lõloico.
Côro:
O mesmo

Obêce ishé ecó?
Côro:
Ishé, ecó ishé, ecó ishé.

Obé fará mún?
Côro:
Fára, Lámissum fára,
Lámissum djê.

130

Ossãin Morê?
Côro:
Iá-rio Lái,
Orumalé, uá arió.

Acófã, acófã?
Côro:
Uá Lái Bobó,
Uá cófã.

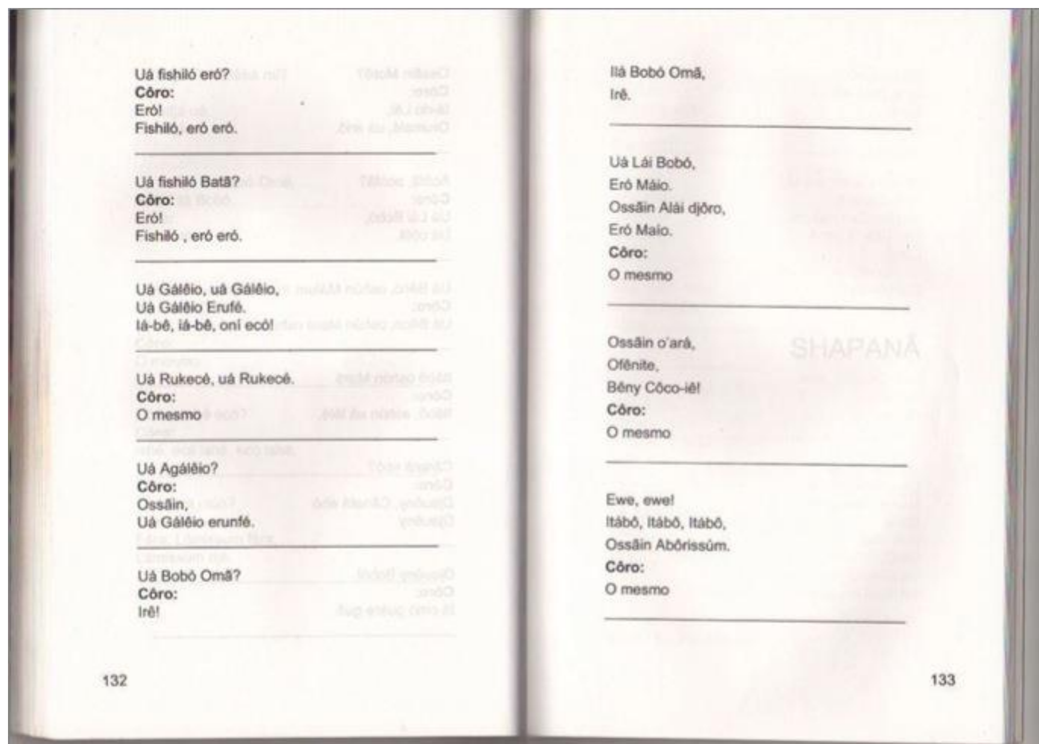
Uá Bêco, oshún Málum.
Côro:
Uá Bêco, oshún Maré oshún

Itábô oshún Maré.
Côro:
Itábô, ashún uá lélé.

Cãnatá ebó?
Côro:
Djauêny, Cãnatá ebó
Djauêny

Djauêny Bobô!
Côro:
Iá omó guêre-guê.

131



Uá fishiló eró?
Côro:
Eró!
Fishiló, eró eró.

Uá fishiló Batã?
Côro:
Eró!
Fishilô , eró eró.

Uá Gálêio, uá Gálêio,
Uá Gálêio Erufé.
Iá-bê, iá-bê, oní ecó!

Uá Rukecê, uá Rukecê.
Côro:
O mesmo

Uá Agálêio?
Côro:
Ossãin,
Uá Gálêio erunfé.

Uá Bobô Omã?
Côro:
Irê!

132

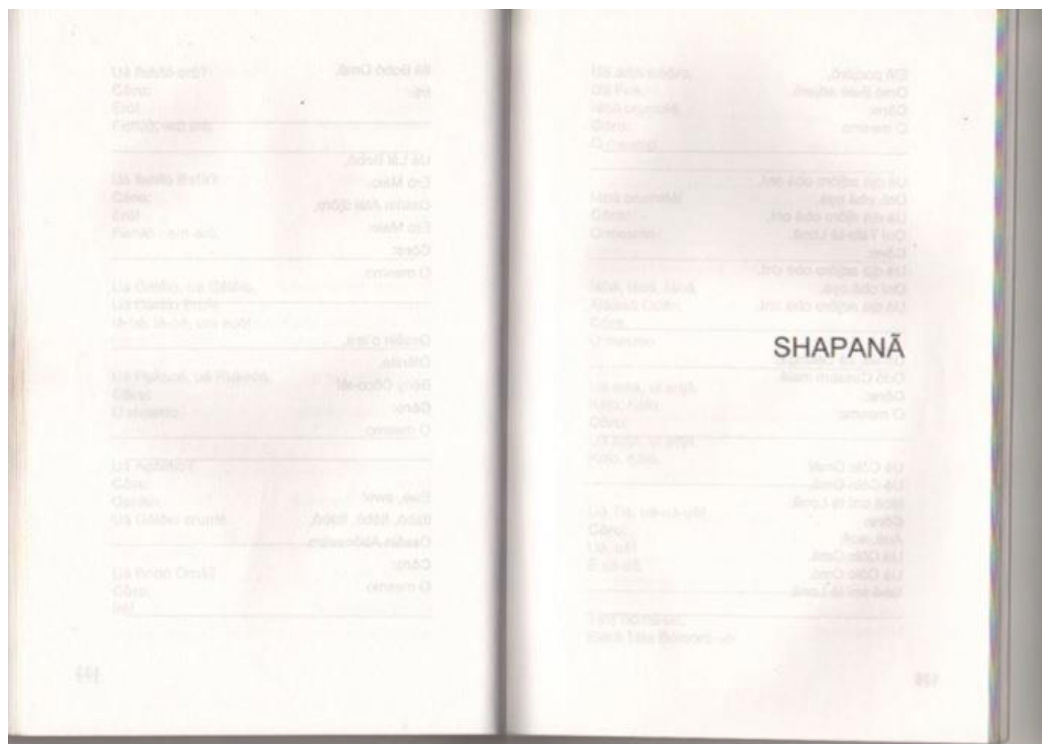
Ilá Bobó Omã,
Irê.

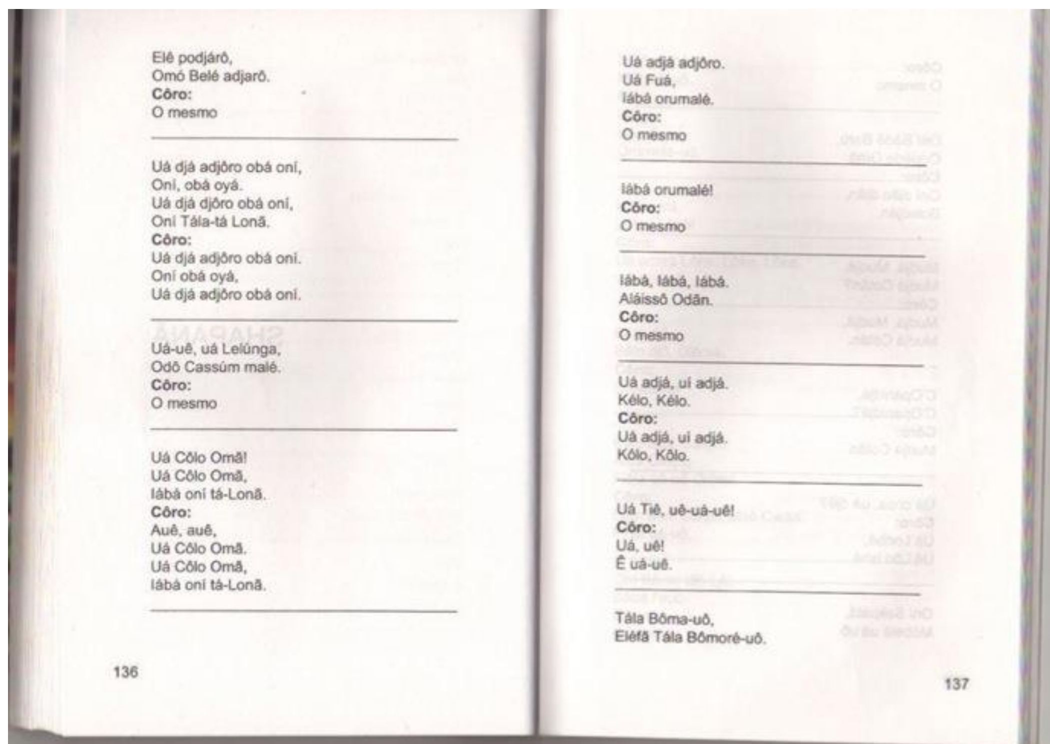
Uá Lái Bobó,
Eró Máio.
Ossãin Alái djôro,
Eró Maio.
Côro:
O mesmo

Ossãin o'ará,
Ofênite,
Bêny Côco-iê!
Côro:
O mesmo

Ewe, ewe!
Itábô, Itábô, Itábô,
Ossãin Abôrissúm.
Côro:
O mesmo

133


SHAPANÃ


Elê podjárô,
Omó Belé adjarô.
Côro:
O mesmo

Uá djá adjôro obá oní,
Oní, obá oyá.
Uá djá djôro obá oní,
Oní Tála-tá Lonã.
Côro:
Uá djá adjôro obá oní.
Oní obá oyá,
Uá djá adjôro obá oní.

Uá-uê, uá Lelúnga,
Odô Cassúm malé.
Côro:
O mesmo

Uá Côlo Omã!
Uá Côlo Omã,
Iábá oní tá-Lonã.
Côro:
Auê, auê,
Uá Côlo Omã.
Uá Côlo Omã,
Iábá oní tá-Lonã.

136

Uá adjá adjôro.
Uá Fuá,
Iábá orumalé.
Côro:
O mesmo

Iábá orumalé!
Côro:
O mesmo

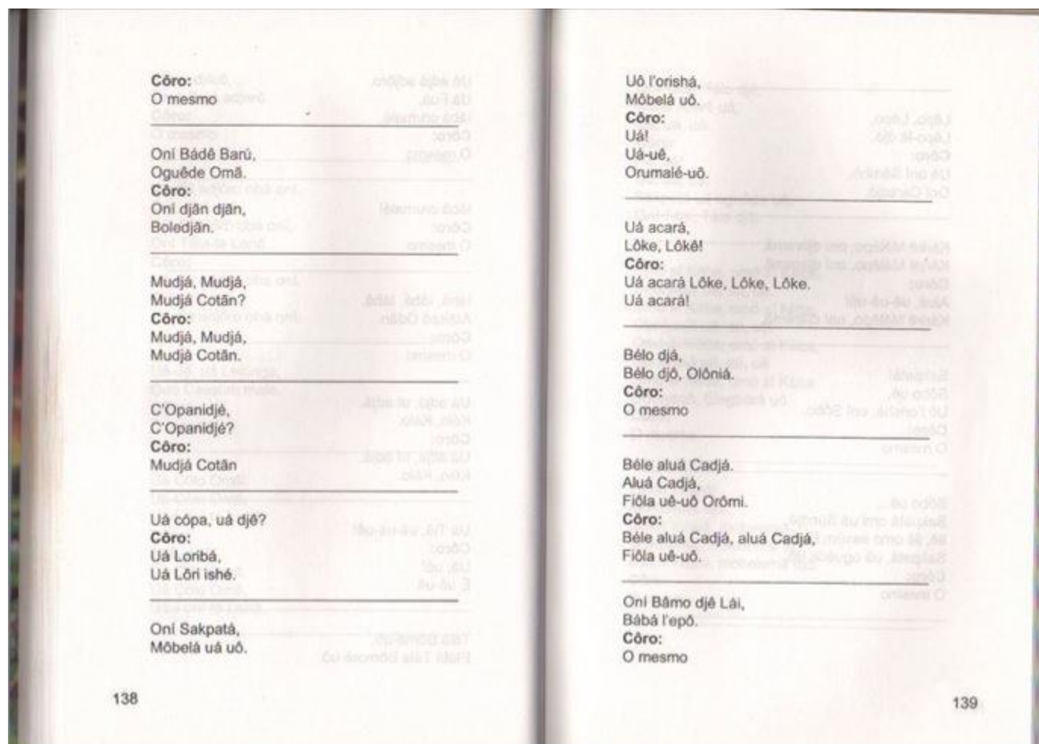
Iábá, Iábá, Iábá.
Aláissô Odãn.
Côro:
O mesmo

Uá adjá, uí adjá.
Kélo, Kélo.
Côro:
Uá adjá, uí adjá.
Kôlo, Kôlo.

Uá Tiê, uê-uá-uê!
Côro:
Uá, uê!
Ê uá-uê.

Tála Bôma-uô,
Eléfã Tála Bômoré-uô.

137



Côro:
O mesmo

Oní Bádê Barú,
Oguêde Omã.
Côro:
Oní djãn djãn,
Boledjãn.

Mudjá, Mudjá,
Mudjá Cotãn?
Côro:
Mudjá, Mudjá,
Mudjá Cotãn.

C'Opanidjè,
C'Opanidjé?
Côro:
Mudjá Cotãn

Uá cópa, uá djê?
Côro:
Uá Loribá,
Uá Lôri ishé.

Oní Sakpatá,
Môbelá uá uô.

138

Uô l'orishá,
Môbelá uô.
Côro:
Uá!
Uá-uê,
Orumalé-uô.

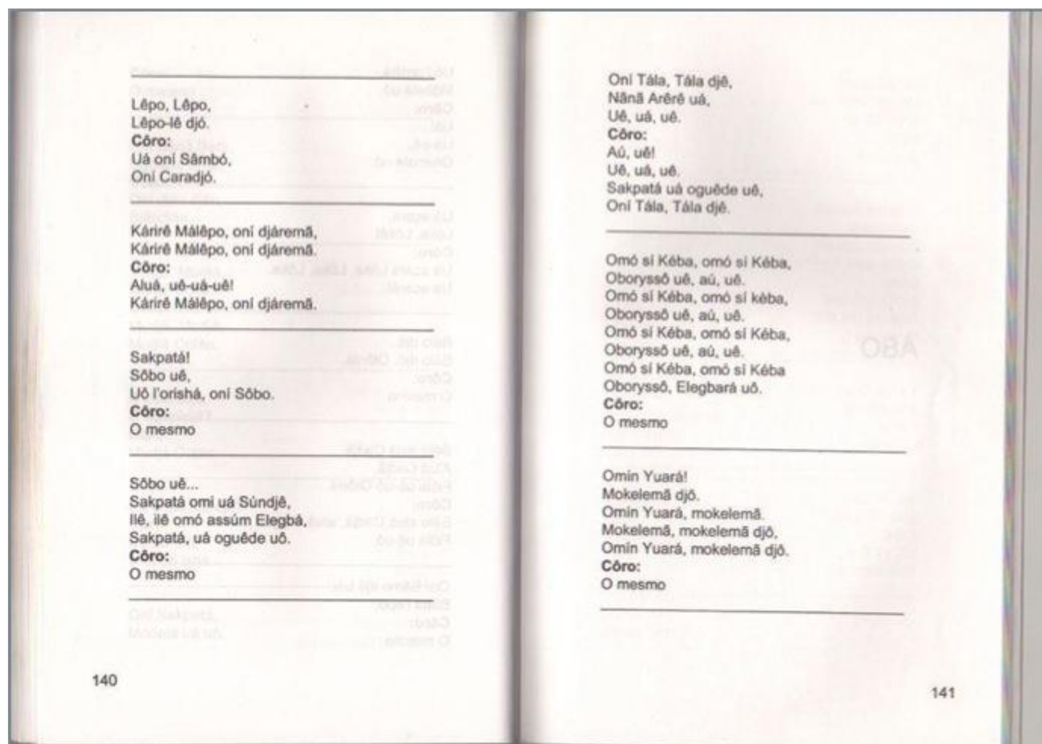
Uá acará,
Lôke, Lôkê!
Côro:
Uá acará Lôke, Lôke, Lôke.
Uá acará!

Bélo djá,
Bélo djô, Olônià.
Côro:
O mesmo

Béle aluá Cadjá.
Aluá Cadjá,
Fiôla uê-uô Orômi.
Côro:
Béle aluá Cadjá, aluá Cadjá,
Fiôla uê-uô.

Oni Bâmo djê Lái,
Bábá l'epô.
Côro:
O mesmo

139



Lêpo, Lêpo,
Lêpo-lê djó.
Côro:
Uá oní Sâmbó,
Oní Caradjó.

Kárirê Málêpo, oní djáremã,
Kárirê Málêpo, oní djáremã.
Côro:
Aluá, uê-uá-uê!
Kárirê Málêpo, oní djáremã.

Sakpatá!
Sôbo uê,
Uô l'orishá, oní Sôbo.
Côro:
O mesmo

Sôbo uê...
Sakpatá omi uá Súndjê,
Ilê, ilê omó assúm Elegbá,
Sakpatá, uá oguêde uô.
Côro:
O mesmo

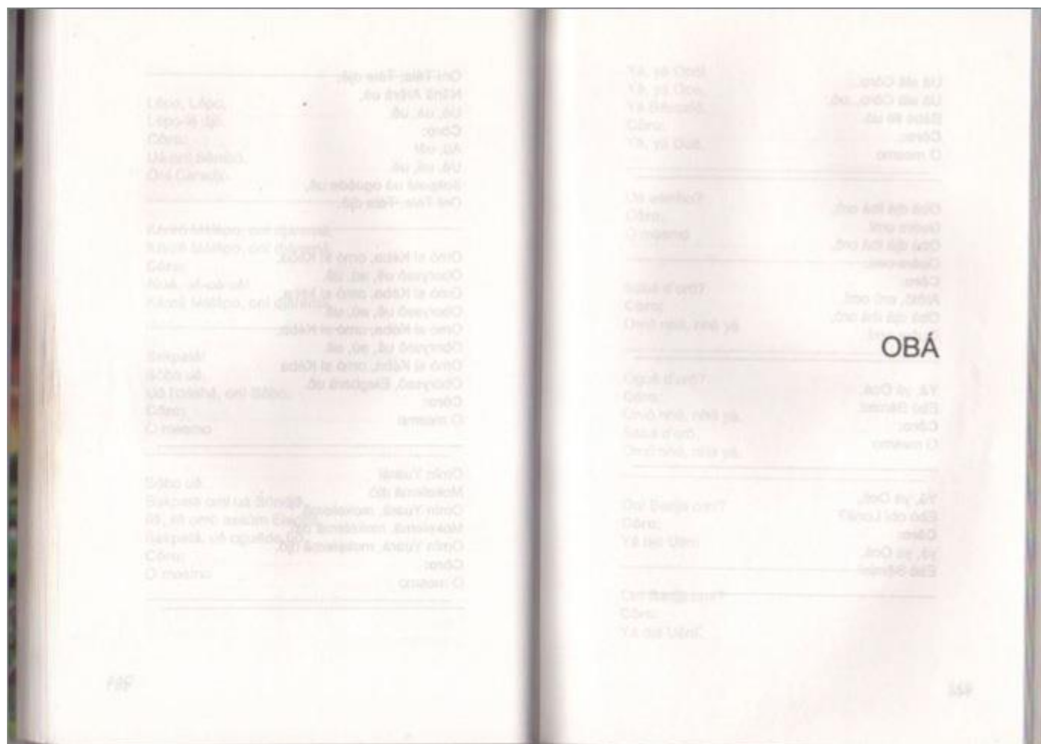
140

Oní Tála, Tála djê,
Nãnã Arêrê uá,
Uê, uá, uê.
Côro:
Aû, uê!
Uê, uá, uê.
Sakpatá uá oguêde uê,
Oní Tála, Tála djê.

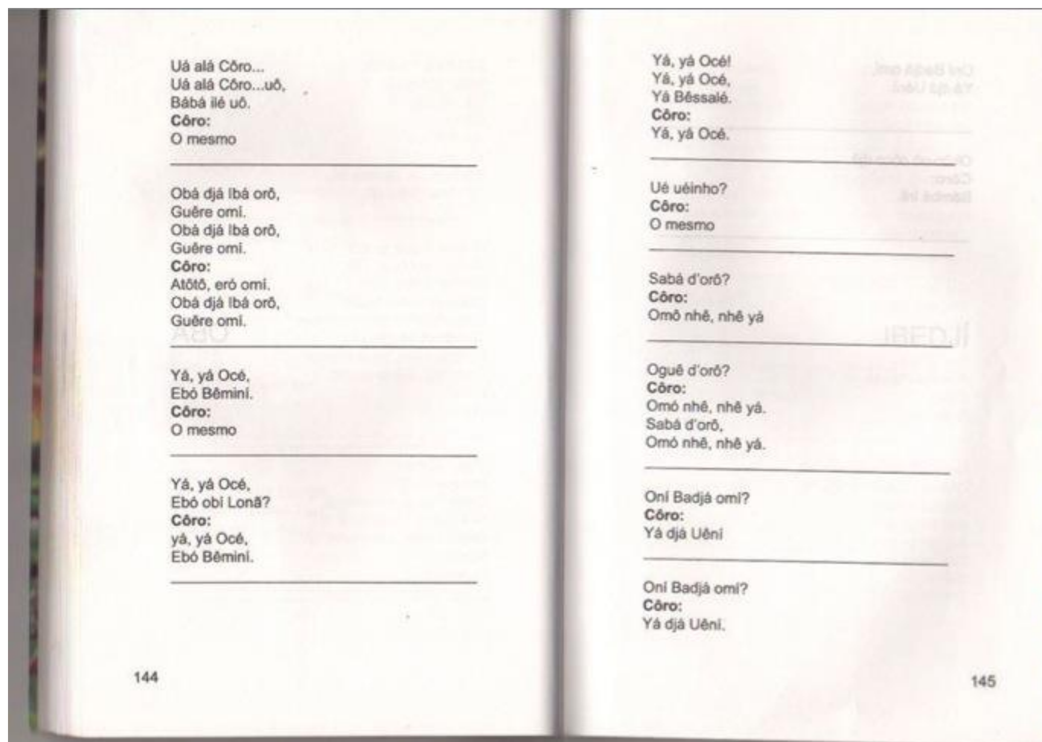
Omó sí Kéba, omó sí Kéba,
Oboryssô uê, aû, uê.
Omó sí Kéba, omó sí kéba,
Oboryssô uê, aû, uê.
Omó sí Kéba, omó sí Kéba,
Oboryssô uê, aû, uê.
Omó sí Kéba, omó sí Kéba
Oboryssô, Elegbará uô.
Côro:
O mesmo

Omin Yuará!
Mokelemã djô.
Omin Yuará, mokelemã.
Mokelemã, mokelemã djô,
Omin Yuará, mokelemã djô.
Côro:
O mesmo

141



OBÁ



Uá alá Côro...
Uá alá Côro...uô,
Bábá ilé uô.
Côro:
O mesmo

Obá djá Ibá orô,
Guêre omi.
Obá djá Ibá orô,
Guêre omi.
Côro:
Atôtô, eró omi.
Obá djá Ibá orô,
Guêre omi.

Yá, yá Océ,
Ebó Bêmini.
Côro:
O mesmo

Yá, yá Océ,
Ebó obi Lonã?
Côro:
yá, yá Océ,
Ebó Bêmini.

144

Yá, yá Océ!
Yá, yá Océ,
Yá Bêssalé.
Côro:
Yá, yá Océ.

Ué uéinho?
Côro:
O mesmo

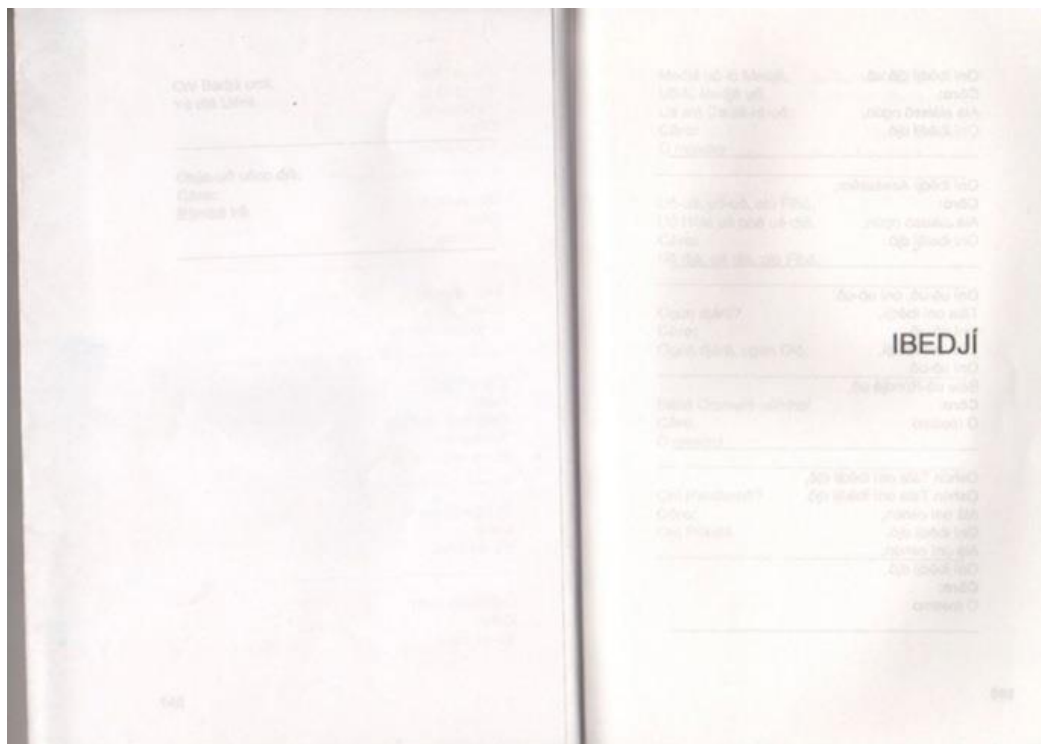
Sabá d'orô?
Côro:
Omô nhê, nhê yá

Oguê d'orô?
Côro:
Omó nhê, nhê yá.
Sabá d'orô,
Omó nhê, nhê yá.

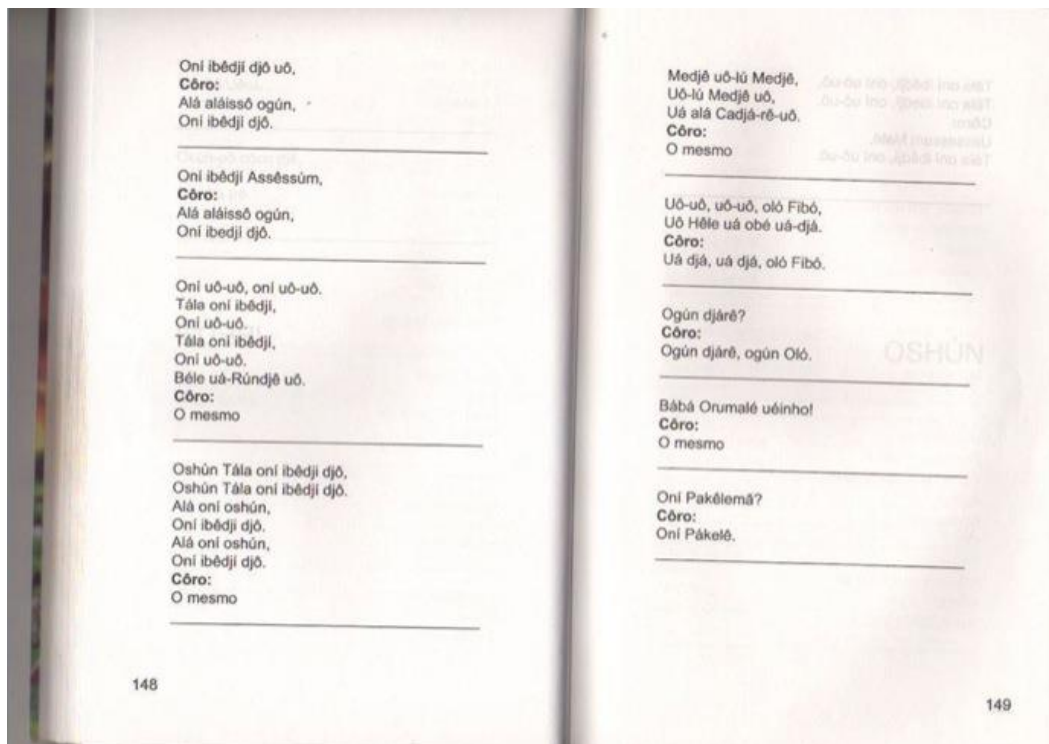
Oní Badjá omi?
Côro:
Yá djá Uêni

Oní Badjá omi?
Côro:
Yá djá Uêni.

145



IBEDJÍ



Oní ibêdji djô uô,
Côro:
Alá aláissô ogún,
Oní ibêdji djô.

Oní ibêdji Assêssúm,
Côro:
Alá aláissô ogún,
Oní ibedji djô.

Oní uô-uô, oní uô-uô.
Tála oní ibêdji,
Oní uô-uô.
Tála oní ibêdji,
Oní uô-uô.
Béle uá-Rúndjê uô.
Côro:
O mesmo

Oshún Tála oní ibêdji djô,
Oshún Tála oní ibêdji djô.
Alá oní oshún,
Oní ibêdji djô.
Alá oní oshún,
Oní ibêdji djô.
Côro:
O mesmo

148

Medjê uô-lú Medjê,
Uô-lú Medjê uô,
Uá alá Cadjá-rê-uô.
Côro:
O mesmo

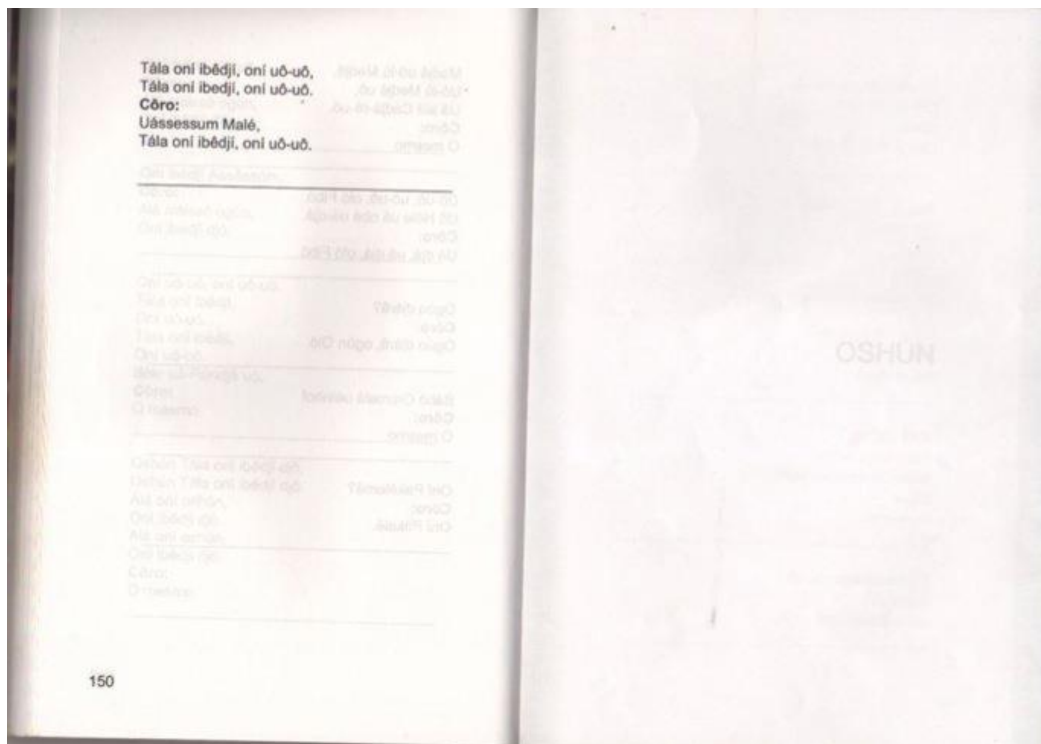
Uô-uô, uô-uô, oló Fibó,
Uô Hêle uá obé uá-djá.
Côro:
Uá djá, uá djá, oló Fibó.

Ogún djárê?
Côro:
Ogún djárê, ogún Oló.

Bábá Orumalé uéinho!
Côro:
O mesmo

Oní Pakêlemã?
Côro:
Oní Pákelê.

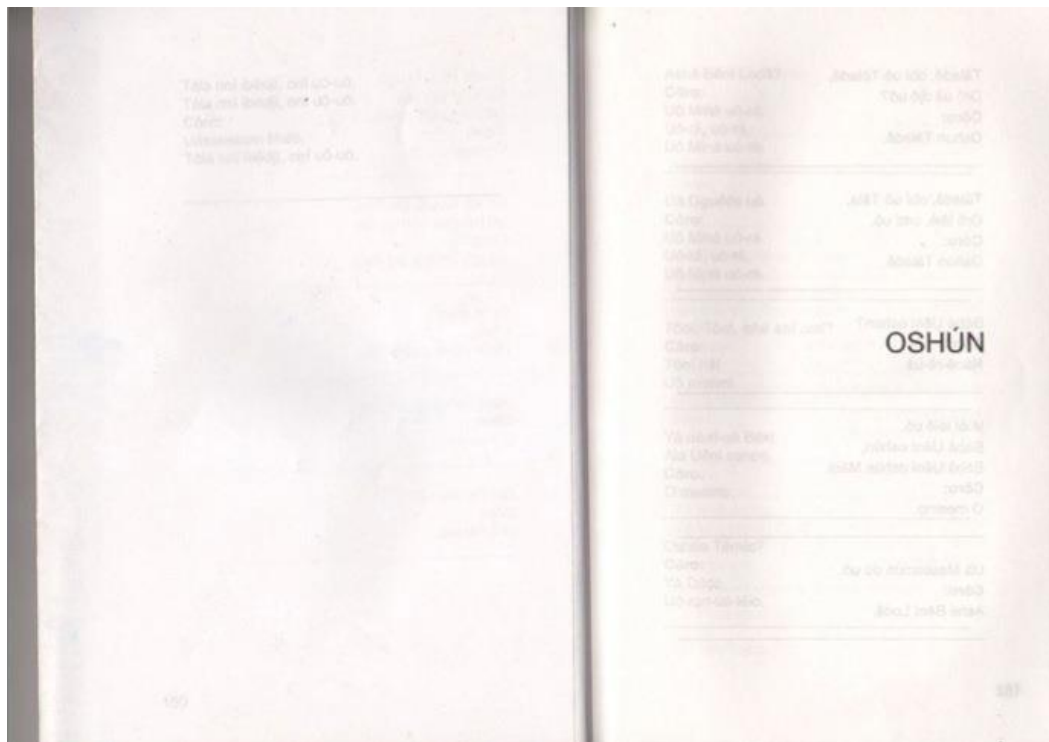
149

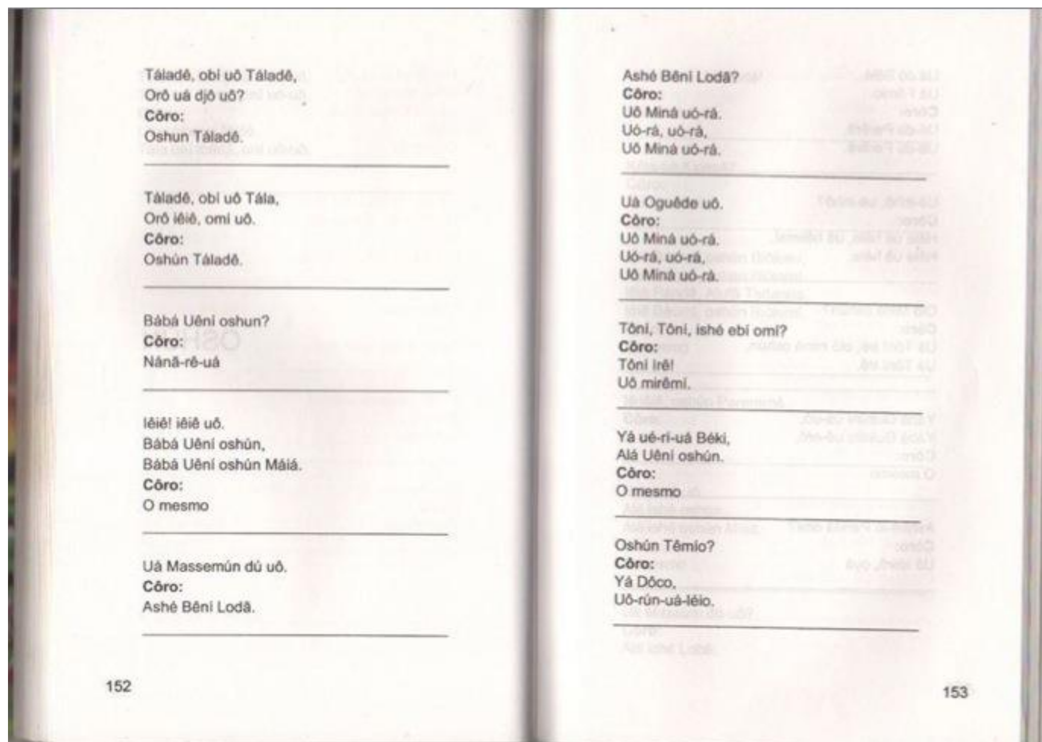


Tála oní ibêdji, oní uô-uô,
Tála oní ibedji, oní uô-uô.
Côro:
Uássessum Malé,
Tála oní ibêdji, oní uô-uô.

150

OSHÚN


OSHÚN



Táladê, obí uô Táladê,
Orô uá djô uô?
Côro:
Oshun Táladê.

Táladê, obí uô Tála,
Orô iêiê, omí uô.
Côro:
Oshún Táladê.

Bábá Uêní oshun?
Côro:
Nânã-rê-uá

Iêiê! iêiê uô.
Bábá Uêní oshún,
Bábá Uêní oshún Máiá.
Côro:
O mesmo

Uá Massemún dú uô.
Côro:
Ashé Bêní Lodã.

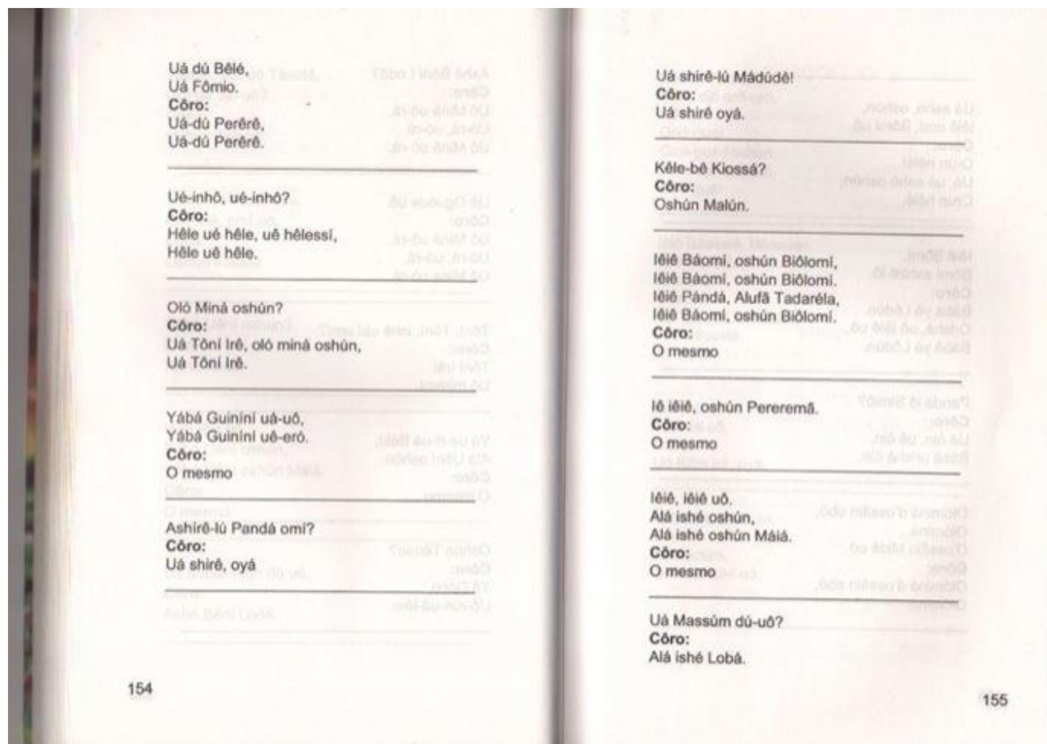
Ashé Bêní Lodã?
Côro:
Uô Miná uó-rá.
Uó-rá, uó-rá,
Uô Miná uó-rá.

Uá Oguêde uô.
Côro:
Uô Miná uó-rá.
Uó-rá, uó-rá,
Uô Miná uó-rá.

Tôní, Tôní, ishé ebí omí?
Côro:
Tôní irê!
Uô mirêmí.

Yá ué-rí-uá Béki,
Alá Uêní oshún.
Côro:
O mesmo

Oshún Têmio?
Côro:
Yá Dôco,
Uô-rún-uá-léio.



Uá dú Bêlé,
Uá Fômio.
Côro:
Uá-dú Perêrê,
Uá-dú Perêrê.

Uê-inhô, uê-inhô?
Côro:
Hêle uê hêle, uê hêlessí,
Hêle uê hêle.

Oló Minâ oshún?
Côro:
Uá Tôní Irê, oló minâ oshún,
Uá Tôní Irê.

Yábâ Guinini uâ-uô,
Yábâ Guinini uê-eró.
Côro:
O mesmo

Ashirê-lú Pandá omí?
Côro:
Uá shirê, oyá

154

Uá shirê-lú Mádúdê!
Côro:
Uá shirê oyá.

Kêle-bê Kiossá?
Côro:
Oshún Malún.

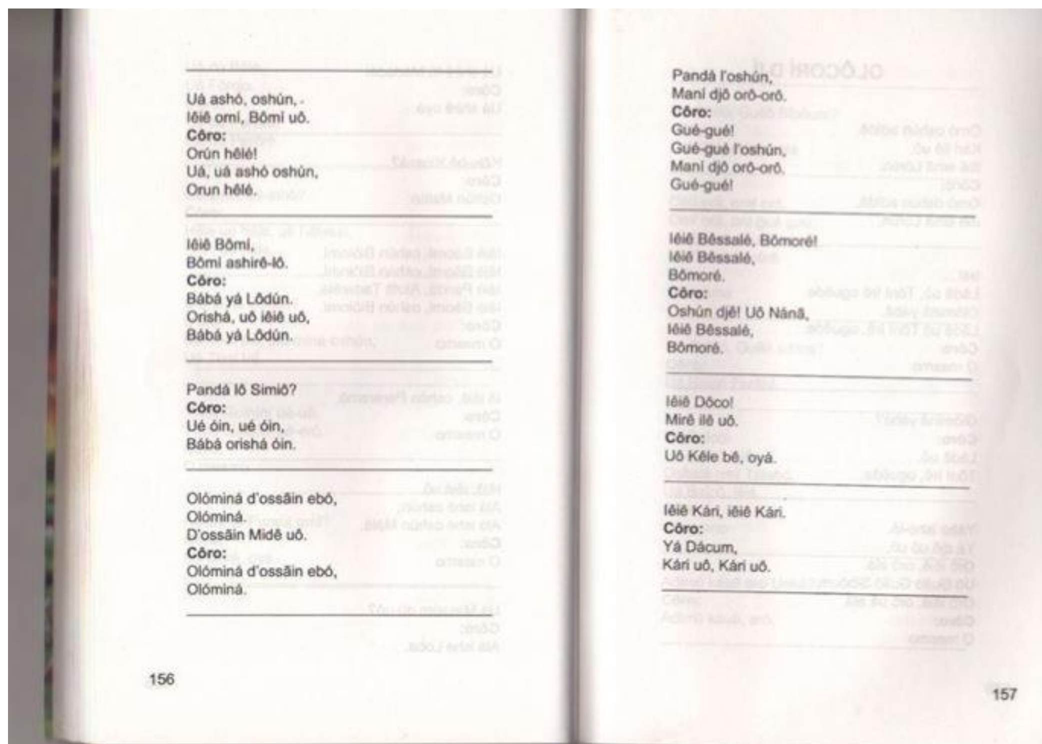
Iêiê Báomí, oshún Biôlomí,
Iêiê Báomí, oshún Biôlomí.
Iêiê Pándá, Alufã Tadaréla,
Iêiê Báomí, oshún Biôlomí.
Côro:
O mesmo

Iê iêiê, oshún Pereremã.
Côro:
O mesmo

Iêiê, iêiê uô.
Alá ishé oshún,
Alá ishé oshún Máiá.
Côro:
O mesmo

Uá Massûm dú-uô?
Côro:
Alá ishé Lobá.

155



Uá ashó, oshún, -
Iêiê omi, Bômi uô.
Côro:
Orún hêlé!
Uá, uá ashó oshún,
Orun hêlé.

Iêiê Bômi,
Bômi ashirê-lô.
Côro:
Bábá yá Lôdún.
Orishá, uô iêiê uô,
Bábá yá Lôdún.

Pandá lô Simiô?
Côro:
Ué óin, ué óin,
Bábá orishá óin.

Olóminá d'ossãin ebó,
Olóminá.
D'ossãin Midê uô.
Côro:
Olóminá d'ossãin ebó,
Olóminá.

156

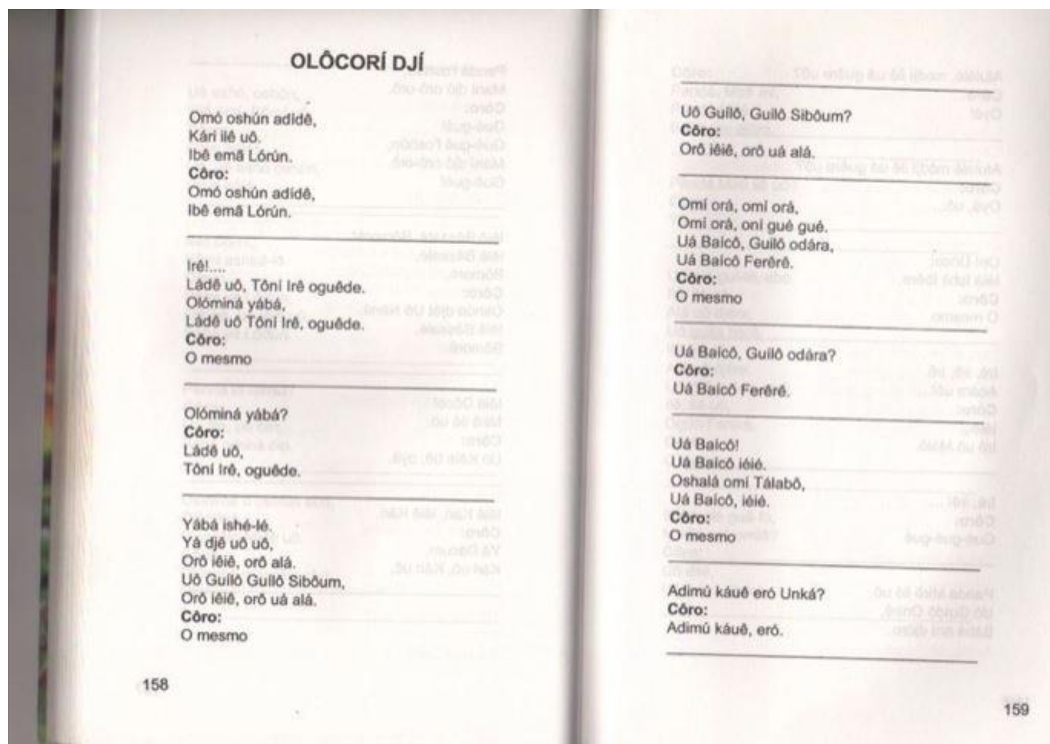
Pandá l'oshún,
Maní djô orô-orô.
Côro:
Gué-gué!
Gué-gué l'oshún,
Maní djô orô-orô.
Gué-gué!

Iêiê Bêssalé, Bômoré!
Iêiê Bêssalé,
Bômoré.
Côro:
Oshún djê! Uô Nânã,
Iêiê Bêssalé,
Bômoré.

Iêiê Dôco!
Mirê ilê uô.
Côro:
Uô Kêle bê, oyá.

Iêiê Kári, iêiê Kári.
Côro:
Yá Dácum,
Kári uô, Kári uô.

157



OLÔCORÍ DJÍ

Omó oshún adidê,
Kári ilê uô.
Ibê emã Lórùn.
Côro:
Omó oshún adidê,
Ibê emã Lórùn.

Irê!....
Ládê uô, Tôni Irê oguêde.
Olómina yábá,
Ládê uô Tôni Irê, oguêde.
Côro:
O mesmo

Olómina yábá?
Côro:
Ládê uô,
Tôni Irê, oguêde.

Yábá ishé-lé.
Yá djê uô uô,
Orô iêiê, orô alá.
Uô Guilô Guilô Sibôum,
Orô iêiê, orô uá alá.
Côro:
O mesmo

158

Uô Guilô, Guilô Sibôum?
Côro:
Orô iêiê, orô uá alá.

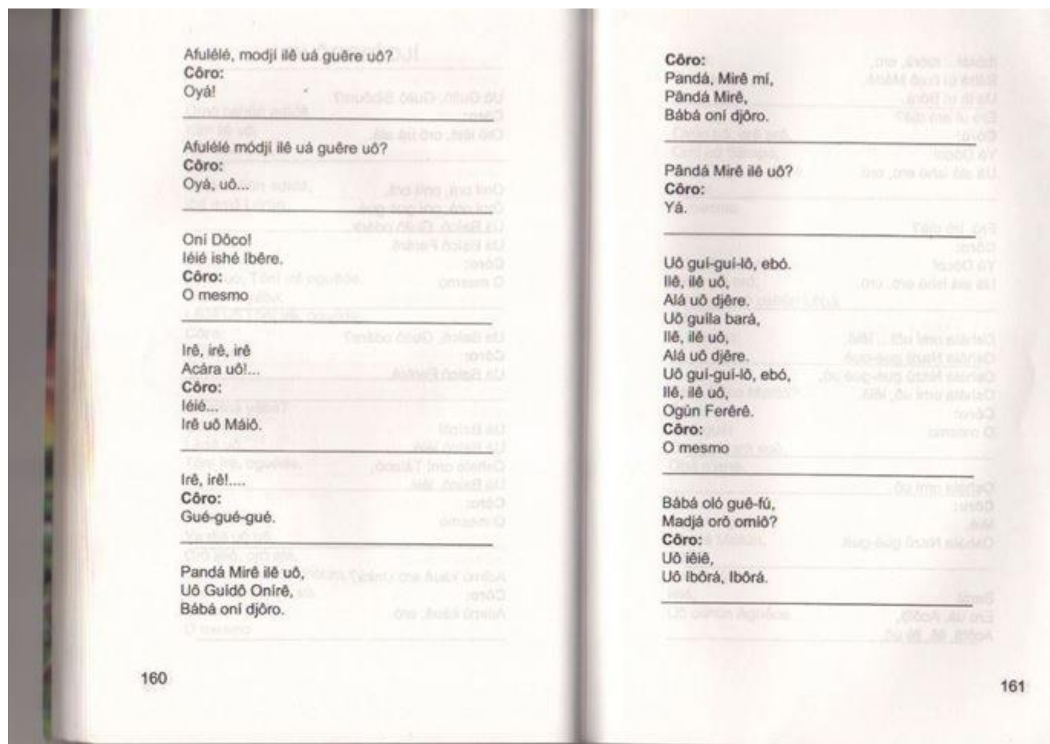
Omí orá, omi orá,
Omí orá, oni guê guê.
Uá Baicô, Guilô odára,
Uá Baicô Ferêrê.
Côro:
O mesmo

Uá Baicô, Guilô odára?
Côro:
Uá Baicô Ferêrê.

Uá Baicô!
Uá Baicô iêiê.
Oshalá omí Tálabô,
Uá Baicô, iêiê.
Côro:
O mesmo

Adimú káuê eró Unká?
Côro:
Adimú káuê, eró.

159



Afulêlé, modjí ilê uá guêre uô?
Côro:
Oyá!

Afulêlé módjí ilê uá guêre uô?
Côro:
Oyá, uô...

Oní Dôco!
Iéié ishé Ibêre.
Côro:
O mesmo

Irê, irê, irê
Acára uô!...
Côro:
Iéié...
Irê uô Máiô.

Irê, irê!....
Côro:
Gué-gué-gué.

Pandá Mirê ilê uô,
Uô Guidô Onírê,
Bábá oní djôro.

160

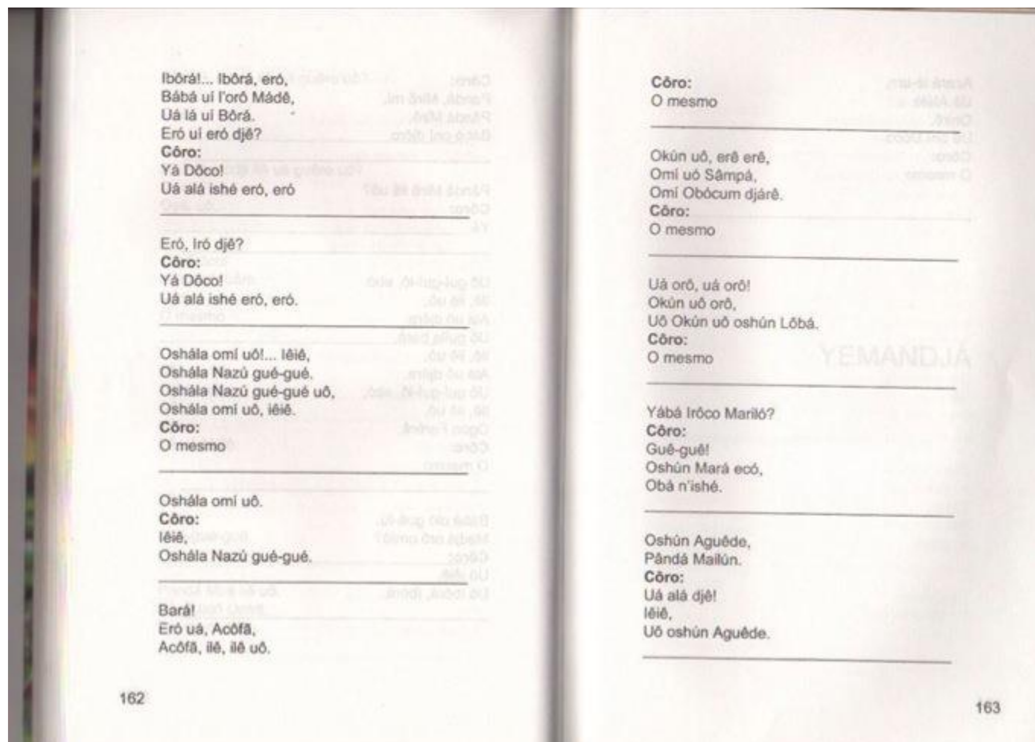
Côro:
Pandá, Mirê mí,
Pândá Mirê,
Bábá oní djôro.

Pândá Mirê ilê uô?
Côro:
Yá.

Uô guí-guí-lô, ebó.
Ilê, ilê uô,
Alá uô djêre.
Uô guila bará,
Ilê, ilê uô,
Alá uô djêre.
Uô guí-guí-lô, ebó,
Ilê, ilê uô,
Ogûn Ferêrê.
Côro:
O mesmo

Bábá oló guê-fú,
Madjá orô omiô?
Côro:
Uô iêiê,
Uô Ibôrá, Ibôrá.

161



Ibôrá!... Ibôrá, eró,
Bábá uí l'orô Mádê,
Uá lá uí Bôrá.
Eró uí eró djê?
Côro:
Yá Dôco!
Uá alá ishé eró, eró

Eró, Iró djê?
Côro:
Yá Dôco!
Uá alá ishé eró, eró.

Oshála omí uô!... Iêiê,
Oshála Nazú gué-gué.
Oshála Nazú gué-gué uô,
Oshála omí uô, iêiê.
Côro:
O mesmo

Oshála omí uô.
Côro:
Iêiê,
Oshála Nazú gué-gué.

Bará!
Eró uá, Acôfã,
Acôfã, ilê, ilê uô.

162

Côro:
O mesmo

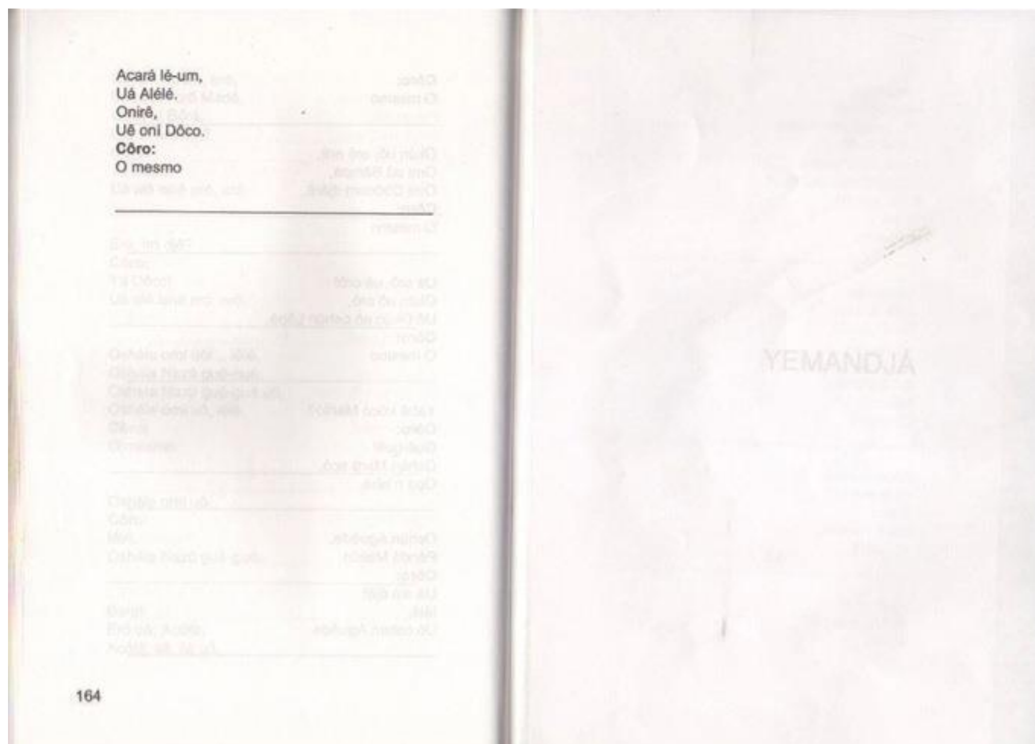
Okún uô, erê erê,
Omí uó Sâmpá,
Omí Obócum djárê.
Côro:
O mesmo

Uá orô, uá orô!
Okún uô orô,
Uô Okún uô oshún Lôbá.
Côro:
O mesmo

Yábá Irôco Mariló?
Côro:
Guê-guê!
Oshún Mará ecó,
Obá n'ishé.

Oshún Aguêde,
Pândá Mailún.
Côro:
Uá alá djê!
Iêiê,
Uô oshún Aguêde.

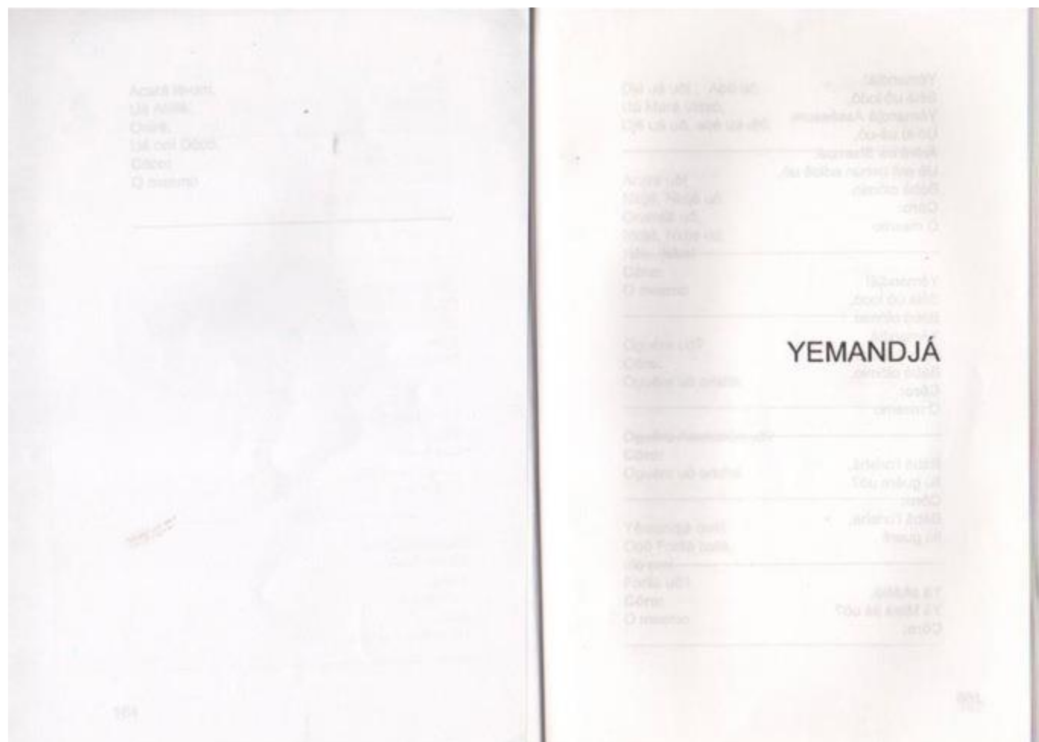
163



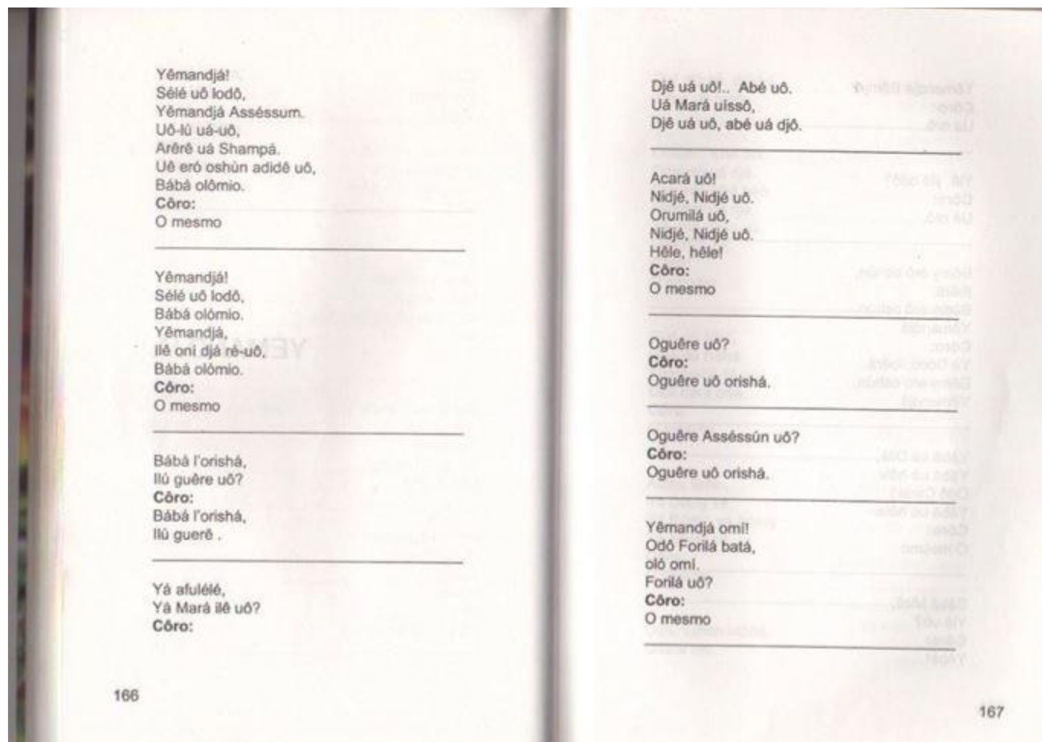
Acará lé-um,
Uá Alélé.
Onirê,
Uê oni Dôco.
Côro:
O mesmo

164

YEMANDJÁ



YEMANDJÁ



Yêmandjá!
Sélé uô lodô,
Yêmandjá Asséssum.
Uô-lù uá-uô,
Arêrê uá Shampá.
Uê eró oshùn adidê uô,
Bábá olômio.
Côro:
O mesmo

Yêmandjá!
Sélé uô lodô,
Bábá olômio.
Yêmandjá,
Ilê oni djá rê-uô,
Bábá olômio.
Côro:
O mesmo

Bábá l'orishá,
Ilú guêre uô?
Côro:
Bábá l'orishá,
Ilú guerê .

Yá afuléIé,
Yá Mará ilê uô?
Côro:

166

Djê uá uô!.. Abé uô.
Uá Mará uissô,
Djê uá uô, abé uá djô.

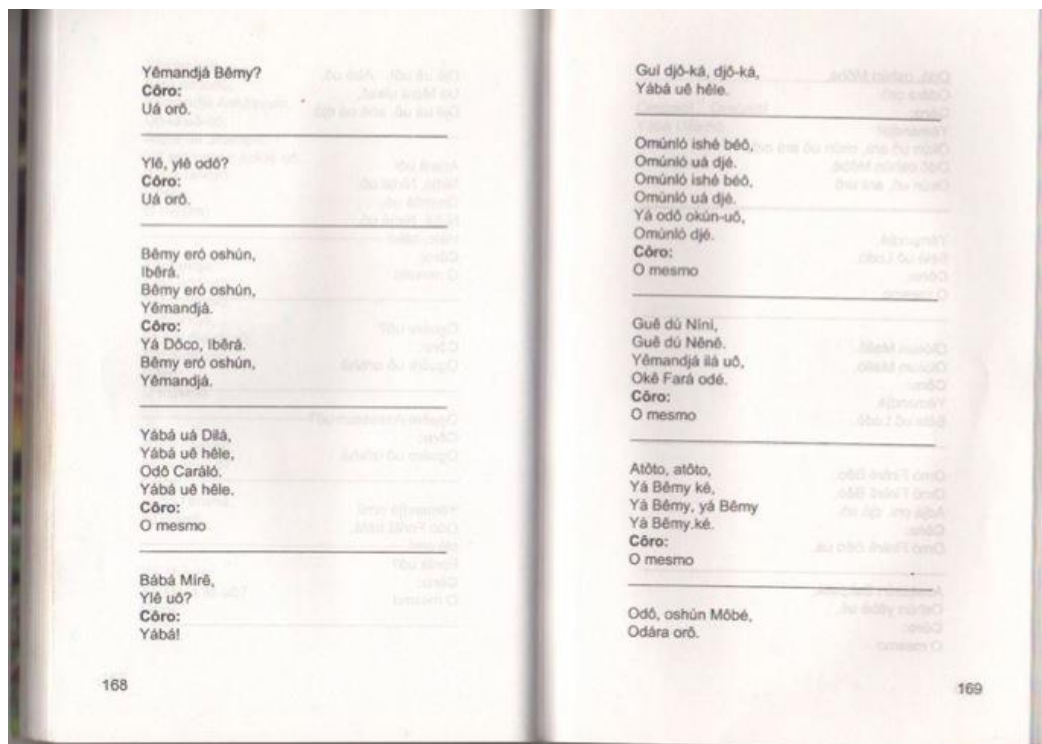
Acará uô!
Nidjé, Nidjé uô.
Orumilá uô,
Nidjé, Nidjé uô.
Hêle, hêle!
Côro:
O mesmo

Oguêre uô?
Côro:
Oguêre uô orishá.

Oguêre Asséssún uô?
Côro:
Oguêre uô orishá.

Yêmandjá omí!
Odô Forilá batá,
oló omí.
Forilá uô?
Côro:
O mesmo

167



Yêmandjá Bêmy?
Côro:
Uá orô.

Ylô, ylê odô?
Côro:
Uá orô.

Bêmy eró oshún,
Ibêrá.
Bêmy eró oshún,
Yêmandjá.
Côro:
Yá Dôco, Ibêrá.
Bêmy eró oshún,
Yêmandjá.

Yábá uá Dilâ,
Yábá uê hêle,
Odô Caráló.
Yábá uê hêle.
Côro:
O mesmo

Bábá Mirê,
Ylê uô?
Côro:
Yábá!

168

Gui djô-ká, djô-ká,
Yábá uê hêle.

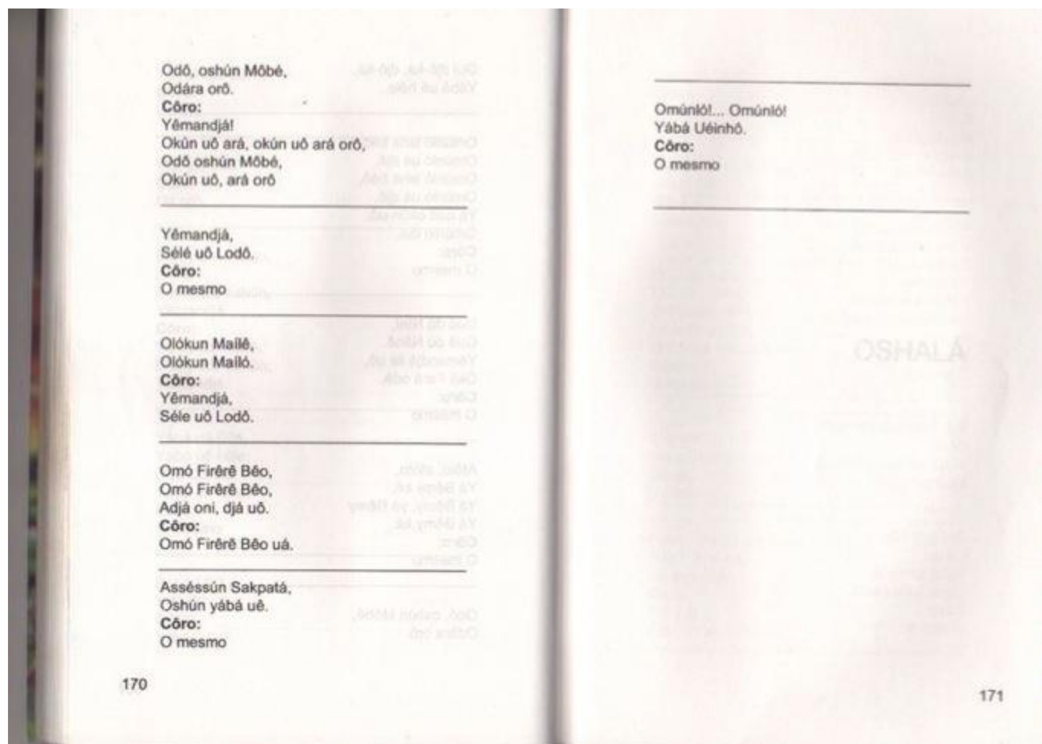
Omúnló ishé béô,
Omúnló uá djé.
Omúnló ishé béô,
Omúnló uá djé.
Yá odô okún-uô,
Omúnló djé.
Côro:
O mesmo

Guê dú Níni,
Guê dú Nênê.
Yêmandjá ilá uô,
Okê Fará odé.
Côro:
O mesmo

Atôto, atôto,
Yá Bêmy ké,
Yá Bêmy, yá Bêmy
Yá Bêmy.ké.
Côro:
O mesmo

Odô, oshún Môbé,
Odára orô.

169


Odô, oshún Môbé,
Odára orô.
Côro:
Yêmandjá!
Okûn uô ará, okún uô ará orô,
Odô oshún Môbé,
Okún uô, ará orô

Yêmandjá,
Sélé uô Lodô.
Côro:
O mesmo

Olókun Mailê,
Olókun Mailó.
Côro:
Yêmandjá,
Séle uô Lodô.

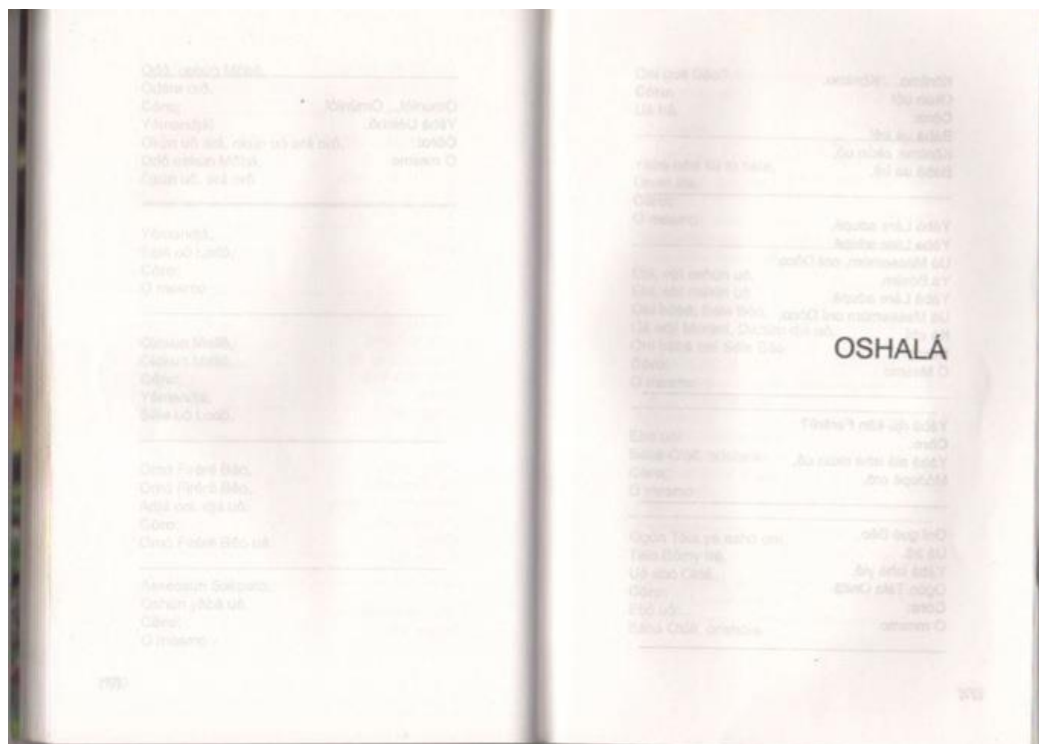
Omó Firêrê Bêo,
Omó Firêrê Bêo,
Adjá oni, djá uô.
Côro:
Omó Firêrê Bêo uá.

Asséssún Sakpatá,
Oshún yábá uê.
Côro:
O mesmo

170

Omúnló!... Omúnló!
Yábá Uéinhô.
Côro:
O mesmo

171


OSHALÁ

Kônimo.... Kônimo.
Okún uô!
Côro:
Bábá uá Irê!
Kônimo, okún uô,
Bábá uá Irê.

Yábá Láre adupé,
Yába Láre adupé.
Uá Massemúm, oni Dôco.
Yá Bórúm,
Yábá Láre adupé.
Uá Massemúm oni Dôco,
Kó ebí.
Côro:
O Mesmo

Yábá djú-kãn Ferêrê?
Côro:
Yábá alá ishé okún uô,
Módupé orô.

Oni guê Bêo,
Uá Irê.
Yábá ishé yiê,
Ogún Tála Onifã.
Côro:
O mesmo

174

Oni guê Bêo?
Côro:
Uá Irê.

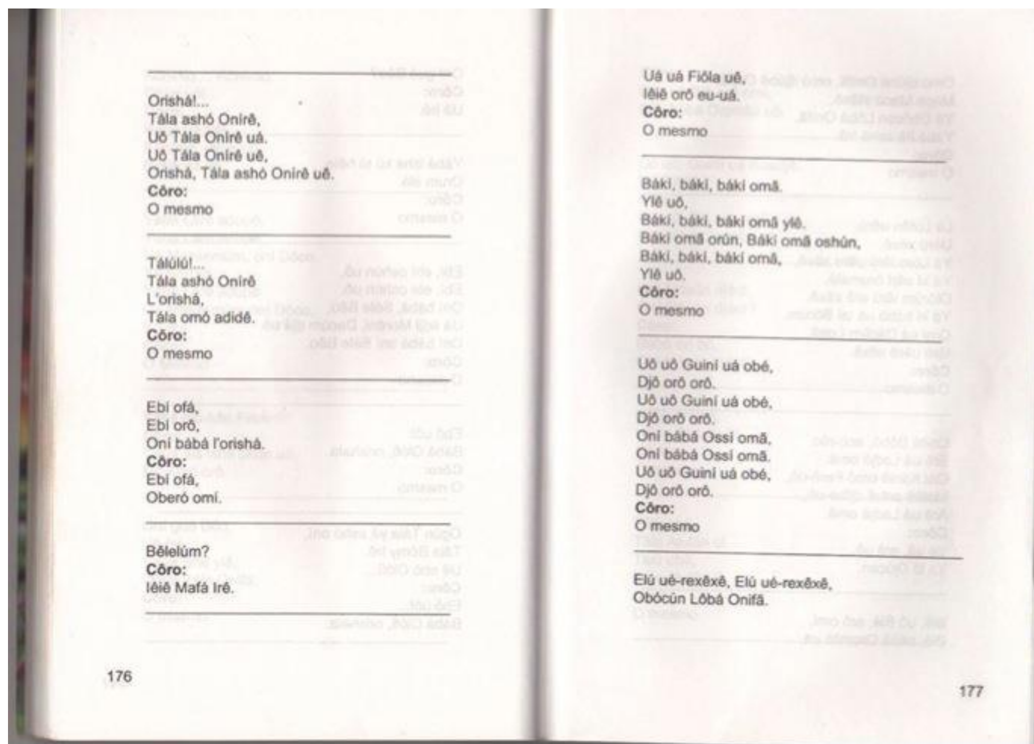
Yábá ishé kú tú hêle,
Orum alá.
Côro:
O mesmo

Ebí, ebí oshún uô,
Ebí, ebí oshún uô.
Oní bábá, Séle Bêo,
Uá adji Morêni, Dacûm djá uô.
Oni bábá oní Séle Bêo.
Côro:
O mesmo

Ebó uô!
Bábá Olófi, orishalá.
Côro:
O mesmo

Ogún Tála yá ashó oni,
Tála Bômy Irê.
Uê ebó Olófi...
Côro:
Ebó uô!...
Bábá Olófi, orishála.

175



Orishá!...
Tála ashó Onirê,
Uô Tála Onirê uá.
Uô Tála Onirê uê,
Orishá, Tála ashó Onirê uê.
Côro:
O mesmo

Tálúlú!...
Tála ashó Onirô
L'orishá,
Tála omó adidê.
Côro:
O mesmo

Ebí ofá,
Ebí orô,
Oní bábá l'orishá.
Côro:
Ebí ofá,
Oberó omí.

Bêlelúm?
Côro:
Iêiê Mafá Irê.

176

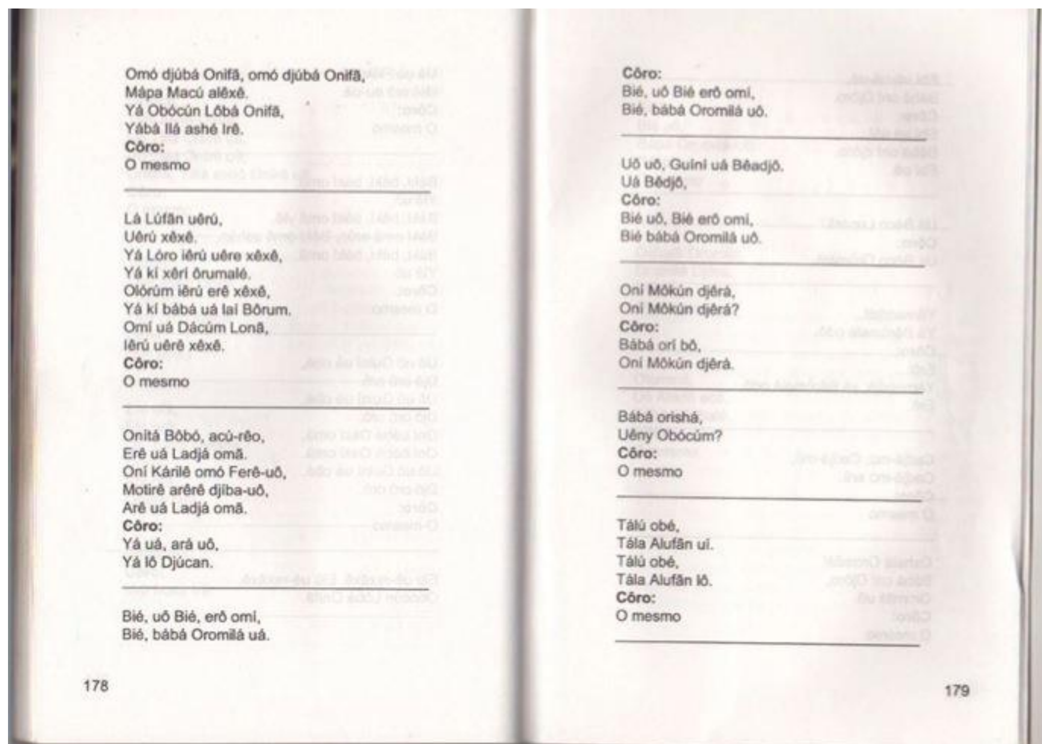
Uá uá Fióla uê,
Iêiê orô eu-uá.
Côro:
O mesmo

Báki, báki, báki omã.
Ylê uô,
Báki, báki, báki omã ylê.
Báki omã orûn, Báki omã oshûn,
Báki, báki, báki omã,
Ylê uô.
Côro:
O mesmo

Uô uô Guiní uá obé,
Djô orô orô.
Uô uô Guiní uá obé,
Djô orô orô.
Oní bábá Ossí omã,
Oní bábá Ossí omã.
Uô uô Guiní uá obé,
Djô orô orô.
Côro:
O mesmo

Elú uê-rexêxê, Elú uê-rexêxê,
Obócún Lôbá Onifã.

177



Omó djúbá Onifã, omó djúbá Onifã,
Mápa Macú alêxê.
Yá Obócún Lôbá Onifã,
Yábá Ilá ashé Irê.
Côro:
O mesmo

Lá Lúfãn uêrú,
Uêrú xêxê.
Yá Lóro iêrú uêre xêxê,
Yá kí xêri ôrumalé.
Olórúm iêrú erê xêxê,
Yá kí bábá uá laí Bôrum.
Omí uá Dácúm Lonã,
Iêrú uêrê xêxê.
Côro:
O mesmo

Onitá Bôbó, acú-rêo,
Erê uá Ladjá omã.
Oní Kárilê omó Ferê-uô,
Motirê arêrê djíba-uô,
Arê uá Ladjá omã.
Côro:
Yá uá, ará uô,
Yá lô Djúcan.

Bié, uô Bié, erô omí,
Bié, bábá Oromilá uá.

178

Côro:
Bié, uô Bié erô omí,
Bié, bábá Oromilá uô.

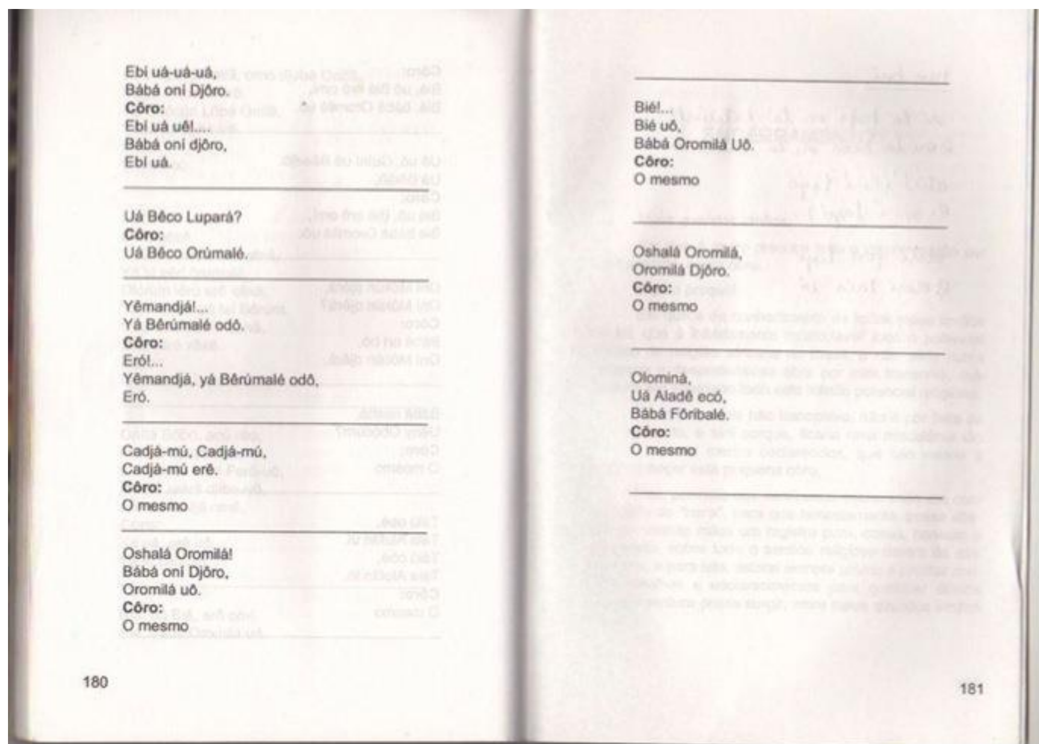
Uô uô, Guiní uá Bêadjô.
Uá Bêdjô,
Côro:
Bié uô, Bié erô omí,
Bié bábá Oromilá uô.

Oní Môkún djêrá,
Oní Môkún djêrá?
Côro:
Bábá orí bô,
Oní Môkún djêrá.

Bábá orishá,
Uêny Obócúm?
Côro:
O mesmo

Tálú obé,
Tála Alufãn uí.
Tálú obé,
Tála Alufãn lô.
Côro:
O mesmo

179



Ebí uá-uá-uá,
Bábá oní Djôro.
Côro:
Ebí uá uê!....
Bábá oní djôro,
Ebí uá.

Uá Bêco Lupará?
Côro:
Uá Bêco Orúmalé.

Yêmandjá!...
Yá Bêrúmalé odô.
Côro:
Eró!...
Yêmandjá, yá Bêrúmalé odô,
Eró.

Cadjá-mú, Cadjá-mú,
Cadjá-mú erê.
Côro:
O mesmo

Oshalá Oromilá!
Bábá oní Djôro,
Oromilá uô.
Côro:
O mesmo

180

Bié!...
Bié uô,
Bábá Oromilá Uô.
Côro:
O mesmo

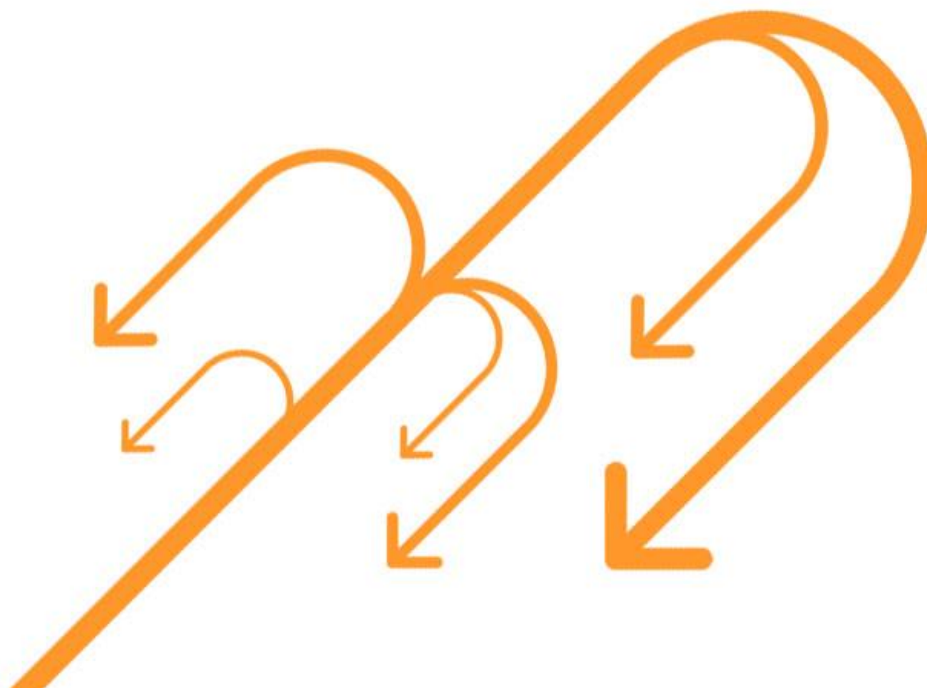
Oshalá Oromilá,
Oromilá Djôro.
Côro:
O mesmo

Olominá,
Uá Aladê ecó,
Bábá Fôribalé.
Côro:
O mesmo

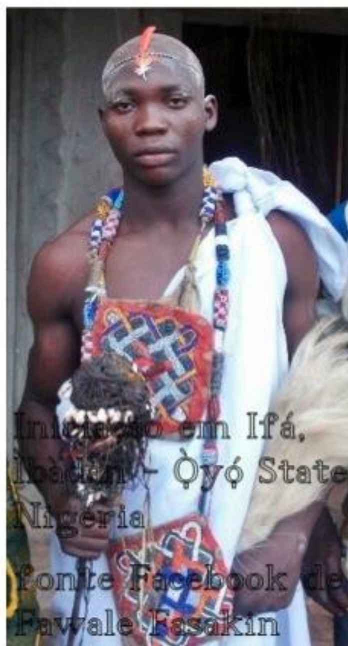
181

Àse !

Material colhido através do endereço online; CULTURA YORUBA - http://culturayoruba.wordpress.com



RITUAIS DE *IFÁ* E SEUS SIGNIFICADOS



Zarcel Carnielli(*Olóbàtálá Òsàlásínà*)

Março de 2013

INTRODUÇÃO

Já é do conhecimento de todos, que *Ifá* é um culto direcionado ao deus do destino, conhecido principalmente como *Ọ̀rúnmìlà*. Sabemos que, este culto faz parte da Religião Indígena Iorubá – *Ẹ̀sìn Ìbílẹ Yorùbá*, onde são cultuadas inúmeras outras divindades (divindades estas chamadas de *Irúnmọlẹ* - Orixás) e não apenas *Ifá*, além de cultos restritos direcionados aos ancestrais, as mães veneráveis e a prática da magia.

É do conhecimento de todos também, que *Ifá* ou *Ọ̀rúnmìlà* ocupa um papel de destaque dentro dessa tradição religiosa, pois, é dentro de *Ifá* que se é detectado qual energia ou quais energias um determinado *Orí* precisa prestar culto para ter uma vida equilibrada e realizada. Veja bem, *Ifá* não promete riquezas, ele propõe equilíbrio, que deve ser conquistado com o esforço do devoto.

Dentro de *Ifá* existem alguns rituais, que determinam a função do individuo dentro do culto, como suas responsabilidades perante a divindade, isso é acreditado em toda *Yorubaland* (região *yorùbá*), ou seja, não tem a desculpa de que em determinadas aldeias é diferente, porque não são, todas sem duvidas respeitam esses critérios.

A seguir leia com atenção e descubra o que cada rito significa:

***ISÉFÁ*:**

Antes de qualquer coisa é preciso entender a etimologia desta palavra, ou seja, a origem da mesma. Miticamente falando, dentro do *odù Òséórógbè*, *Òsun* é a primeira divindade a passar por este ato, que literalmente quer dizer: *isé* (trabalho) + *fá* (*ifá*) , ou seja, trabalho de *Ifá*.

Este ato "não é uma iniciação", nele o individuo não recebe *orúko* (nome iniciático) tão pouco é sacado um *odù* para o mesmo, não! Este ato consiste em, um *bàbáláwo* prepara 16 *ikin* e entrega para uma pessoa que deseja cultuar *Ifá*, mas que não possui condições de realizar uma iniciação, ou seja, o *Ifá* é assentado para a pessoa.

O individuo que passa por isso, não possui direito nenhum dentro do culto, a não ser o de cultuar os *ikin* (*ifá*) que recebeu. Em algumas tradições, uma pessoa que passa por esse ritual deve após um determinado tempo fazer de fato a iniciação de *Ifá*, caso contrário este rito perde o valor.

***ITEFÁ*:**

A etimologia desta palavra consiste em dizer: *ita* (terceiro dia) + *fá* (*ifá*), três dias de *Ifá*, pois, a iniciação de *Ifá* pode ser feita em três dias, onde são feitos os atos principais da mesma, e onde o devoto no terceiro dia passa pelo ritual chamado Ita, onde é entregue um *ebo* ao *Oníta* (dono do terceiro dia) e onde as consultas oraculares são encerradas e o novo destino da pessoa é revelado.

Essa iniciação também pode ser feita em sete dias, o sétimo dia se faz um ato semelhante ao terceiro, porém é chamado de *ijè*. A pessoa que passa por essa iniciação é submetida ao *igbódù*, ou seja, é apresentado à*ÌyáÒdù* *(Odúlógbòjé)* em um local sagrado para ser reconhecido pela mesma, como

filho de Ifá e também para que a mesma permita que o *odù* (signo divinatório) do individuo seja revelado ao *bàbáláwo*. *Igbódù* é diferente de *Igbádù*, pois *Igbó'dù* é um ritual, Igbá'dù é um assentamento.

Homens e mulheres, idosos e crianças podem fazer *Itefá*, a fim de compreenderem melhor seu destino e isso não implica que eles tenham que se tornarem sacerdotes de *Ifá*, na realidade, é nessa iniciação que o *Ifá* determina se o iniciante tem caminhos para ser seu sacerdote ou não, mas lembro de que, ter caminhos não basta, é preciso mais que isso. Falarei disso adiante.

Quem passa pelo *Itefá*, pode começar a se aprofundar em *Ifá*, mas ainda não é permitida a prática com terceiros, e sim se aprofundar para conhecimento pessoal.

***ÌPÍNÒDÙ OU ÌPÁNÒDÙ*:**
A todos que fazem *Itefá* é fundamental que depois de um determinado tempo venham a fazer este ritual, o único problema é que, este ato não tem como ser feito fora da Nigéria, pois, necessita de uma série de materiais que só existem lá, além da presença de um grupo de *bàbáláwo*.

Este ato é feito em três dias, e tem como objetivo iniciar o devoto no culto de *Òdù (Ìyámi Òdù)*, a esposa mítica de *Ifá*. Nessa iniciação o devoto tem seu destino alinhado com *Òdù*. Ela permitirá ao devoto trabalhar com os sinais dos *Odù* sem risco de se contrair as negatividades do mesmo. Todos podem fazer este ritual, inclusive mulheres. A única coisa é que, apenas os homens recebem o assentamento de *Òdù*, chamado de *Igbádù*.

O indivíduo que passa por este ritual, mesmo recebendo *Igbádù*, não sai deste ato "feito *bàbáláwo*", de forma alguma, ele sai deste ato um devoto (iniciado) de *Òdù (Odùlọ̀gbòjé)*. Esta liturgia é um complemento para a iniciação de *Ifá*.

O QUE FAZ UM HOMEM *BÀBÁLÁWO*?

Na Nigéria, para um homem ser *bàbáláwo* ele precisa de:

- ter feito *itefá*.
- ter sido escolhido por *Ifá* para ser sacerdote.

Após isso, esse homem normalmente ainda criança, com 6 ou 7 anos de idade, irá viver na casa de seu *bàbáláwo* iniciador, ou próximo a casa do mesmo, e trabalhará para ele, auxiliando o mesmo tanto nos serviços domésticos como nas consultas, ètùtù e iniciações.

Este homem obviamente terá de ter feito também o *ìpínòdù* (iniciação em *Òdù*), como forma de se proteger de algumas negatividades.

Durante um período de quinze a trinta, anos este homem aprenderá diariamente com seu mestre, até que, o mestre do mesmo sinta que seu aprendiz está capacitado à ser avaliado por outros sacerdotes mais velhos. Este ato de avaliação é chamado de *ìko-àtẹ*. É feito publicamente, podendo levar 16 dias.

Nesse ritual o aprendiz é obrigado a recitar ao menos dois *ìtàn odù* de cada um dos 256 *odù*, como realizar a interpretação dos mesmos, e prescrever os *ètùtù* a serem feitos. Ou seja, é preciso "memorizar". Por isso o aprendizado leva anos.

A MEMORIZAÇÃO

O porquê memorizar? Pois, na hora de recitar os contos ele precisará buscar na sua memória, justamente aquele que o *Ifá* aponta para aquele consulente, e não todos. O que, se por um exemplo, for se consultar numa apostila, não se tem como saber qual realmente é o que o *Ifá* quer que seja revelado ao consulente.

Bem, sendo assim, caso aprovado, o aprendiz será reconhecido pela comunidade como um *bàbáláwo*, sacerdote de *Ifá* e irá ocupar um cargo dentro da *égbẹ̀ bàbáláwo* de seu mestre.

Se o aprendiz, na avaliação, precisa conhecer dois *ìtàn* de cada um dos 256 *odù* para ser reconhecido como bàbáláwo, ele precisa então conhecer ao menos 512 histórias de *Ifá*, que lhe serão úteis para interpretar o jogo de *ikin* ou *ọ̀pẹ̀lẹ̀-Ifá*. Mas, como o aprendizado não acaba nunca, um *bàbáláwo* completo, ou seja, um bom *bàbáláwo*, deve conhecer ao menos dezesseis histórias de cada um dos 256 *odù*, o que contabiliza 4096 histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente alguns aprendizes apressados e por não terem aprendido o principal mandamento de *Ifá*, a prática do *sùúrú* (paciência), nem se quer esperam serem avaliados, e já saem se alto-intitulando sacerdotes, sem nem se quer conhecer de fato o próprio *ìtàn odù* "deles mesmos", quem dirá dos outros *odù*...

Assim, recorrem a livros e apostilas, como se *Ifá* pudesse falar conosco através disso, vulgarizando este culto milenar, que sempre teve como base a memorização e oralidade.

É só uma questão de raciocínio: Se para jogar *ikin* e *òpèlè*, basta ver o sinal e consultar num livro ou apostila para ver o que aquele sinal (*odù*) fala, qualquer um pode ser sacerdote, e na realidade ser alto-suficiente, uma vês que, a memorização, vivência e oralidade aí seriam totalmente descartáveis.

Bem, acredito que através deste artigo consegui explicar bem o que realmente é cada rito dentro do *Ifá*, e o que faz de um ser humano sacerdote deste culto, se mesmo assim, as pessoas preferirem cair em mãos de sacerdotes recém-iniciados, aí é uma triste escolha do *Orí* de cada um, e *Orí burúkú* (cabeça ruim), dificilmente aceita um bom caminho...

Ifá gbéè àwa o!
Ire o!

FONTE:
INTERNET, disponível em:
<http://www.religiaoindigenaioruba.com/news/rituais-de-ifa-e-seus-significados/>
Contato com o autor: 11 96448-9094 (TIM)
ADAPTAÇÃO: Luiz L. Marins
CULTURA YORUBA
http://culturayoruba.wordpress.com



VAMOS FALAR DE *IFÁ*?



Marcio Gualberto
babalaô Ogbe Ate
(Rama Cubana)
25/05/2013

Minhas amigas e meus amigos, irmãos e irmãs do Candomblé, da Umbanda, da Jurema, do Batuque, do Tambor de Mina e de tantas outras tradições religiosas afro-brasileiras, quero lhes fazer um convite: VAMOS FALAR DE *IFÁ*?

Por que estou lhes fazendo este convite? Porque precisamos desmistificar *Ifá*; precisamos dirimir preconceitos; precisamos esclarecer questões que são fundamentais para que a compreensão sobre a base fundante de nossa religião Iorubá seja efetivamente compreendida por cada um de nós.

Este texto entrevista foi extraído da página pessoal do autor, no Facebook, e adaptado por Luiz L. Marins, especialmente para a revista on line Olorun (www.olorun.com.br).

https://www.facebook.com/marcio.gualberto/posts/10200921527668008

Luiz L. Marins

Àse Marcio. Agradeço a proposta, também estou interessado.

Confesso que não tive boa experiência com as pessoas de *Ifá* Cubano com quem conversei. Não foi possível uma entrevista sadia, pois às primeiras observações contrárias, mostraram-se arrogantes, prepotentes, respondendo com *fakes*, de forma muito mal educada.

Espero que você possa reverter esta impressão. Posteriormente postarei algumas questões, ok. *Ìlera*!

Marcio Gualberto

Como em todos os lugares, existem os bons e maus sacerdotes, há boas e más pessoas. No entanto uma coisa é certa, Orixá é vivo e te encaminha sempre para o lugar certo. *Ifá* é sempre certo, mesmo que haja maus sacerdotes. Hoje, sem medo de errar, posso te dizer que temos sacerdotes de *Ifá* muito sérios no Brasil. Venho de uma família grande e tradicional. Sugiro que você conheça o nosso trabalho e julgue por si só o que publicamos sobre *Ifá*: www.ifanilorun.com.br. Um grande abraço.

Luiz L. Marins

Ok. Marcio... por favor, para que conheçamos melhor o *Ifá* Cubano, precisamos falar sobre seus "ritos de passagem". Por gentileza, poderia informar quais, quantos, como se chamam, quanto tempo duram, e que direitos dão cada um deles ao iniciante? As respostas podem ser resumidas, obrigado.

Marcio Gualberto

O primeiro passo é fazer um jogo ou *osode*, como dizemos. *Ifá* é para todos, qualquer pessoa pode se iniciar, pois o objetivo é conhecer seu *odù*. A iniciação dura três dias. Se o homem tiver caminho de babalaô e quiser seguir este caminho, aí a iniciação é mais demorada, mas não é correto detalhá-la numa rede social.

Luiz L. Marins

Obrigado por responder Marcio. Entenda, não estou pedindo para detalhar a iniciação, peço apenas apenas para resumir quais os ritos de passagem. Sem isto, não é possível formar um entendimento melhor do que é o *Ifá* Cubano, conforme foi proposto por ti na chamada deste post.
Por exemplo: Zarcel Carnielli resume assim no *Ifá* nigeriano:

1. *Iséfa*.
2. *Itefa*.
3. *Ìpánòdù*.
4. *Awo*.

Existiriam estes mesmos passos no *Ifá* Cubano?
É isto que pergunto.

Marcio Gualberto

Não, apenas dois: *awofakan* e babalaô. Nada mais que isso.

Um iniciado como babalaô é *awo* até os seus primeiros sete anos, ou até que prove aos seus mais velhos uma base de aprendizado sólida para aí, sim, tornar-se efetivamente um babalaô. No geral, usa-se o termo babalaô porque foi o que mais se difundiu. Mas nós somos *awos ni Òrúnmìlà*.

Luiz L. Marins

Ok, grato Marcio. Quais direitos e deveres recebe o neófito em cada rito de passagem?

Luiz L. Marins

Então Marcio, pelo que entendi, além dos dois ritos citados anteriormente, há um terceiro rito definitivo, após alguns anos? Qual seria o nome que se dá a ele?

Marcio Alexandre M. Gualberto

Não necessariamente leva os sete anos, pode levar 20, como pode levar 3 ou 4, até porque o nome babalaô esta relacionado ao pai do segredo, portanto se um determinado *awo* estuda e se qualifica dentro dos *odù* de *Ifá*, aprende os rituais cerimoniais básicos, e aprende a jogar, ele pode atuar como babalaô, embora tenha sempre que estar aprendendo com seu *Olúwo Siwa*ju e assim sempre se suplantará...

A primeira iniciação na religião, para o homem chama-se *awofakan* (uma parte do segredo). O termo *atefa*, ou *itefa*, para nós tem haver com o ato de escrever o *odù* no tabuleiro, ate (tabuleiro de *Ifá*) *fa* (*Ifá*), qualquer ato de estar com os *ikin* na mão em busca de um *odù* para ser escrito no tabuleiro se chama *itefa*...

A primeira iniciação dura três dias, e no ultimo dia chamamos de Ita (terceiro dia) onde é feito cerimonias ao sol, e logo o *atefa* do *odù* do recém iniciado que é tirado por um babalaô da casa, ou o padrinho na frente do neófito, após esse passo são entregues os Orixás, e os *ìlẹ̀kẹ̀* do iniciado...

O nome dessa cerimonia para o homem chamasse "*awo Ifá kan*", e para as mulheres "iko Ifá". Dentro do mesmo ritual existe o passo de *atefar*, como também o de *Ita*, são variações de rituais para a mesma cerimonia...

Luiz L. Marins

Obrigado Marcio, penso que compreendi os ritos de passagem, me corrija se eu estiver errado ... O primeiro rito é o "*awofakan*". Neste passo ele recebe seus *ikin* e *odù* de iniciação, mas ainda não pode divinar para terceiros, ou seja, ainda não é um *awô*. Seria isso?

Marcio Alexandre M. Gualberto

Caso esse novo iniciado tenha caminho para babalaô, visto em seu *odù* de Ita de "*awo Ifá kan*", será dito a ele, e o mesmo trilhará para um outro estagio: preparar-se para se iniciar como babalaô.

Os cerimoniais de iniciação para babalaô duram sete dias, onde o mesmo passará por vários ritos secretos. A única cerimonia que pode ser vista pelo publico é a do *Ijoye* (grande dia). Nesse dia, o recém iniciado será apresentado com *Alawo Ni Òrúnmìlà* (um babalaô ainda sem conhecimentos). É um dia de festas, onde o recém iniciado cumprimenta pela primeira vez as pessoas como babalaô...

Com essa cerimonia, o recém iniciado pode jogar *òpèlè*, participar das cerimonias secretas de *Ifá*, pode participar das outras iniciações de *Ifá*, e começar aprender, mas não poderá ter ainda afilhados (iniciar ninguém)..

Após um ano o *Alawo* ganha o direito receber seu "*kuarnardo*" (cerimonia que lhe da o direito de imolar animais, de atuar como babalaô em cerimonias). Após esse ritual passa a se chamar "*awo ni Òrúnmìlà*", ou

bàbáláwo que para nós significa a mesma coisa, porem *awo* é ainda o iniciado em aprendizado (que para mim seria para sempre, pois um *awo* nunca saberá tudo de *Ifá*.)

Pode ser chamado de babalaô todos os *awô* que tenham suas cerimonias realizadas e que saibam pelo menos um pouco de cada um dos 256 *odù* de *Ifá*, e as cerimonias básicas.

Assim temos:
Olúwo - todo aquele que tenha afilhados como *awô Ifá Kan*, ou *Ikofá*...
Olúwo Siwaju - chefe de uma rama, que tenha outros babalaôs feitos por ele..

Oba Kolagba Olófin - aquele que passou por todos os processos iniciáticos, tenha tudo o que foi dito acima, e tenha recebido *Oodun* (*Olófin*)...

Luiz L. Marins

Grato Marcio, está começando a formar sentido. Então *awofakan* é o primeiro passo onde o iniciado recebe uma mão de *Ifá* e seu *odù* dentro da religião, mas não é um *awo*, não pode divinar, nem participar dos rituais mais internos do *Ifá*.

O segundo passo, se a pessoa tiver caminho para isso, será a iniciação de como babalaô, onde (suponho) receberá sua segunda mão de *Ifá*, *ọ̀pẹ̀lẹ̀* e outros objetos rituais. Neste passo já pode ser chamado de babalaô e participar dos rituais internos, mas ainda não tem conhecimentos para divinar para terceiros. Agora vem a próxima pergunta:

Em que momento o babalaô é liberado para divinar para terceiros? Este momento seria outro rito de passagem? Se sim, que nome tem este rito?

Marcio, estas perguntas não são um teste, não tenho a intenção de prova-lo em nada. Estou apenas solicitando esclarecimentos, mas sinta-se à vontade para não responder, se entender que não deve, ok. Não quero criar conflitos com seus pares religiosos. Por favor.

Marcio Alexandre M. Gualberto

Esse terceiro passo, quando o babalaô está liberado para jogar para outras pessoas é o momento em que seus mais velhos, principalmente o padrinho e *ojubona* testam o conhecimento do *awo* para saber se ele está com o mínimo preparo.

Estando, ele primeiro é liberado para jogar acompanhado de seus mais velhos, até que haja segurança suficiente para que ele possa atender sozinho.

Em termos cerimoniais, apos o "*kuanado*", ele já pode participar de tudo. Mas o caso da manipulação do *òpèlè*, e de atender às pessoas ,os critérios são estes expostos agora.

Logicamente, Luiz Marins, isso ocorre na minha família religiosa. Em outras, os critérios podem ser diferentes, mas foi assim que meu *Olúwo Siwaju* aprendeu dos mais velhos dele, e é assim que ele nos ensina.

Luiz L. Marins

Entendi. Marcio, este teste que libera o babalaô para realizar consultas teria algum nome específico? É necessário que ele saiba recitar *ìtàn*, por exemplo?

Marcio Alexandre M. Gualberto

Não tem um nome específico, mas passa por um processo de avaliação, que vai de conhecer os *odù*, os *patakins* e, principalmente as interpretações relacionadas a cada um destes.

Luiz L. Marins

Ok Marcio .. quero falar agora sobre um objeto ritual que chamou-me a atenção. Trata-se do colar *ogbegunda*, que possui vários gomos multicoloridos. A pergunta é:

Estes gomos de cores separadas representam os Orixás, os *odù*, ou não é isso? Quando o babalaô recebe este colar e por que? O que significa dentro do *Ifá* Cubano o uso deste colar? É um instrumento divinatório?

(desculpe as perguntas cumuladas)

Nota de Luiz L. Marins

Neste momento entra na post uma entidade de nome *Ifá Ni Lórun*, que presta esclarecimentos importantes, apesar de anônimo.

Ifá Ni L'Ọ́run

Desculpe a intromissão no assunto.

Senhor Luiz, o colar *ogbeyono*[32] é utilizado pelos babalaôs na hora de *tefar*, isso prescreve no *odù* *Ogbe-Ogunda*, onde os babalaôs se enfermavam, e para se proteger da influencia negativa dos *odù* na hora de *atefar*, foi ornamentado o colar "*ogbeyono*". Os gomos referem-se às principais divindades com as quais os babalaôs trabalham.

Existe também o "*iyanifa*", que é um colar que representa os *odù*, ou seja, cada *odù* tem um, porem o mais utilizado pelos babalaôs é o "*ogbeyono*".

Completando, a ultima colocação do babalaô Marcio Alexandre M. Gualberto. O processo de liberação consiste em quatro passos importantes de acordo com a ramificação:

Primeiro: o *olúwo Siwaju* avalia o grau de interpretação dos *odù* (versos, patakis) não só memorizar, a parte da interpretação é fundamental.

Segundo: memorização de um pedaço de cada *odù*.

Terceiro: saber fazer *ebo* de tabuleiro, saber fazer os rituais específicos básicos de cada cerimonial.

Quarto: a fé, a religiosidade e conceitos básicos que devem ter um babalaô para não se desvirtuar, e nem desvirtuar ninguém.

---

32 *Ogbeyonu* é um aliás para o *odù ogbe-ogunda*, mas que aqui é o nome dado ao colar utilizado pelos babalaôs cubanos. Para saber mais sobre os "aliás de *odù*", ver FAMA, *Sixteen Mythological Stories of Ifá, Ilé Orunmila Comm.*, 1994, p. li)

Esse processo da parte litúrgica, em minha casa de *Ifá*, como também em Cuba, é feito da seguinte forma:

Logo que o iniciado vai participar de das cerimonias religiosas no *ilé* de seu *Olúwo*, a medida que for aprendendo com os livros, e com a pratica, terá que realizar (o ato) na frente de seu *Olúwo* e seu o*jugbona*, pois serão eles que vão darão a liberação a partir de então para realizar tal ritual, ou seja, terá que mostrar a seus superiores que aprendeu, e assim feito, poderá fazer para outras pessoas. No caso da interpretação dos *odù* é feito da mesma forma.

Em todos os rituais de iniciação existe a cerimonia de *itefa* no *ìtàn* (*awôfakan e ikofafun*), onde é sacado o *odù* do iniciado(a). Geralmente, nessa cerimonia participam de 8 a 10 babalaôs que, um por um, interpretam o *odù* que saiu no *atefa*. Nessa hora, do mais novo ao mais velho, todos orientam o iniciado de acordo com o *odù* revelado.

Nesse momento é que temos a oportunidade de aprender a interpretação dos mais velhos ali presentes, como também de mostrar nosso conhecimento e grau de interpretação de um *odù*, ao nosso *Olúwo Siwaju* presente nesse momento. Assim ,de cerimonia em cerimonia, o babalaô vai se desenvolvendo, crescendo, e de acordo com a absolvição dos conhecimentos e dos estudos, o babalaô ganhará a autorização de atuar sozinho, essa autorização depende da avaliação de seu maestro de *Ifá*.

Já presenciei babalaôs com três anos de *Ifá* que já atuavam em seus respectivos ilê como babalaôs, e já conheci outros com sete anos, e ainda não aprenderam o suficiente para isso...

Não existe um nome cerimonial para este liberação, porem a mesma se encontra descrita no *odù Ogunda Meji* onde prescreve que: "...temos que aprender com nossos maiores, e depois praticar na sua frente para mostrar que aprendemos..."

Luiz L. Marins

Obrigado ao Marcio e a *Ifá Ni Lòrun* pela gentileza das explicações, são muito proveitosas para todos.

Por favor, poderia informar a qual família religiosa pertence a página *Ifá Ni Lòrun*? O motivo do pedido é por que estamos registrando este diálogo e precisamos identificar os interlocutores, apenas isso.

Ifá Ni L'Órun

O site *Ifá Ni L'Órun* pertence a família *Ifá Ni L'Órun* do *Olúwo Siwajú* Evandro *Otura Airá*, Pedra de Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro

Luiz L. Marins

Continuando, então sobre o colar *ogbegunda*, trata-se de uma proteção, cujas cores representam os orixás cultuados pelo *awô*, mas (isso é importante), não é utilizado como oráculo, e não tem nenhuma função divinatória. Suponho que somente um babalaô pode usa-lo, estou certo?

Marcio Alexandre M. Gualberto

O *ogbeyono* é cerimonial, tão somente.
Simboliza a autoridade religiosa do babalaôs, por isso seu uso é exclusivo e restrito.



Colar ogbegunda utilizado por babalaôs cubanos. Fotógrafo desconhecido.

Outra imagem do colar ogbegunda - foto Marcio Gualberto



Luiz L. Marins

Ifá Ni Lórun, obrigado pela informação, será registrado. Todas as informações prestadas gentilmente neste espaço mostram a seriedade do *Ifá* Cubano, eu agradeço.

Gostaria de falar agora um pouco sobre a filosofia religiosa.

Li em vários posts uma expressão que repete-se inúmeras vezes, e chamou-me a atenção qual seria o entendimento filosófico do *Ifá* Cubano ao repeti-la tanto:

"... tal orixá nasce de tal *odù*... tal *odù* deu nascimento a tal orixá..." .

Pergunto: Quais são os significados teogônicos e teológicos embutidos nesta expressão?

Ifá Ni L'Órun

Boa noite Luiz L. Marins!!

Quero ressaltar que os estudos praticados dentro de nossa tradição se apoia no que chamamos popularmente de caminhos (*patakis*, *ìtàn*, ou versos, etc), que para nós é a célula de todo contexto filosófico de *Ifá*...

Durante os anos que *Ifá* se desenvolveu em Cuba, surgiram algumas expressões didáticas para dar ênfase a uma determinada particularidade de um *odù*, facilitando assim o entendimento dos neófitos sobre o mesmo, também para que, através de tal expressão, conseguíssemos distinguir com facilidade os pontos fortes de um determinado *odù*.

Respondendo a sua pergunta senhor Luiz, essas expressões existem como método de estudo de nossa tradição. Sabemos que *Ọ̀rúnmìlà* utiliza os *odù* para manter sua conversação, assim, o termo "nascer" significa que através da analogia de um *odù* especifico foi possível chegar "à consciência da existência de divindade". O termo "nascer" aparece sobre outros assuntos, e eles surgem de acordo com a "necessidade de nascimento de uma atitude ou questão", carente na analogia do próprio *odù*... É um prazer senhor Luiz poder dialogar nesse espaço!!!

Luiz L. Marins

Entendi; seria uma forma de expressão que facilita o ensinamento.

Em 1995, *Afolabi* Epega e Philip Neimark lançaram o livro *"The Sacred Ifá Oracle"*, e na página 399, dentro do *odù Okanran-Eguntan*, narra a criação da terra por *Ọ̀rúnmìlà*, e não por *Ọbàtálá* ou *Odùduwà*, que são as versões mais tradicionalmente conhecidas.

Então pergunto, e por favor, corrija-me se estiver equivocado:

_ As recentes escolas de *Ifá*, sejam da África ou de Cuba, estariam recriando a mitologia de forma que *Ọ̀rúnmìlà* assuma também a função de criador? Se sim, qual seria, ou, que função restaria, a *Ọbàtálá*?

_ E se assim for, poderia a expressão citada no post anterior significar que *Obàtálá* "nasceu" da vontade de *Òrúnmìlà*?

Ifá Ni L'Órun

Nosso tradicionalismo religioso filosófico sustenta a criação do mundo e da humanidade, por *Obàtálá* e *Odùduwà*. *Òrúnmìlà* é testemunho da criação, e não um criador..

O termo "nascer", como disse anteriormente, se refere "nascer para a consciência humana". Entendemos que através de *Òrúnmìlà*, toda a criação pode ser testemunhada, e logo transmitida aos homens através dos *odù* de *Ifá*, que é por onde *Òrúnmìlà* estabelece sua conversação com o babalaô. *Òrúnmìlà* é compreendido por nós, babalaôs, por meio dos *odù* de *Ifá*, onde toda a criação foi registrada.

Os *odù* justificam a existência de uma determinada divindade, para a compreensão de nós seres humanos. Através dos *odù* podemos de fato ter a certeza de como tudo foi criado.

A missão de *Òrúnmìlà*, nesse cenário, foi de testemunhar a criação. Sua missão com *Olódùmarè* foi de transmitir aos homens o sentido dela, e quem foram os respectivos criadores, e essa comunicação de *Òrúnmìlà* com a humanidade é feita através dos *odù*.

Luiz L. Marins

Prezado *Ifá Ni Lorun* e Marcio Gualberto, agradeço a atenção e a boa vontade, parabenizando-os, pois após estes esclarecimentos oferecidos de forma cordial e educada, nossos horizontes se alargam e nossa visão se ilumina com relação ao *Ifá* Cubano.

Encerrando minha participação, desejo muito à*se* a todos.

Muito obrigado !

Adaptação: Luiz L. Marins
CULTURA YORUBA

http://culturayoruba.wordpress.co



Visite o Portal Axé Nagô Kóbi, assim como carinhosamente é chamado, o Nagô Kóbi, *Nàgó'kọbí* (nascer primeiro, ou, refere-se ao primeiro *Aláààfin* cultuado nesta nação), *Nàgó Kọbì* (construção no palácio do rei ou do chefe; cidadela), refere-se a uma das raízes (*Kànbínà*) da Nação *Òrìṣàísta* Afro-sul, conhecida por Batuque, que nada mais é que um oríkì (homenagem) a esta Nação, o Axé Nagô Kóbi foi criado pelo *Bàbálòrìṣà* Erick *Òòṣààlá*, para atender às necessidades e bem-estar de todos os filhos e filhas do *Òrìṣàismo* Afro-sul no território nacional.

www.kobi.olorun.com.br


APAE
DE SÃO PAULO


Ọlọ́run